

Leanne Payne

Imagens

RESTAURANDO A INTEGRIDADE PESSOAL POR MEIO DA ORAÇÃO

Partidas

Editora  Sepal

Leanne Payne

Imagens

Partidas

**Restaurando a integridade
pessoal por meio da oração**

EDITORA SEPAL

IMAGENS PARTIDAS

Restaurando a integridade pessoal por meio da oração

Leanne Payne

ISBN 85-8825 -01-8

Do original em inglês, *The Broken Image, A Hamewith Book*,
Baker Brooks, Grand Rapids, Michigan 49516.

1ª edição em português - junho 2001

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Judith Ramos

Billy Viveiros

TRADUÇÃO - Elisabeth Gomes

REVISÃO

Texto - Sandra Mazzoni Tortorello

Estilo - Billy Viveiros

CAPA - Magno Paganelli

PROJETO GRÁFICO - idéia dois design -[II] 6163-4741

IMPRESSÃO - Imprensa da Fé

© Editora Sepal

Caixa Postal 2029

01060- 70 - São Paulo – SP

Fone: (Oxx) 11 5523.25

Fax: (Oxx) 11 5523.2201

[e-mail: editorasepal@uol.com.br](mailto:editorasepal@uol.com.br)

homepage: www.editorasepal.com.br

© Todos os direitos reservados à Editora Sepal. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sem autorização escrita da editora. Salvo outra indicação, as citações bíblicas são da Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Dedicatória

*Para todos os que sofreram, ou ainda sofrem
a crise de identidade homossexual,
especialmente os que acreditavam que
não houvesse ajuda ou solução.*

Sumário

Prefácio	6
Agradecimentos	8
Capítulo um A história de Lisa: memórias reprimidas.....	
Capítulo dois Causas da homossexualidade: teorias contemporâneas	
Capítulo três A história de Mateus: crise de identidade	
Capítulo quatro A busca de identidade conforme as Escrituras	
Capítulo cinco A crise de identidade conforme as Escrituras	
Capítulo seis Escutando a palavra que cura	
Apêndice: Ouvindo nossos sonhos	
Notas	

Prefácio

A homossexualidade é vista como uma das mais complexas neuroses sexuais. A condição para a cura de Deus, apesar de crença contrária amplamente divulgada, é surpreendentemente simples. Este é um livro sobre como devemos orar para alcançar a cura desse problema.

As histórias neste livro foram selecionadas como as mais representativas entre as pessoas às quais eu ministro. Detalhes, tais como nomes e lugares, foram mudados a fim de proteger pessoas cujas vidas foram aqui expostas para exame. Há nessas histórias pessoais, exemplos clássicos de sofrimentos que podem levar as pessoas a uma crise de identidade homossexual.

Nenhuma dessas histórias foi escrita fácil ou levemente, pois estou maravilhada com a profundidade do que significa ser um ser humano; alguém, sobre quem já se disse:

"É algo sério morar numa sociedade de possíveis deuses e divas, lembrar que a mais maçante e desinteressante das pessoas com quem você conversa poderá ser, um dia, uma criatura que, se você agora a visse, teria forte tentação de adorá-la, ou então, sentiria o horror e a corrupção que hoje só se vê num pesadelo. O dia todo estamos, em algum grau, ajudando-nos uns aos outros a chegar a um desses destinos. É, à luz dessas possibilidades deslumbrantes, com o senso de maravilha e circunspeção apropriados, que devemos conduzir nossos empreendimentos uns com os outros, todas as amizades, todos os amores, todas as brincadeiras, toda a

política. Não existem pessoas comuns. Você jamais conversou com um mero mortal".

Também estou maravilhada com o significado de ser discípulo de Cristo. O seguidor de Cristo é alguém que foi libertado das cadeias e está, em virtude da presença d'Ele em seu interior, comissionado a tirar as cadeias de outros. Ao fazer isto, existe a responsabilidade de guardar inviolado o mistério essencial e a integridade das almas às quais ministramos. As histórias, nas páginas a seguir, são de pessoas muito queridas para mim. À medida que essas pessoas foram se transformando, cada uma delas, passou a me abençoar e fortalecer.

Agradecimentos

*M*inha gratidão à Agnes Sanford por ter sido e continuar sendo (aos 83 anos!) quem ela é. Tem sido magnífica pioneira na arte da oração de cura. Agradeço-lhe também por sua generosa permissão de citá-la nas páginas deste livro.

Sou grata também ao Rev. Bennett J. Sims, Herman Riffel, Barbara Schlemon, Philip Vaswig e Pr. Alan Jones pela permissão para citá-los e a Walter Hooper pela generosa permissão de citar as cartas de C. S. Lewis escritas a Sheldon Vanauken e ao Sr. Masson.

Finalmente, sou grata a todos que me encorajaram em oração enquanto eu escrevia este livro. Embora espalhados numa linha desde as águas do extremo norte da Columbia Britânica até as águas mornas do sudeste da Flórida, somos todos um no Senhor e em oração a Ele. Bob e Ann Siegel, Rhonda Hegberg, Ted e Lucy Smith e Bernie Klamecki são aventureiros em oração dos quais dependi muito. A Deus toda nossa gratidão e louvor.

A História de Lisa: Memórias Reprimidas

Lisa, loira, alta e muito bonita, veio ao culto onde eu falava sobre o poder de Deus para vencer os temores e curar os sofrimentos mais profundos do coração - aqueles que paralisam e incapacitam nossos sentimentos e nosso ser emocional. Compartilhei também como Cristo pode trazer paz e luz onde antes só havia dor e escuridão. Enquanto Lisa assistia às diversas palestras, começou a ter nova esperança de que algo pudesse, realmente, ser feito por ela. A vida toda ela conhecera sofrimento emocional e mental e, em pelo menos duas tentativas de suicídio, mergulhara perigosamente fundo nas tenebrosas águas da angústia e do desespero. No final das mensagens, pedi ao Senhor que estivesse conosco com todo o Seu poder de cura e trouxesse das profundezas da mente as memórias que precisassem ser curadas, bem como, que estas pudessem ser enfrentadas adequadamente diante de um grupo de centenas de pessoas. Enquanto isso acontecia às pessoas que começaram, ali, a ser curadas por Jesus, nada parecia acontecer com Lisa.

No dia seguinte, uma voz apática e desprovida de esperança falou-me através

do telefone da casa pastoral: "Fui à sua reunião e nada aconteceu", disse-me ela.

Percebi sua enorme carência e soube que era alguém cujas lembranças e coração teriam de ser preservados num culto público. Sempre peço ao Senhor que faça isto. Ele sabe exatamente o que poderá surgir e isso deverá ser ministrado dentro de um grupo. Tenho o cuidado de pedir a Ele que não permita que algo doloroso demais, ou profundo demais, surja onde não haja a necessária privacidade, nem que algo ocorra sem que haja uma pessoa por perto com dons e experiência suficientes para ajudar tais sofredores. Suas próximas palavras confirmaram meu sentimento de que ela fosse uma dessas pessoas.

"Ontem à noite, depois do culto, tive um sonho que já se repetiu muitas vezes", disse Lisa. Olhei para baixo e vi meu braço; os poros da pele eram como uma rede de pesca. Debaixo dessa rede vi o que sempre vejo: uma negra massa cancerosa.

Esse sonho revelava claramente como ela percebia a si *mesma*. Não era de surpreender que as tristes memórias por trás da sua percepção interior não tivessem aflorado no grupo. Ela tentara recentemente tirar a própria vida.

Como estudante de medicina tendo, não só o conhecimento, mas também, acesso às drogas, ela quase conseguiu. Foi parar numa Unidade de Tratamento Intensivo, onde ficou vários dias, inchada e deformada, com quase o dobro de seu tamanho normal; sua própria família não a reconhecia e foi informada que Lisa não sobreviveria. Ela, porém, sobreviveu, mas, quando recobrou a consciência, disseram-lhe que a *overdose* de drogas que ingerira havia danificado sua mente de maneira irreversível. As circunstâncias de seu passado recente, portanto, demonstravam a seriedade de seu sonho e o que este estava comunicando.

Alguns sonhos revelam "material" particularmente perigoso das profundezas da mente, e quando estes são revelados no divã do psicanalista, esse profissional sabe como proceder com cautela. Da mesma forma age o ministro que ora pela cura de memórias de determinada pessoa. Embora nenhuma oração por cura de alma

deva ser entendida superficial ou presunçosamente, eu sabia que a oração em favor da cura de Lisa requereria extraordinária cautela tanto em ouvi-la quanto na colaboração com o Espírito Santo. Ao mesmo tempo, eu aguardava com alegria para ver o que Deus iria fazer. Tal fé jamais deverá ser motivo de orgulho, pois é um dom dado especificamente para o momento. Quando Deus nos envia em uma missão, Ele nos capacita com a fé e a confiança necessárias para fazermos o que nos manda. Assim, convidei Lisa para vir à casa pastoral onde eu estava hospedada. Assegurei-lhe que o Senhor estaria entrando e iluminando com Sua presença curadora aquela escuridão das profundezas de sua mente, de onde, repetidas vezes, vinha esse sonho.

Quando ela chegou, descobri mais um pouco de sua história, incluindo um relacionamento lésbico que tivera na infância. Ela jamais fora feliz como criança e sentira o desespero da solidão. Embora criada num lar com pai e mãe, era totalmente desligada de ambos. Sua mãe, reagindo à barreira emocional imposta pela filha, havia se tornado cada vez mais ciumenta e dominadora com a menina. O comportamento da mãe foi, também, se tornando cada vez mais neurótico, a ponto de causar embaraço à Lisa. O pai era distante e inescrutável - apenas alguém que de vez em quando lhe trazia um brinquedo. Bem cedo reconheceu que o comportamento do pai a seu respeito era algo que a mãe jamais permitiria ser diferente. Mesmo assim, não sentia desejo de proximidade com a mãe ou com o pai, resistindo firmemente às tentativas da mãe em ganhar seu afeto e lealdade. Assim, ela era mais vulnerável que a maioria das crianças e no verão, após sua formatura do primeiro grau, caiu nas mãos de uma professora lésbica.

Os anos de sétima e oitava séries foram dominados e assombrados por essa relação. Incapaz de se livrar daquilo que sabia ser errado, ela começou a ruir mental e emocionalmente. A essa altura, contou à conselheira da escola sobre o seu relacionamento com a professora e foi imediatamente encaminhada a um psiquiatra. Antes do segundo colegial, ela já tinha passado por dois psiquiatras. Embora livre do

primeiro relacionamento, começara a fumar e a tomar calmantes. O caso ficou conhecido e Lisa, sempre solitária, passou o final de seus anos de colegial mais sozinha do que nunca. Fortemente rejeitada por seus colegas, ela experimentava os comentários maldosos que acompanham esse tipo de situação entre adolescentes. Mas ainda mais difícil de aceitar eram os esforços desesperados de uma mãe distante e emocionalmente perturbada, para, de algum modo, endireitar os terríveis eventos que ocorreram na vida da filha. Ela a proibiu de fazer amizade com meninas (uma possibilidade, então, já muito remota) e sempre a pressionava a sair com rapazes, o que a assustava muito. Não é de se surpreender que no verão, após a formatura do colegial, sua dependência de drogas aumentara assustadoramente e Lisa procurava cada vez mais outras vias de escape.

O interesse de Lisa pelos estudos constituíram-se sempre numa fuga genuinamente construtiva e criativa das terríveis pressões que ela sofria - dada a solidão em que vivia - de maneira que, mesmo nos piores tempos, ela se saía bem nos estudos. Assim, ela foi prontamente aceita no curso preparatório de medicina, na faculdade de sua escolha. Nesse tempo ela sofria de depressão profunda e não conseguia enfrentar a vida sem as drogas. Mesmo assim, completou os estudos preliminares em artes e continuou se preparando para o curso de medicina. O inevitável fim de tal existência, porém, estava próximo e seis semanas após iniciar o curso, tomou *a overdose* que quase acabou com sua vida.

Enquanto se recuperava lentamente da tentativa de suicídio, Lisa sabia no íntimo, que não havia ajuda fora de Deus. Quando tinha seis anos, freqüentara a escola dominical e havia pedido a Jesus que entrasse em seu coração. Sempre quis conhecê-Lo. Nas férias, antes de começar a faculdade - já como forte usuária de drogas - tinha encontrado uma *coffee house* cristã, mas, incapaz de suportar a dor psíquica sem as drogas, não manteve a ajuda e o encorajamento que lá encontrou. Agora enfrentava o fato de que ainda estava viva e de que, além das velhas trevas interiores, seu cérebro já não era o mesmo. Enquanto mais uma vez estendeu as

mãos para Deus, em sua mente perturbada veio a idéia de contatar um centro cristão que tratava de jovens envolvidos com drogas e ocultismo.

Como quis a amável providência divina, quando Lisa telefonou para esse centro de recuperação, a pessoa que atendeu era uma moça cheia de fé que assegurou a Lisa que, ali, ela teria ajuda para sua mente e, também, para seu corpo e espírito. Lisa precisava muito ouvir isso. Encorajada pela expectativa e alegria dessa mulher, Lisa pediu para ser aceita num dos programas daquela clínica.

Quando a conheci, ela estivera no centro de recuperação já por cinco ou seis meses e passara a amar essa conselheira cheia de fé. Estava ligada a ela com a tenacidade de alguém que se afogava, segurando a corda de uma bóia salva-vidas. Isso eu via sem que ninguém me dissesse, pois ela trouxera à casa pastoral sua recém-descoberta "mãe", cujo aspecto exausto testemunhava noites sem dormir devido à sua vocação ministerial. Seu rosto brilhava (eu sabia que ela estava orando) com a confiança de que o Senhor faria algo maravilhoso para Lisa, embora ela não soubesse com certeza o que significava a "cura de memórias".

Oração pela Cura de Memórias

Sentamo-nos confortavelmente sobre o tapete com as costas contra um sofá amolhado e começamos com sua história. Eu a ungi com óleo e colocando as mãos sobre sua testa pedi ao nosso Senhor, cuja presença já havia invocado, para ajudá-la a voltar em suas lembranças até o momento de sua concepção. Orei por ela, tal como ela era naquele momento e, depois, enquanto ela crescia no ventre de sua mãe. Orei por ela na hora de seu nascimento para verificar se encontrava a lembrança que explicasse seu afastamento dos pais e as trevas internas que ela conhecera. Mas nada errado foi revelado ali. Todavia, percebi, logo em seguida, que os primeiros cinco anos de sua vida estavam bloqueados em relação às suas lembranças. Ela tinha dolorosa consciência de memórias após esse período, com a

miséria e culpa decorrentes, e lembrava disso com clareza e facilidade, mas não parecia se preocupar por não se lembrar de nada até os cinco anos. Graças a um discernimento, dom conferido por Deus, eu percebi que a memória chave, ou lembrança raiz, estava trancada dentro do banco de memórias reprimidas de seus primeiros cinco anos.

Há muitas pessoas que se lembram pouco dos seus primeiros anos e não possuem memórias reprimidas ou traumáticas - quem sabe suas vidas eram apenas vagarosas e sem eventos marcantes; não havia nenhuma alegria extraordinária nem grandes ansiedades. Ao contrário, há pessoas cujos primeiros anos, vividos em circunstâncias de falta de amor e desprezo mortal, são cativos de lembranças que o melhor que posso descrever são como longos borrões cinzentos. A lembrança é de natureza tonal; existe ali uma certa tristeza, mas nenhuma lembrança específica de eventos traumáticos no consciente ou na mente profunda. Um caso como esse requer oração específica também por cura. Mas não era o caso de Lisa, e pelo Espírito de Deus, eu sabia disso.

Pedi, então, que o Senhor trouxesse à mente a memória desses cinco anos que estavam por trás do medo e das trevas Lisa conhecia em sua alma - em seu ser emocional e sentimental. Nem sempre a lembrança raiz surge primeiro, mas muitas vezes a memória daquilo que conduz a essa lembrança raiz, como foi no caso de Lisa. No primeiro cenário ela viu sua mãe chorando. Perguntei-lhe por que ela estava chorando, e isso imediatamente trouxe à frente a memória chave: uma cena que descreveu com certeza a razão de Lisa sentir-se alienada dos pais, incapaz de receber seu amor.

Quando essa lembrança começou a subir ao nível de percepção consciente, ela gritou:

“Ah não! Ah não! Não agüento!”

A memória tinha sido reprimida porque ela não conseguia viver com ela.

Lembrei-lhe com ternura e firmeza que Jesus estava presente para entrar em sua lembrança e curá-la, e ela conseguiu deixar que a memória traumática viesse plenamente à tona em sua consciência.

A Memória Raiz

Ela tinha três anos, talvez pouco mais, e nessa lembrança seu pai estava abusando dela sexualmente, forçando-a a atos de *felácio*. Sua mãe entrou e, em vez de tratar da situação com o pai e consolar a criança, agarrou a menina e jogou-a para o outro lado do quarto, contra uma parede. As palavras do pai para a mãe ressoaram mais uma vez pela sua cabeça:

"Mas que bobagem! Ela nunca vai se lembrar!"

E foi exatamente o que aconteceu durante os dezenove anos seguintes. Ela esqueceu do ocorrido até os vinte e dois anos, quando, após uma vida de solidão e sofrimento, a lembrança veio à tona.

Esse evento, embora rapidamente suprimido, foi o início do afastamento de Lisa de seus pais. Como resultado, ela não apenas tornou-se cada vez mais *separada* deles, como também, carregada de culpa. A revolta da mãe pelo que lhe acontecera é certamente compreensível, mas, infelizmente, incluiu sua filhinha. Com raiva estúpida pelo ultraje, ela empurrara Lisa para longe, como se a criança fosse, não só responsável pelo ato, como também irremediavelmente maculada por ele. Embora a lembrança fosse logo perdida para a consciência, estava como um câncer no fundo do coração de Lisa, enviando-lhe a impressão de que ela tinha culpa e era, de alguma forma, suja. O sonho de olhar através dos poros da pele e ver uma negra massa cancerosa era testemunha constante da presença da memória enterrada que jamais fora curada.

Claro que essa é a espécie de memória que os psicólogos mais criteriosos procuram. Uma vez trazida à tona, a percepção que se tem dos problemas daquela vida é enorme. Isso por si só não basta, mas *pode* iniciar o processo de cura. No caso de Lisa, o próprio Senhor Jesus trouxe à lembrança o que tinha de ser curado e Ele

mesmo foi ao encontro daquela lembrança, capacitando-a a perdoar o pai e a mãe e as circunstâncias do início de sua vida, livrando-a de suas próprias "reações negativas," em relação ao pecado que seus pais cometeram contra ela e da falsa culpa envolvendo o evento todo. O amor e o poder curador de Jesus trouxeram paz e luz onde antes havia um período de cinco anos de dor e de trevas submersas.

Daquele dia em diante, Lisa, como se vê numa carta que escreveu dois anos e meio depois da cura, tornou-se outra pessoa. Isso é cura de memórias: o perdão dos pecados *aplicado* ao nível em que foi pretendido: do fundo do coração (mente ou inconsciente). Ela teria de tomar outros passos: aprender a "praticar a presença" de Jesus - a disciplina de sempre trazer à mente a verdade de que Ele estava com ela, quer ela pudesse sentir Sua presença, quer não. Assim, dependendo inteiramente d'Ele, ela aprenderia a ouvir as palavras de Deus Pai enviadas pelo Espírito, as quais substituiriam as velhas palavras negativas de ódio e autodestruição. Ela viria a depositar sua identidade n'Ele (como todo cristão precisa fazer) e sabedora que era filha de Deus, começaria a amar e aceitar a si mesma e aos outros - passo muito importante após a cura inicial. Aprenderia a se relacionar com jovens (homens e mulheres) de sua própria idade e não apenas a se ligar a mulheres mais velhas, como figuras maternas. Em suma, teria de responsabilizar-se e mudar toda uma vida de padrões errados, de atitudes quanto a si mesma e aos outros - atitudes essas forjadas no cadinho da escuridão e da dor mental e emocional - à medida que aprendesse a permanecer n'Ele. Mas esse é um processo de aprendizado e, como tal, leva tempo.

Em suas próprias palavras e sob sua perspectiva, eis um relato daquele dia na casa pastoral:

"Eu estava com medo. Não achei que fosse dar certo e pensei que tivesse entrado em algo maluco. Mas eu sabia que ainda precisava de ajuda se quisesse sobreviver no futuro e ainda não tinha conseguido o que precisava, mesmo após ter estado em durante seis meses. À noite, eu chorava ao pensar que estava perdendo a

cabeça. Estava sob uma constante nuvem de depressão. Não conseguia endireitar minha vida, por mais que orasse ou lesse a Bíblia. Havia desistido (aparentemente) de fumar durante os seis meses em que estivera na casa de recuperação porque essa era uma das regras da casa. Mas quando estava sozinha, *tinha de* conseguir um cigarro. Mesmo quando não tinha a oportunidade de fumar, constantemente desejava isso. Consequia grande satisfação em fumar.

Tinha também fortes desejos de autodestruição. Esse pensamento, principalmente, se manifestava no desejo de me drogar até morrer. Por vezes o desejo era tão forte que, para satisfazer essa compulsão, eu tomava coisas que sabia me deixariam doente, mas não me matariam. Depois de tomar os comprimidos, ficava obcecada com a idéia de que as coisas ficariam bem por algum tempo. Tomava aspirinas, vitaminas, remédios para gripe, qualquer coisa em forma de comprimido (e uma vez, uma única vez, sapóleo líquido, algo nojento demais até para uma viciada como eu). Dia após dia nessa vida, eu estava finalmente pronta para arriscar-me a orar.

Quando começamos, você pediu que eu me imaginasse dentro do ventre. (Achei que você estivesse maluca por pedir que eu tentasse imaginar isso). Mas como você parecia ter autoridade e ser tão séria, eu disse:

‘Está bem, cá estou eu, no ventre de minha mãe.’

No momento em que falei isso, tive a melhor sensação de toda minha vida. Amei a sensação de estar aninhada no ventre, que era muito real. Sabia que devia ser assim mesmo. Melhor de tudo: eu não estava apenas dentro do útero, mas cantarolava lá dentro. Soube então que devia ter sido assim que eu me sentia quando minha mãe estava grávida de mim.

Você disse: ‘Ótimo! Isso demonstra que você foi amada e querida e é provável que sua mãe estivesse desejando o seu nascimento.’

Fiquei tão feliz ao ouvir isso porque nunca pensei que eu fosse amada assim,

mesmo antes de chegar ao mundo. Senti amor pela minha mãe, porque ela me desejou tanto assim.

Depois você disse: 'Vamos continuar. Agora, imagine-se nascendo.'

Nessa parte, o que experimentei foi medo, um *forte* sentimento de medo. Sabia que vinha de minha mãe e que nada tinha a ver com o processo de nascimento, mas medo do que aconteceria comigo agora que eu vinha ao mundo.

Não entendi o significado pleno disso até depois de orar e pensar um pouco mais sobre o assunto. Sinto que esse medo vinha do fato de que minha mãe *sabia* que meu pai tinha problemas (e acho que este é o caso em grande parte de minha vida).

Depois do cenário do nascimento, você passou depressa pelo primeiro, segundo, terceiro e quarto anos de minha vida. Tudo em branco - só branco. Eu via o nada ... nenhum pensamento, só escuridão. Isso me frustrou muito, porque eu estava começando a gostar de ver os retratos da memória e agora... nada.

Senti-me aliviada quando percebi que você tinha controle sobre a situação. Continuava dizendo:

'Não importa se ainda não consegue enxergar nada, você vai ver'

Senti que você estava resolvida a não desistir, em continuar. Senti que você e o irmão estavam bombardeando o céu com orações. Sabia que estavam clamando pelo grande poder de Deus para 'abrir a cortina da minha memória'. Senti vontade de sair correndo pela porta, porque achava que ia enlouquecer. Mas sabia que o poder estava trabalhando. Não fugi. Você então me chamou e perguntou o que eu via. Qualquer coisa, mesmo que não parecesse fazer sentido para mim.

Eu vi, como se estivesse num palco pouco iluminado, minha mãe sentada na beira da cama. Seu cabelo estava desgrehado e ela chorava aos prantos com o rosto nas mãos. Ela ficava gritandó: ‘

Não, não! Por que eu?!'

Eu lhe disse que via minha mãe chorar, mas não entendia por que (sonhara essa cena muitas e muitas vezes, durante toda minha vida). Você disse:

"Muito bem Senhor, agora, por favor, revele a razão pela qual a mãe de Lisa está chorando. Mostre a ela o resto da situação."

Enquanto dizia isso, era como um filme sendo rebobinado em minha cabeça e de repente pedaços, como peças de um quebra-cabeça, se juntavam e eu vi meu pai me molestando. Não pude acreditar. Era um choque que eu queria negar. Senti-me dizendo 'Não! Não! Por favor, Deus, não!' Então eu soube que era verdade, que realmente aconteceu. Senti tremendo ódio por meu pai por ele fazer isso comigo. A essa altura você falou:

'Lisa, perdoe o seu pai.'

E senti no íntimo que eu dizia: 'Sim, tenho que perdoá-lo.'

Vi então, minha mãe entrar no quarto e começar a gritar. Ela me agarrou e me jogou. Lembro-me de ter batido contra a parede. Não entendia o que estava acontecendo. Não entendi porque minha mãe gritava e chorava.

Então vi meu pai sorrindo para ela com um sorriso debochado, mandando-a acalmar-se, que ela estava me assustando. Ele ficava repetindo:

'Ah, ela nunca vai se lembrar! Ela é pequena demais - nunca vai se lembrar.'

Então minha mãe sentou na cama e chorou. Eu não entendia por que ela estava chorando. Só sabia que eu estava triste por vê-la chorar. Fui até onde ela estava (eu tinha a altura para alcançar sua cintura quando ela estava sentada). Estendi a mão para consolá-la (como quem perguntasse o que foi que aconteceu?) e quando o fiz, ela me empurrou para trás e disse:

'Fique longe de mim. Não quero nada com você!'

Lembro que a essa altura eu me sentia vazia, um nada - não compreendida -

não desejada.

Foi então que você me perguntou se havia mais alguém que me amasse, e eu contei sobre minha tia. Você me disse para imaginar minha tia me pegando no colo ou me abraçando.

Quando lembrei disso, essa lembrança trouxe o mais gostoso sentimento de ser amada. Eu soube pela primeira vez que Deus realmente me amava. Era o melhor sentimento de minha vida. Senti que meu interior cantava o 'Aleluia' de Händel. Era como se estivesse dançando por dentro. A felicidade não cabe na descrição do que sentia. LIVRE! Louvado seja o Senhor!

Terminamos de orar e minha vida mudou completamente. Não me sinto mal ao descrever tudo isso agora porque a dor está tão distante de mim e da felicidade e alegria que experimentei na cura.

Quando voltei para casa naquela noite, era como se estivesse andando nas nuvens. Ao deitar-me para dormir, 'vi' outra lembrança. Este evento aconteceu depois do primeiro e também tinha sido reprimido.

Meus pais tinham me comprado um patinho e esse patinho me seguia por todo lado. Eu estava no quintal andando de velocípe e o patinho corria atrás. Era divertido e eu ria de prazer. Meu pai havia amarrado um cata-vento no guidão do velocípede (ele sempre comprava cata-ventos para me divertir). Eu gostava de fazer o vento passar por ele e vê-lo girar.

Andei mais depressa que podia no velocípede para girar o cata-vento. O patinho ficava me seguindo e fazendo seu 'quá-quá' de filhote. De repente eu sentia que era a mãe do patinho. Aí, eu quis que o patinho morresse. Virei o velocípede na direção do patinho e o atrolei. Matei meu patinho. Minha mãe esteve olhando pela janela e quando ela viu o que eu fiz, ela saiu e arrancou o cata-vento de meu velocípede e me bateu com ele. (O patinho era eu e eu o matei do jeito que sentia que minha mãe tinha feito comigo).

Quando surgiu essa lembrança, eu não tinha certeza de que realmente tinha acontecido. Não podia me imaginar matando um animal. Como minha mãe não estava emocionalmente envolvida nessa memória, resolvi perguntar-lhe se tinha mesmo acontecido. Fui para casa no final de semana e perguntei-lhe se ela lembrava de eu ter tido um patinho que matei. Ela lembrou e ficou nervosa por eu lembrar de uma coisa tão ruim assim. Para mim, isso era prova de que ambas as lembranças eram verdadeiras.

Na manhã depois de minha cura, era como se eu visse o sol entrando pela janela pela primeira vez na vida. Estava apaixonada pela vida. Tudo era colorido e lindo. Essa foi a primeira vez que me lembro de estar feliz por estar viva em um novo dia.

À medida que o dia passava, notei que não tinha mais o desejo de fumar. Também não estava com um desejo louco de comer, como antes, nem tinha mais obsessão com comprimidos. Sinto que os comprimidos e o fumo eram parte destrutiva da memória que precisava ser curada. Minha boca tinha sido usada erradamente no abuso e nos anos seguintes eu começara a colocar objetos destrutivos em minha boca.

Senti que este evento conduziu a todos os demais eventos de minha vida. Uma vez que eu estivesse curada, os eventos '*anormais* e maus pararam de acontecer.

Notei que os *profundos* sentimentos de rejeição dos outros em relação a mim, que antes sentia, desapareceram. Mas porque essa espécie de pensamento a respeito das pessoas tinha se tornado um hábito, eu teria de reeducar meu processo de pensamento. Muitas vezes meu "velho modelo de rejeição" era provocado e eu tinha de parar e pensar que não havia razão para me sentir assim. Eu tenho de perceber que sentimentos baseiam-se no modelo antigo e ver que agora tenho novos sentimentos, sentimentos de segurança e felicidade dentro de mim e em relação às outras pessoas.

Antes da cura, só de alguém olhar para o relógio, me fazia sentir profundamente rejeitada, achando que essa pessoa não se importava comigo e isso me lançava numa profunda depressão com pensamentos suicidas. Depois de minha cura não tenho NENHUMA depressão e NENHUM pensamento de suicídio.

Minha cura foi um verdadeiro renascimento e sinto que minha vida verdadeira só começou, definitivamente, após esse ponto."

O Poder da Memória

Na oração pela cura de lembranças, é extraordinário o poder da memória em tornar presentes eventos do passado. A razão disso, claro, é que Jesus, o Ser Infinito que está fora dos limites de tempo e espaço, *para quem todos os tempos são o presente*, entra no que para nós é um acontecimento passado, naquilo que só conhecemos pela retrospectiva, embora estejamos experimentando suas conseqüências no presente. Aqui a seqüência de passad~presente-futuro, na qual experimentamos a existência, se junta de maneira muito significativa no Eterno. Desperta então, dentro de nós aquilo que é eterno, que não é limitado pelo tempo. Dessa maneira experimentamos o passado e o presente como uma coisa só - talvez uma anteprova da maneira que um dia conheceremos o tempo da Terra., quando não estivermos mais limitados por espaço, matéria ou tempo.

A Atuação do Espírito Santo na Cura das Memórias

O ato *essencial*, que diferencia a cura das memórias das metodologias psicológicas, é a atuação do Espírito Santo que aponta para *a Presença de nosso Senhor que está aí*. Ele entrou no mais tenebroso inferno de nossa existência e mesmo no meio do desenrolar do drama da memória, olhamos com os olhos do coração e (como tantas vezes acontece) podemos vê-LO. Recebemos d'Ele a palavra, o olhar, o abraço de cura de que tanto precisamos. Perdoamos os outros por mais

negros que tenham sido os pecados cometidos contra nós, e Ele nos perdoa os pecados. Recebemos então d'Ele, que manifesta o amor de Deus Pai, a graça salvadora que antes não éramos capazes de receber. Descobrimos que Ele estava conosco todo o tempo com essa ação de cura, se apenas estivéssemos dispostos a olhar para cima e recebê-Lo.

Embora o Espírito Santo estivesse agindo silenciosamente e com poder para trazer integridade psicológica a Lisa, os sentimentos que ela tinha sobre si eram demasiadamente feios; a culpa, profunda demais; e ela estava muito ferida para poder olhar para cima e ver o Senhor com os olhos do coração, em meio ao horror da lembrança do abuso sexual cometido pelo pai e a reação violenta da mãe pelo que aconteceu. Ela não tinha condições de receber o amor e a cura que Deus tinha para si. É um exemplo de que não existem duas curas iguais e que a cura das memórias jamais deve ser reduzida a uma metodologia. É mais questão do ministro ouvir o Espírito e colaborar com Ele. Enquanto eu escutava para saber como quebrar esse impasse, fui levada a perguntar a respeito de uma pessoa em sua vida, mediante a qual a porta para o amor pudesse ser aberta em seu coração, uma que a capacitasse a receber o amor de Deus. Perguntei-lhe *quem a* havia amado, ou seja, de quem ela foi capaz de *receber* amor e foi aí que eu soube sobre sua tia.

Pedi então ao Senhor que lhe trouxesse à memória um tempo maravilhoso em que sua tia estivesse presente. Tendo isto acontecido, eu disse:

"Agora suba no seu colo."

Enquanto ela fazia isso em sua imaginação, o momento de cura divina veio. Abraçando a Lisa *e sua tia*, tornei-me o canal sacramental através do qual o amor curador de Jesus pudesse fluir. Seu amor, canalizado em mim e pela lembrança do amor dessa tia, há muito falecida, entrou plenamente e curou a pequena e machucada Lisa.

Uma das curas básicas, naquele instante, foi com respeito ao que para ela havia

sido uma rejeição inequívoca e absoluta, por parte da mãe, quando o pai abusou dela sexualmente. Essa memória selada da percepção consciente tornava-a incapaz de confiar em sua mãe ou desta receber amor, ainda que sua necessidade psicológica mais básica fosse a de um relacionamento com a mãe, ou com uma substituta materna. Além disso, com a morte da tia, ela foi separada da única pessoa em cujos braços, ao menos parcialmente, podia vencer sua horrenda carência.

Eu agora entendia a carência emotiva por trás da extrema vulnerabilidade de Lisa, razão pela qual ela caiu nas mãos da professora lésbica. Como neurose sexual, o comportamento lésbico (exceto quando se manifesta numa personalidade histérica) não é tão complicado quanto o comportamento homossexual masculino. A maioria das pessoas que tenho observado e com quem tenho trabalhado é arraigada na necessidade dos braços maternos, necessidade que nunca, ou muito pouco, foi satisfeita. Como vemos na carta de Lisa, a única pessoa em quem ela confiava, e de quem recebia amor, era sua tia. Quando perguntei mais sobre isso, descobri que por essa razão, sua mãe havia ficado com muito ciúme dessa irmã, acabando por proibi-la de visitar sua casa. Lisa, assim, só raramente, ou furtivamente, via a tia. Mas quando se encontrava com ela, tinha certeza de que seria tomada no colo e abraçada com carinho. Perguntéi-lhe a quanto tempo ela não via mais a tia, ao que Lisa respondeu, depois de pensar um instante:

"Ela morreu quando eu estava na quinta série."

Foi depois que perdeu esses abraços que Lisa correu para os braços da professora. A tragédia para Lisa era que tais abraços acabaram tornando-se gestos eróticos, e isso ocorreu porque ela estava tão terrivelmente faminta pelo abraço e amor de uma mulher, que não conseguiu se defender do assédio daquela professora.

A Crise de Identidade de Lisa

A perda do amor de mãe é, talvez, a maior carência, em termos humanos, que

uma pessoa pode conhecer. O bebê vem ao mundo sem saber que é separado de sua mãe e é no seu amor que ele começa a se reconhecer como um ser separado, uma pessoa. Na aceitação amável da mãe, o bebê, menino ou menina, começa a longa e árdua tarefa de separação emocional e psicológica - algo que continua muito após ter-se realizado a separação física. Nem todo comportamento homossexual feminino é ligado principalmente a essa falha inicial de um relacionamento amável e confiável com a mãe. Mas quando o é, como no caso clássico de Lisa - elucida tais situações. Descobri que, nessas mulheres, por uma ou outra razão, houve forte falta de carinho materno na infância o que deixou cada uma com um tremendo déficit - algo que simplesmente não pode ser substituído, a não ser quando a tremenda carência que lhe parece severa rejeição, é curada. Ela pode reconhecer, ou não, *por que* tem atração compulsiva pelas mulheres para a obtenção do afeto de que tanto deseja. Na maioria dos casos, não sabe.

A cura (integridade) tem tudo a ver com relacionamentos restaurados.

"Cristo ordenou e deu poder aos Seus discípulos de curar porque sabia que todos os homens, nos seus relacionamentos eÁteriores e dentro de si mesmos, são fragmentados e separados. Para que o homem possa recuperar a inteireza em todos os aspectos da vida: o relacionamento entre ele e Deus, entre ele e os outros homens, entre ele e a natureza e entre ele e seu ser mais interior, tem de ser curado".

Essa condição da Queda é uma crise de separação e dentro do trauma do relacionamento partido reside, o que hoje chamam: crise de identidade.

Quando a conselheira da escola enviou Lisa ao psiquiatra, ela estava no meio de uma crise de identidade - algo com diversos níveis, reconhecido em diversos graus de intensidade. A sua era especialmente dolorosa porque as circunstâncias da vida separaram-na quase completamente do amor e, em grande parte, afastaram-na de tudo o que era belo e verdadeiro. O mal é, de fato, uma *separação* - separação daquilo que me completa. Em termos teológicos, o pecado ou o mal é a separação

de Deus; para a psicologia, é a separação interior e, em última instância, de meu ser verdadeiro e mais elevado.

"Também sabemos que o Filho de Deus é vindo, e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna. Filhinhos, guardai-vos dos ídolos. "

(1João 5.20,21)

É significativo, aqui, que o apóstolo João nos advirta sobre falsos deuses, porque quando me separo de Deus, coloco minha identidade na criatura (o que foi criado) em vez de no Criador. Meus olhos, então, focalizam um ídolo. Mas olhando para Ele, começo a compreender quem eu sou. Ouvindo Deus, começo a morrer para o velho ser egocêntrico e consciente apenas de si mesmo. *"No princípio era o Verbo"* (João 1.1) e Ele jamais parou de Se comunicar. Ele envia a única palavra de verdade da qual preciso e essa palavra excede em importância a todas as influências do mundo que querem me aprisionar na mentira e separar-me do que é *Verdadeiro*. Ouço o que diz o Verbo, e meu verdadeiro eu começa a surgir. Obedeço a Ele e começo a experimentar, pela primeira vez, o que significa ser verdadeiramente livre. A cada ato de obediência, minha vontade é fortalecida e começo a crescer em fibra moral. A cada ato de adoração, meu espírito é fortalecido e começo a conhecer.

Lisa precisava, como todos nós, da cura das *separações* de sua vida. Precisava libertar-se da culpa, tanto da falsa, quanto da verdadeira e com certeza que Alguém está comigo e habita em mim. da maneira errada com que seu autodesprezo fazia com que visse a si mesma. A memória não curada tinha lutado com força contra qualquer possibilidade dessas coisas acontecerem, emitindo constantemente sua mensagem nebulosa e tenebrosa: "Você é suja, feia, incapaz de ser amada, causa repulsa e por isso deve ser rejeitada". Isso permeava os diversos níveis de consciência de Lisa e daí provinha sua baixa percepção de si mesma. Ela precisava ser trazida à presença do Senhor para ali, ser curada dessa memória traumática; ali, começar a ver através dos olhos de Jesus, a ouvir Suas palavras que - quando ouvidas

e atendidas - a libertariam da roda viva de insinuações negativas e das claras acusações que surgiam de seu coração ferido. Unindo-se ao Senhor que não somente cura, mas também *completa* Sua obra, ela seria liberta do ódio de si e do temor e teria força para transpor os limites colocados pelas circunstâncias da vida. Uma vez capacitada a aceitar-se, seria também capaz de amar e aceitar aos outros.

Todas essas coisas podem ser realizadas, no poder do Espírito Santo, pelo conselheiro cristão, para ajudar pessoas como Lisa. Isso porque, conforme as palavras de Jesus: "*Meu Pai*

trabalha até hoje, e eu trabalho também" (João 5.17), aprendemos a ver o que Ele está fazendo e colaboramos com Ele. Devemos realizar essas obras de cura de Cristo, essa libertação - porque, até que as "Lisas" deste mundo tenham suas emoções curadas, elas não conseguirão olhar para Ele para receber Seu amor e compreender Sua personalidade única. Sem isso, elas não conseguem entrar no relacionamento vital que as liberta, relacionamento com o Criador e com toda a criação, podendo, portanto, ser tudo que Ele as criou para ser.

"O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor. "

(Lucas 4.18,19)

Causas da Homossexualidade: Teorias Contemporâneas

É bom que você enfrente o fato, Lisa: Você é cen;rada em mulheres, sempre foi e sempre o será. Tem de aceitar isso, tem de aceitar que é lésbica e abraçar esse estilo de vida. Nasceu desse jeito, Lisa. Não pode lutar contra isso para sempre!"

Essas palavras, proferidas por um dos dois psiquiatras que trataram de Lisa desde o primeiro colegial, pairavam como uma onda de enjôo sobre sua cabeça. Ela tinha recebido alta da Unidade de Tratamento Intensivo, após uma tentativa de suicídio, e ele a entrevistava antes de transferi-la para um centro de recuperação.

Por meio da oração, contudo, pudemos compreender a condição de Lisa, bem como o remédio para isso, em surpreendente contraste aos diagnósticos dos médicos que tratavam dela desde o princípio. Ambos haviam julgado que ela fosse uma lésbica incurável. Se julgavam ou não que esse lesbianismo fosse constitucional

(de nascença), ou simplesmente incurável devido a um distúrbio no desenvolvimento físico ou psicológico, não sei.

O que o médico dizia a Lisa é ainda mais chocante quando se tira da mensagem a sua vestimenta moderna. Com efeito ele lhe estava dizendo: `Encontre sua identidade plena em alguma pessoa de seu próprio sexo para depositar sua vida e seus afetos, e faça isso através da intimidade genital. "

Nos relacionamentos heterossexuais, a mulher imatura muitas vezes procura encontrar a vida na do cônjuge, depositando n'Ele sua identidade e bem-estar. Se tiver sexualizada a sua identidade, ou seja, se ela compreende - em qualquer nível de consciência ou inconsciência - a si mesma, como um ser sexual, procurará fazer isso principalmente por meio de intimidade genital. Como qualquer amante homossexual, ela acabará descobrindo a futilidade disso, bem como, o degradante exercício que é. À medida que cresce sua insatisfação, acabará exigindo do cônjuge o que ele não pode, nem deveria ter de fazer. Tornando-o um deus, ela não suportará o fato de que ele, como todas as demais criaturas, tem pés de barro. Essa mulher se envolverá em problemas muito semelhantes aos de comportamento homossexual, onde jamais encontrará sua verdadeira identidade através da intimidade sexual.

Que essa intimidade seja o remédio abertamente recomendado por diversos apologistas do homossexualismo - e até por muitos psicólogos e psiquiatras -, como algo normal e "natural", só pode ser explicado pelo fato de que a sexualidade é, em si mesma, travestida de mistério. É um verdadeiro ídolo. Malcolm Muggeridge fala claramente sobre essa condição contemporânea: "Quando homens mortais tentam viver sem Deus, infalivelmente sucumbem à megalomania ou erotomania, ou a ambos. O punho em riste ou o falo em riste: Nietzsche ou D. H. Lawrence. Foi Pascal que disse isso, e é o que o mundo contemporâneo está vivendo."

Como este livro foi escrito principalmente como testemunho e ilustração da cura de neuroses sexuais através da oração, não creio que seja de muita ajuda analisar em profundidade as teorias atuais sobre a homossexualidade. Isso

requereria uma entrada em todas as ramificações sociais e políticas do problema - as quais apenas refletem o modo de pensar contemporâneo. Muito da retórica atual vem desse lado e não do estritamente científico. Além do mais, seria tentar cobrir um terreno já bem analisado por outros, melhor qualificados para escrever sobre o assunto. Isto posto, mencionarei resumidamente algumas das teorias que entraram na "receita" final que os médicos deram à Lisa na tentativa de aliviar sua dor interior e solidão.

Freud, pai da psicanálise moderna, via a homossexualidade como um distúrbio psicológico, mas acreditava que esta fosse praticamente intratável. Suas idéias foram transmitidas sem refutação adequada até umas duas décadas atrás. Antes de Freud e do advento do estudo sério dos componentes inconscientes do comportamento humano, os de tradição judaico-cristã, como também a maior parte do mundo ocidental, via-se a homossexualidade quase que exclusivamente em termos *morais* e *criminais*. À medida que o homossexualismo foi sendo estudado e, finalmente, compreendido como uma das mais complexas neuroses sexuais, o desequilíbrio pendeu na outra direção, e muitos passaram a vê-lo quase que exclusivamente em termos *psicológicos*. Dessa forma, os aspectos morais e espirituais do problema foram descartados, e mais tarde negados completamente por alguns - apesar do fato de que o próprio Freud cresse que, em última instância, os homens sejam responsáveis por suas escolhas e, portanto, pela maneira como procuram aliviar a solidão e dor interior.

"A pessoa de cultura média hoje em dia, criada num ambiente intelectual permeado por versões populares e diluídas da teoria freudiana, acredita que a psicanálise declara que as pessoas não são responsáveis por suas neuroses porque elas foram causadas por complexos do inconsciente, resultados de traumas infantis sobre as quais elas não têm controle algum. Essa simplificação exagerada, embora contenha alguma verdade, comete uma violência contra um aspecto central da teoria de Freud. Há uma distinção básica entre *trauma* e *conflito*. Em brilhante artigo

sobre o impacto da pesquisa sexual moderna sobre o pensamento psicanalítico, o Dr. Robert Stoller, renomado professor de psiquiatria, especializado no estudo e tratamento de desvios sexuais, explica essa diferença. O trauma pode ser entre sensações internas, tais como fome ou dor, ou na forma de eventos externos, como violência física ou a morte de pai ou mãe. Esse trauma pode apenas causar reação ou mudança. A criança ou a criança afetada, com mais ou menos dor, automaticamente se adapta às novas circunstâncias... Nem todos os traumas produzem conflito; o conflito deixa implícito a luta intrapsíquica a fim de *escolher* entre as possibilidades. É o conflito, não o trauma, que produz a separação interna na estrada do desenvolvimento. A razão pela qual isso é tão importante é que as neuroses, incluindo as perversões do desenvolvimento sexual, não resultam simplesmente do trauma, mas de resoluções particulares de conflito no sentido técnico da palavra. Como resultado do conflito, o indivíduo *escolhe*, mais primitiva e inconscientemente, uma ou outra solução".

Depois desse desequilíbrio, de ver a homossexualidade exclusivamente em termos psicológicos, veio o impulso e a tentativa de compreender a homossexualidade como um problema meramente biológico, em vez de moral ou psicológico. Até bem recentemente, os efeitos de feridas psicológicas na infância, antes que a criança pudesse formar conceitos - ou seja, antes, durante o primeiro ano de vida - geralmente não eram levados em conta. Em termos práticos, ainda não são compreendidos. Para alguns, portanto, o surgimento de neuroses homossexuais precoces parecia ser nato - terem vindo com o bebê.

Porém, as tentativas de fixar o fator causal no biológico não tiveram êxito, e apesar de relatos contrários, não existe evidência científica de que fatores genéticos ou endócrinos sejam causadores do comportamento homossexual.

Talvez por esta razão, no momento, os apologistas do homossexualismo parecem depender mais da teoria de que o comportamento homossexual seja biológica e psicologicamente normal - algo não mais inusitado do que ser canhoto. É

claro que nessa idéia está inerente a noção de que a pessoa é biológica ou psicologicamente fadada a ser homossexual ou heterossexual. Como isso não foi provado e na verdade vem contra todo o melhor conhecimento biológico e psicológico que possuímos, os seus argumentos deixam de responder a uma pergunta. Eles passam então a procurar o efeito desejado, associando a situação do homossexual a dos demais destituídos ou desvalorizados e às minorias em todo lugar. Tais argumentos, portanto, dependem, descaradamente, do poder de associação, e esse truque é trabalhado ao máximo a fim de ganhar reconhecimento e poder sóciopolítico, de forma cuidadosa, se bem que ilógica, relacionando-a à luta por direitos iguais para negros, mulheres e outras minorias.

Alguns, com alguma inclinação teológica e seguindo a direção de certo teólogo anglicano, deram mais um toque ao argumento mento dizendo que a condição homossexual é uma expressão da variedade na criação que Deus planejou. Sendo assim, algumas mas vozes dentro da igreja chegaram à mesma conclusão do psiquiatra incrédulo de Lisa, perguntando, com o acréscimo desse ponto de vista: "Por que - se Deus os criou assim - o direito deles, de intimidade genital, deveria ser considerado imoral?" Alguns passam então a inventar um sistema de ética para essa atividade que inclua fidelidade a um parceiro e casamento homossexual - a fim de evitar a promiscuidade homossexual! Em tudo isso eu vejo a presença do deus fálico e, na atual exaltação daquilo que vem por instinto, um curvar-se aos deuses tenebrosos do sangue. A Castidade pura e a alegria do Celibato não podem ser mencionados nesse ambiente. A doce Razão também baixa a cabeça e sai de fininho. Sinto revolta, não na presença de alguém que precisa de libertação da condição homossexual, mas ante tal exibição perante um ídolo fálico. O trágico efeito de tudo isso é, naturalmente, impedir pessoas, como Lisa, de encontrarem a cura de que necessitam.

Talvez essas exigências partindo de dentro da Igreja, absurdas que são, tenham nos feito um favor. Elas apontam forçosamente para o fato de que a Igreja, como um

todo, não tem sabido como ministrar a cura que esses sofredores necessitam. Portanto, os que afirmam o ponto de vista tradicional bíblico, quanto ao pecado e a cura do homossexualismo (*"Tais fostes alguns de vós, mas vós vos lavastes..."*), estão à procura de respostas pastorais e quando não as encontram, clamam: "Onde estão as respostas?" Clamar por respostas pastorais é clamar pelo poder de curar os aleijados de espírito e alma. O comportamento homossexual é, ao mesmo tempo, pecado e imaturidade. O aspecto pecaminoso tem a ver com a imperfeição do espírito humano e é curado através da confissão e perdão do pecado pessoal. O aspecto de imaturidade faz parte da deficiência da alma - aquilo que precisa ser endireitado para que espírito e alma possam crescer em liberdade.

Se desejarmos isso, e sinceramente orarmos a respeito, o clamor por resposta pastoral colocará os dons de cura da Igreja em evidência. É o que o Rev. Bennett J. Sims, Bispo Episcopal de Atlanta, pede em sua excelente declaração pastoral: "Sexo e Homossexualidade". Com a convicção de que Deus deseja a cura, temos como norma a heterossexualidade; confiamos no poder do Espírito de fazer florescer novamente os dons de cura da Igreja".

A História de Mateus: Crise de Identidade

Mateus, moço moreno e bonito, alto e de corpo bem formado, apareceu à minha porta logo após obter um grande sucesso na profissão que escolhera. Aparentemente, esse homem jovem de porte másculo tinha tudo que se podia desejar: excelente cultura acadêmica, mente arguta, e uma cota de talento para acompanhar sua boa aparência e preparo. Apesar dessa apresentação e de suas circunstâncias externas, estava desmonstrando por dentro. Desesperado, procurou minha ajuda, temendo até ter esperança de que Deus pudesse aliviar sua dor e confusão interna, enquanto banisse o novo sentimento que causara a enorme crise que vivenciava: um surto de sentimentos homossexuais por outro moço.

Aos poucos, enquanto eu lhe servia xícaras de chá quente, assegurando-lhe primeiramente que é fácil para Deus curar e endireitar essa situação e que, em segundo lugar, não existia essa coisa de serhomossexual, ele relaxou e começou a revelar sua história dolorosa. É claro que essa história incluía a história dos seus pais e, como cristão, Mateus desejava só falar bem de seus pais. A lealdade aos pais,

mesmo quando estes foram manifestamente errados em seu modo de criá-lo, é por vezes uma barreira para compartilhar os sentimentos mais profundos de dor e rejeição. Este era o caso de Mateus. Além do mais, e ainda mais significativo, ele tinha um sentimento interior de que, de alguma forma, se os pais não o amavam era por culpa sua. Ele se achava basicamente "não amável"; por isso seus pais eram, ao menos em parte, desculpáveis, pensava. Tais sentimentos jamais tinham sido expressos em palavras, mas ficaram bastante claros enquanto lutava por contar sua história.

O pai de Mateus, o primeiro de sua família a nascer nos Estados Unidos, veio de um lar cujos pais eram de origem e nacionalidades diferentes. Como é comum aos filhos de imigrantes pobres, o pai de Mateus conhecera o lado mais degradante da vida. Esteve até preso durante algum tempo antes de Mateus nascer e havia sido muito maltratado por outros prisioneiros. A mais remota lembrança que Mateus tinha de seu pai era de alguém autoritário e com um gênio violento. Ele era injusto com Mateus e cruel. Suas expectativas para o rapaz eram muitas vezes confusas e impossíveis de serem cumpridas. Mateus nunca sabia o que provocaria uma explosão de ira em seu pai; quando estas aconteciam vinham sempre acompanhadas de surras e linguajar abusivo.

A mãe de Mateus era originária de outra nacionalidade e língua; chegou adulta nos Estados Unidos. Provou ser completamente indefesa em relação ao marido, tanto por sua cultura, que exigia sujeição total ao homem, quanto por sua reação temerosa para com o comportamento rude do esposo. Ela não falava muito bem o inglês; talvez, em parte, isso explique a razão pela qual ela não tenha procurado o apoio de outras pessoas. Seu marido não queria filhos, pois já havia abandonado uma família, e ela se sentia culpada por ter engravidado de Mateus. Logo após ter dado à luz, ela o ofereceu para adoção, mas como ninguém o escolheu na primeira semana, levou-o para casa. O filhinho era mais uma desculpa para o marido maltratar a mulher. Com emoções e afetos partidos, ela não soube criá-lo com

carinho. Não soube, também, proteger o filho contra o comportamento imprevisível do pai. Se porém, a mulher de verdade nela tivesse vindo à tona, teria sido implacavelmente arrasada. Tive a idéia, enquanto Mateus descrevia sua mãe, de uma mulher que fosse quase uma *"não pessoa"*. Como adulto, ele sempre se sentiu afastado dela - na verdade mal a conhecia. O marido finalmente acabou divorciando-se da mãe e casando-se com outra. Após o divórcio, a mãe se agarrou, sem muita força, ao filho.

Quando criança, Mateus era sensível, infeliz e desesperadamente solitário. Essa solidão aumentou ainda mais nos anos escolares, porque o pai não permitia que os amiguinhos de Mateus entrassem na casa. Ele não tinha privilégios, a não ser o de freqüentar a escola. Uma coisa que o consolava e divertia durante os anos em que crescia, era seu amor pelas plantas: plantas e flores eram sua paixão. Começou um jardim no quintal; seu pai, porém, um dia chegou enfurecido e destruiu tudo. Mateus sentiu-se arrasado. Das lembranças a serem curadas, essa foi uma das mais doloridas.

Mateus encontrou a Cristo no início da adolescência e se prendeu a Ele como alguém que estivesse se afogando. Durante esses anos de adolescência, continuava a solidão e a alienação dos pais e de outros. Ele tinha vergonha do jeito atrapalhado da mãe e por ela não conseguir falar corretamente o inglês, e ao mesmo tempo tinha vergonha de não ter bons sentimentos por ela. Mais que tudo, almejava o amor do pai, esperava dele por alguma palavra de aprovação e encorajamento, obtendo, em lugar disso, apenas respostas negativas ou hostis.

Mateus saiu-se muito bem em seu curso universitário conquistando a admiração dos colegas. Seus relacionamentos pessoais com os amigos masculinos, porém, eram muito sofridos, pois ele temia a rejeição daqueles que mais admirava. As moças admiravam-no "à distância". A dor e o medo de rejeição fizeram-no distante e, em muitos sentidos, uma incógnita. Os que perseveravam e insistiam em atravessar a barreira para se aproximar dele, percebiam sua profunda dor

emocional, mas não sabiam como ajudá-lo. Ele lutava contra o que lhe pareciam energias sexuais indomáveis e ficava com medo de seus próprios impulsos sexuais; tinha medo de ferir algumas das moças que fizeram amizade com ele, moças a quem Mateus admirava e queria conhecer melhor. Acima de tudo, queria a segurança de que elas pudessem gostar dele, uma vez que o conhecessem, mas não acreditava que isso fosse realmente possível.

Passamos a nos conhecer e a saber nosso lugar no amor dos demais integrantes da família humana e, então, no amor de Deus. Mateus não se sentia como alguém que tivesse algum valor, menos ainda com o potencial incrível de *tornar-se* alguém, ao invés de simplesmente existir. Acreditando que fosse impossível que os outros o amassem de verdade, ele lutava contra a falta de raízes. A essa altura, a verdade de que Deus, não somente o trouxera ao mundo, mas o presenteara com um *lugar* neste mundo, chamando-o a cumprir empolgante propósito espiritual e artístico, estava além de sua compreensão.

Esta é, em suma, a história por trás daquilo que parecia, a Mateus, ser seu maior problema: fortes desejos homossexuais por um homem a quem admirava e queria como amigo. Esses desejos eram de intensidade assustadora; quanto mais ele tentava combatê-los racionalmente, mais compulsivos se tornavam. Estava até mesmo sonhando com uma relação sexual com aquele moço.

Antes de passarmos a considerar o que estava realmente acontecendo aqui, devemos olhar o problema geral de identidade que Mateus estava enfrentando.

A Crise de Identidade de Mateus

Todos nós temos a necessidade básica de sermos amados e aceitos. Mateus não recebera o amor e a afirmação necessária da parte de seus pais para aceitar sua identidade como filho amado e de alguém querido por pai e mãe. Ademais, experimentara a rejeição até mesmo *antes* daquela primeira semana de vida,

quando sua mãe tentou colocá-lo para adoção. No momento em que ela teve consciência de sua gravidez, teve medo de que ele nascesse. Houve pouca, se é que alguma, interrupção nessa rejeição, durante os cruciais primeiros meses de sua infância. Viver sem amor e aceitação nesse período resulta numa tremenda necessidade de cura.

Tendo sido insuficientemente amado, Mateus não conseguia amar e aceitar a si mesmo, e a essa altura, entramos em outro nível especialmente doloroso de sua crise de identidade. Acostumado a palavras duras em vez de aprovação, ele tinha poucas palavras consoladoras e positivas para si mesmo. As lembranças de dolorosa rejeição, durante seus anos de crescimento, formavam constantemente imagens e pensamentos sobre si como alguém muito distante do tipo de pessoa que almejava ser - alguém a quem o amor e respeito dos outros pudessem fluir. Ele ouvia as vozes acusatórias da psiquê não sarada e acreditava nelas. Ele odiava e rejeitava a si próprio.

Outro nível da crise tinha a ver com sua identidade sexual. Embora tivesse os impulsos sexuais normais de um jovem macho, Mateus não possuía a identidade pessoal masculina correspondente a tais impulsos. Em lugar disso, surgiu uma vida de fantasia que espelhava os sonhos que tinha à noite. Interpretando equivocadamente esses sonhos, ele achou que indicavam que era homossexual. Antes desse tempo, a masturbação compulsiva era um sério problema, e ele se odiava fortemente por isto. Esse problema tinha piorado em vez de melhorar. Todos os demais problemas não curados de identidade ainda estavam com ele, com este subjacente, fazendo parte deles. Havia ainda em Mateus o bebê carente de uma mãe segura e amorosa, um garotinho dando os primeiros passos, precisando de pai e mãe que se amassem mutuamente, um filho desesperadamente necessitado do amor afirmador e da aceitação do pai.

Quando a mãe é super protetora e estranha, ou negativamente íntima de seu filho - a não ser que haja uma figura paterna forte e afirmadora por perto - pode

tornar o filho incapaz de separar a identidade sexual dela da sua. Assim, torna-se parte de qualquer propensão para o comportamento homossexual que possa surgir. Mas Mateus não tinha problema em separar sua identidade da de sua mãe, porque se encontrava demasiadamente distante dela, tanto física como emocionalmente.

Porém, duas coisas no comportamento de seu pai militavam contra a identidade sexual de Mateus. Primeiro de tudo, faltava-lhe um pai amoroso e afetuoso com quem se identificar, uma figura masculina positiva como modelo. A perda de um pai afirmador é algo terrível em qualquer fase dos anos de crescimento. Isso se reflete muitas vezes na oração por cura no contexto da homossexualidade. Mas esses encontros de cura me convencem que a perda é especialmente essencial para meninos e meninas, durante e após a puberdade. Enquanto o amor e a presença carinhosa da mãe são essenciais para o bebê em desenvolvimento, assim também a presença do pai é crucial durante a adolescência. A melhor e mais altamente capacitada mãe, por mais que se esforce, não pode consertar o abismo deixado por um pai ausente, ou emocionalmente distante, no jovem adolescente. Ela simplesmente não pode dar segurança ao filho ou à filha da mesma forma que um pai íntegro. Este é um dos terríveis males produzidos pelo divórcio e lares quebrados. Raramente há um pai substituto que seja capaz e esteja disposto a estimular positivamente o adolescente inseguro.

C. S. Lewis chamou este período de "a era das trevas em toda vida". Poucos que fizeram a metamorfose de filhote narcisista para homem ou mulher seguro, capaz de esquecer de si mesmo e amar verdadeiramente ao próximo, discordarão da opinião de Lewis. O pai de Mateus, longe de ajudá-lo a sair confiante dessa fase confusa para uma identidade como homem entre os homens - capaz de fazer escolhas maduras, de exercer autoridade segura e benévola sobre si mesmo e sobre suas circunstâncias, de relacionar-se sexualmente com uma esposa e ser pai de filhos - tratava-o como uma extensão odiada de si mesmo. A visão interior de Mateus foi em grande parte a visão negativa, sem amor e aceitação, que herdou do pai; um pai cujo

amor ele almejava merecer ganhar. Ao almejar o amor e respeito de outros homens, Mateus estava, num certo nível, procurando por seu pai.

O segundo aspecto do comportamento do pai para com ele era ainda maior ameaça à obtenção de sua identidade masculina. Ele estava sempre presente em Mateus, mas de uma forma que dava medo. O jeito autoritário, hostil e déspota para com o filho tornou-se o principal instrumento por trás do que eu entendo e denomino como uma severa *supressão de masculinidade*.

Todos nós recebemos uma *vontade livre ou ativa*. Esta pode ser denominada a *vontade criativa, pois*, em contraste com a vontade egoísta ou autocentrada, procura interagir com tudo que existe. Penso na vontade como uma parte masculina de nosso ser, quer sejamos homem ou mulher, e é com essa vontade masculina, ativa, que fazemos escolhas responsáveis e decisivas. Por exemplo, em nossa experiência de conversão, é com essa vontade que escolhemos unirmo-nos e comungarmos com Deus, em vez de permanecer em nossa própria separação. Com ela, nós, consciente e deliberadamente escolhemos o céu do ser integrado e emancipado, ao invés do inferno da desintegração e separação do ser. Essa vontade pode ser perigosamente suprimida, reprimida, incapacitada, ou até mesmo totalmente partida. Pode ser simplesmente vencida pela preguiça, ou *accedia*, um dos chamados sete pecados mortais, porque em seu pleno senso ela denota uma vontade paralisada, um torpor espiritual que no final constitui-se numa recusa de toda alegria. Em qualquer caso, o resultado é um sofrimento passivo e sem criatividade.

O comportamento notadamente cruel do pai de Mateus era um meio cujo fim culminava sempre no filho. Como as chances de um filhote de galo viver até que tenha crista são pequenas para aquele pintainho que está no final da linha, as chances do desabrochar da verdadeira masculinidade de Mateus eram realmente muito remotas - não fosse a graça curadora de Deus. O objetivo geral era forçá-lo a fazer morrer seu *verdadeiro eu*, aquele ser por quem Jesus Cristo morreu, a fim de que ele pudesse *tornar-se* verdadeiro eu, para a glória de Deus. Aqui vemos,

portanto, que a verdadeira masculinidade está ligada ao verdadeiro eu. A pessoa masculina e criativa que emerge num processo destes, capaz de amar e interagir com a criação e com alegria plantar um jardim - ou destemida e despreocupadamente, apaixonar-se por uma mulher - era aquela sempre arrasada.

A Percepção Chave no Caso de Mateus

Quando Mateus me procurou, quebrado, sob o ataque das tentações e sonhos homossexuais, ele não tinha a mínima idéia do que estava por trás disso. Só podia ver a si mesmo como o mais baixo dos pecadores. Como ele, um cristão, podia estar sob compulsão tão irracional, poderosa e imoral? Antes de podermos entrar nesse aspecto do problema, Mateus necessitava de muita oração para a cura de lembranças de rejeição. Ele precisava perdoar, ser perdoado e ser liberto dos efeitos de suas reações aos pecados de outros. Ele tinha necessidade de ajuda para discernir idéias erradas a respeito de Deus, de si mesmo e de outras pessoas.

Na segunda sessão estávamos prontos para enfrentar sua compulsão homossexual e ele ficou grandemente surpreso com o seguinte conjunto de perguntas que lhe fiz. Quanto ao moço por quem ele estava sentindo forte atração, eu perguntei:

- O que é que você admira nessa pessoa? - ao que ele respondeu:
- Sua aparência, seu intelecto, o fato de que ele é bem sucedido.

É claro que essas *características eram marcantes no próprio Mateus*, mas ele negava que as tivesse por não conseguir aceitar-se. Perguntei então:

- O que você faz em suas fantasias?
- Nas minhas fantasias quero abraçá-lo, beijá-lo na boca, ficar junto dele. É o que faço nos meus sonhos.

Depois dessa resposta perguntei-lhe:

- Você sabe alguma coisa sobre os hábitos dos antropófagos? Sabe *por que* eles comem as pessoas?

Totalmente surpreso, ele respondeu:

-Não, não tenho a mínima idéia por que eles comem as outras pessoas

Este é muitas vezes um conjunto de perguntas chaves para trazer à mente e ao coração de pessoas como Mateus o que realmente está por trás de suas compulsões homossexuais. Passei então a explicar-lhe o que certa vez um missionário me disse:

- Os canibais comem apenas as pessoas a quem admiram a fim de *obter as suas* características. - O que acontecia com Mateus estava muito claro: *ele olhava outros jovens e amava uma parte dele mesmo que havia perdido, parte essa que ele não conseguia reconhecer e aceitar.*

A primeira sessão que tivemos e a oração resultante - pela cura de memórias feridas -, haviam me dado uma percepção das carências que Mateus sofrera, como também da necessidade que ele tinha de se aceitar. Abrimos, portanto, caminho para essa compreensão chave. A visão estranhamente idealizada que ele tinha desses moços estava cada vez mais clara. No fundo de seu coração, Mateus sabia dessa projeção e revelava a verdade nos sonhos. Seus sonhos "homossexuais", tão assustadores para ele quando tomados literalmente, eram na verdade bons mensageiros enviados para dizer: "Olhe, você está tentando integrar-se com uma parte perdida de você, mas o está fazendo de forma errada". A força que compelia essa compulsão homossexual de Mateus referia-se ao o fato de que ele estava dolorosamente separado de partes de si próprio. Várias dessas partes, sendo atributos não afirmados e, portanto, não integrados de sua personalidade, tinham papel importante no sucesso artístico e profissional que ele obtivera. Nos momentos de sua vida consciente, e também nos sonhos, os jovens a quem ele tão ardentemente admirava eram aqueles que simbolizavam esses atributos, essas capacidades de sua própria personalidade. Assim, o modo como devíamos orar ficou

imediatamente claro e simples. Oraríamos especificamente para que Mateus viesse a reconhecer, aceitar e se juntar àquela parte dele que ele projetava sobre os outros rapazes: o Mateus bonito, intelectualmente aguçado e bem sucedido que jamais fora estimulado positivamente por seus pais. Enquanto orássemos, visualizaríamos que isso acontecia e canalizaríamos nossa fé numa poderosa oração de fé. Essa oração curadora estaria, imediatamente, anulando o poder por trás de sua compulsão homossexual.

A Oração

Uma vez que Mateus tivesse compreendido algo do que estava acontecendo em seu interior, ele estaria pronto para orar aceitando os atributos de sua própria personalidade, que projetava sobre os outros. Orando assim, como ficou provado nas semanas seguintes, ele eliminaria todo o poder e apelo da compulsão homossexual que havia em si.

Sua necessidade imediata de reconhecer as características essenciais para seu recente sucesso, agora identificadas e trata-das por meio de ministrações, não podiam mais derrotá-lo, mas caradas como compulsão homossexual. Esse, na verdade, era apenas o primeiro passo para a cura maior que precisava: a de poder aceitar integralmente a si mesmo. Ele jamais conhecera afirmação de si próprio como *pessoa*, como *homem* e como um *ser de valor*. Dentro de si havia essas identidades não afirmadas. Era tarde demais para que seus pais o tratassem de maneira positiva, de modo significativo e profundo, muito menos para alguém, como eu, tentar substituí-los. A essa altura ele não precisava de uma mãe e de um pai - precisava *enfrentar a solidão interior com Deus*. Sua cura completa viria quando ele aprendesse a esperar, e escutar, a Presença de Deus. Nessa conversa de dois canais entre ele e Deus viria sua plena afirmação. Minha parte era invocar a Presença do Senhor, conduzir Mateus a ela - focando sempre o verdadeiro Mateus - e apelar somente ao homem que Deus o chamava a ser.

Barreiras para a Cura Interior

Existem três barreiras principais para a cura interior, e portanto à maturidade e plenitude de personalidade à qual fomos chamados. São elas: (1) Falha em perdoar os outros; (2) Falha em receber o perdão de nossos pecados e (3) Falha em aceitar e amar-nos corretamente. No caso de Mateus, as duas primeiras barreiras foram, em grande parte, removidas, através da oração pela cura das memórias, em nosso primeiro encontro. A cura das rejeições traumáticas que ele sofrera tiveram de começar primeiro, porque essas velhas feridas estavam por trás de seu fracasso em aceitar a si mesmo. É claro que ele descobriu, como todos nós, que quanto mais luz nos é dada, mais existe para perdoar e para ser perdoado. Sua libertação, depois que o ungimos e oramos por sua cura, foi tão completa e plena de alegria que de início ele achou que não precisava de mais nada. Mas essa era uma cura básica que o capacitaria a olhar para cima com liberdade e começar a empolgante escalada montanha acima, deixando a imaturidade (libertando-se de sua antiga visão de si mesmo) rumo à maturidade, com sua adequada humildade e auto aceitação, que é a antítese do egocentrismo, o jeito errado de autoconsciência e amor-próprio. Com essa cura, ele pôde ir em frente, para a liberdade de agir a partir do cerne de seu ser, onde Cristo habita e forma o novo homem, em substituição ao garotinho sofrido e não amado, num mundo enigmático e sob a autoridade de pais que não sabiam amar.

A superação da terceira barreira para Mateus, como no caso de Lisa, exigiria algum tempo, porque, por um lado, exigia a mudança de pensamentos e hábitos de toda uma vida. O Pr. Michael Scanlon, em seu excelente livro *Inner Healing* (Cura Interior), faz a seguinte colocação: "Temos uma vida de atitudes que opera do próprio cerne de nosso ser... Essa vida determina modelos gerais de relacionar-nos com o outro e com Deus". E tão importante quanto isso, eu acrescentaria, *conosco mesmo*. Isso porque não conseguimos amar a Deus e ao próximo se odiarmos a nós

mesmos, enquanto não exercitamos paciência e caridade conosco. Dessa grande virtude de paciência com a própria pessoa, o filósofo católico Romano Guardini disse "Aquele que deseja avançar deve sempre começar de novo... Paciência consigo mesmo... essa é a base de todo o progresso".

Por outro lado, isso exige o "revestir-se" de Cristo e o assumir uma nova vida. Ao fazer isso, todo pensamento da mente e todo retrato do coração vêm sujeitar-se a Cristo - uma verdadeira "prática da presença de Cristo". Não é um exercício de abstração, nem de pensamento positivo (embora seja isso e ainda mais), mas, de esperar naquele que está em nós, fora de nós, ao nosso redor - a Realidade total - que é capaz de a qualquer momento manifestar-se às criaturas que Ele fez à Sua própria imagem. Assim somos *"renovados no espírito do vosso entendimento e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus em justiça e retidão procedentes da verdade"* (Efésios 4.23,24).

Tendo nos revestido d'Ele, sabemos que Outro é Senhor, Outro está no controle. Tendo recebido a Ele, sabemos que Outro vive em nós. Os frutos da Sua Presença habitadora - *"amor, alegria, paz, paciência, bondade, benignidade, fidelidade, mansidão e domínio próprio"* (Gálatas 5.22) - agora fluem de nós para os outros. Nós que somos os canais também somos curados, como os outros, nessa atmosfera de fragrância saudável. Os dons dessa Presença - o poder de conhecimento, de falar, de agir - são nossos, e tornamo-nos a obra prima harmoniosa que Deus planejou para nós. A obra de nossas mãos é confirmada. Na união e comunhão com Ele, nossas almas, antes fragmentadas, são unidas numa integridade harmoniosa, assim como as peças de um complexo quebra-cabeças se encaixam sob a mão de um perito. Não estamos mais divididos interiormente. O salmista ora por essa cura, creio eu, quando ele clama ao Senhor *"dispõe o meu coração para só temer o teu nome"* (Salmo 86.11).

Essa Presença traz à luz o verdadeiro *eu*, que sai do inferno do antigo eu falsificado, para aquilo que melhor se descreve como uma ressurreição. O verdadeiro

eu, de um rosto só, não mais reprimido, temeroso ou instável, sacode os velhos *pseudoeus*, com suas múltiplas faces e vem ousadamente para a frente, unindo, em si mesmo, tudo que é válido e real da sua personalidade. É então, que podemos reconhecer a liberdade de viver a partir do centro de nosso ser, do lugar habitado pelo Espírito Santo, e assim, nossa vontade é uma, com a d'Ele. Começamos a praticar, não apenas a Sua presença, como também, a presença do novo homem. Somos libertos da prática da presença do velho homem, no qual domina os princípios de morte e mal, como também do homem imaturo que ainda jaz sob a lei (ver Gálatas 4).

Como bem sabia Mateus, podemos ser cristãos e ainda permanecer debaixo da lei - falhando redondamente em reconhecer nossa herança e capacidade de andar no Espírito e praticar a presença do novo homem. Quando sob a lei, agimos como o garotinho culpado, "incapazes de recebermos o amor de Deus e dos homens", e assim, somos incapazes de exercer a autoridade madura necessária, sobre nossas próprias vidas, ou em posição de liderança no Corpo de Cristo. Por esta razão também, não conseguimos nos mover com força e efetividade nos dons de cura do Espírito. Falsa humildade, pecados reais ou necessidade de cura psicológica impedem-nos de viver a partir do interior, em posição de saber que estamos n'Ele. Essa posição é de autoridade, através da qual, nós, os remidos, como foi Adão antes da queda, somos *nomeadores* de tudo que foi criado. Chamados pelo nome por Deus, moldados somente por Sua vontade, não somos mais nomeados e formados por aquilo que foi criado. Essa é a maturidade e autoridade que cura o mundo. Morremos diariamente para qualquer autoridade egoísta ou tirana (um espírito carnal e dominador) que venha do velho homem, autocentrado, como também da fraca posição de "falta de autoridade" que o menor de idade tem debaixo da lei; vivemos a partir do centro onde Ele habita, dando nomes em Seu nome. Nossa verdadeira masculinidade ou feminilidade é restaurada. Toda a criação aguarda por isso. Tudo isso está envolvido na derrubada da terceira barreira e entrada em nossa

verdadeira identidade. Isto não acontece da noite para o dia.

Contudo, uma cura como essa pode ocorrer e, na verdade, ocorre, muito mais depressa do que se supõe. Muitas vezes, em, contraste com, as sessões de aconselhamento que duram anos, duas ou três semanas bastarão para que essa cura se torne visível, dependendo da disposição da pessoa em deixar de lado sua própria vontade e aceitar a vontade de Deus. A melhor maneira de nivelar rapidamente essa barreira para a cura da alma é através de orações onde ouvimos a voz do Senhor. Este é um tipo de oração que devemos praticar, mas muitas vezes temos de primeiramente ser levados à posição de servos inúteis de um Mateus, ou de uma Lisa, antes que entreguemos nossa servidão a outras vozes de dentro e de fora de nós e comecemos a ouvir e obedecer a voz do Bom Pastor. Muitas dessas pessoas - que sofreram crises nervosas e longas hospitalizações no passado - acabam se tornando os cristãos mais fortes e efetivos porque, tendo estado sob tamanha escravidão à voz do passado e do presente, elas agora *ouvem* com alegria a Palavra que vivifica, a fim de sobreviver como pessoas.

Com o nivelamento dessa terceira barreira, Mateus encontrou libertação de seus temores sobre o que poderia acontecer, uma vez que sua identidade heterossexual foi plenamente realizada. Como um rapaz indefeso, ele sofrera sob a tirania sem amor de seu pai. Era incapaz de expressar uma ira justa e saudável, quando essa emoção foi induzida, e assim virou esse sentimento contra si mesmo. Dentro de si, portanto, não havia apenas uma masculinidade reprimida, mas também, uma ira profundamente reprimida. Uma não podia (e na verdade não deveria) vir à tona sem a outra. Mas a ira, como aquilo que lhe parecia um fortíssimo impulso sexual, deixou-o temeroso de sua verdadeira identidade heterossexual. Ele temia aquilo que estava em seu interior e segurava uma forte tampa sobre a ira e o impulso sexual para que essa energia reprimida não saísse dos limites. Ele temia, em suma, que viesse a ferir uma mulher fisicamente indefesa, tratando-a como seu pai o tratara.

Com o progresso de sua cura, a ira, como também sua masculinidade há muito reprimida, começaram a se fazer presentes de modo consciente. Ambas as forças começaram a trovejar em seu interior como um elefante macho atacando uma cerca de bambus. As tentativas de simplesmente "abafar" esses impulsos não daria certo. Ele, afinal, estava pronto 'para descobrir que tudo isto só podia ser tirado de seu coração em sua conversa com Deus, e que ao submeter a Ele tais sentimentos, seria transformado.

Depois de aprender a fazer isso, Mateus estava pronto para o que lhe parecia ser uma oração muito arriscada - a oração pela liberação de seu impulso heterossexual normal. Como exemplo, quero compartilhar uma forma maravilhosa de oração usada por Agnes Sanford. Ela imagina a energia sexual dormente ou deturpada dentro da pessoa como se fosse um "fluxo criativo":

"Veja, aquilo que denominamos sexo é apenas uma parte de todo o fluxo criativo da vida de Deus dentro de nós. Penso então na vida de Deus dentro de mim como um rio que talvez tenha sido represado em algum ponto. De qualquer modo, por alguma razão, ele ultrapassou suas margens e entrou numa área a qual não pertence."

Porque as palavras "amor" e "sexo" são tão carregadas de conotações emocionais e sensuais diferentes, especialmente para alguém com um problema sexual, a Sra. Sanford evita utilizá-las na sua oração. Fala, em vez disso, do "fluxo de vida criativa vindo de Deus" e da "vida de Jesus Cristo que entra". Por razão semelhante, ela fala impessoalmente, propositadamente, e até mesmo "quase com frieza" nessa oração:

"Então, imponho as mãos sobre essa pessoa... orando para que a vida de Cristo entre e olhe esse rio, trazendo-o de volta ao canal normal. Faço isso muito pictoricamente, por vezes dizendo até: `Pela fé, cavo um canal fundo e largo. Em nome de Jesus Cristo digo que essa energia de agora em diante deverá fluir em seu canal normal, não mais se desviando para a esquerda ou para a direita.e Construo

ainda altos diques de ambos os lados e em nome de Jesus ordeno que não extravase para a direita ou para a esquerda, mas flua calmamente pelo canal normal'. Se a pessoa for casada, que por vezes é o caso, digo 'encontrando alívio suficiente dentro dos atos e das alegrias normais do matrimônio'. Se a pessoa não for casada, digo 'encontrando alívio suficiente para o presente nos exercícios físicos, em atividades criativas, interesses intelectuais, deixando elevar, mudar, sublimar e transformar em Ágape quaisquer excessos desses sentimentos, fazendo com que a compaixão de Deus vá adiante para curar homens, mulheres ou crianças, indistintamente'."

Embora Agnes esteja falando com Deus, está orando em linguagem figurada para que a mente do sofredor entenda de -_udo profundo, e não sinta um fardo insuportável sobre o seu = s,nsciente já sofrido. Ela sabe muito bem que:

"Essa pessoa não pode lidar com essa dificuldade no nível consciente... não adianta raciocinar, argumentar ou bater no peito... Quanto mais ela se preocupa com seu estado, pior fica. Sempre digo ao homem 'nem ore sobre isso; você não consegue: será feito por você; simplesmente deixe estar'."

Contudo, durante essa oração, é liberada a fé, que vai além do consciente da pessoa, e esta "vê" com os olhos da fé, um ato simbólico de sua própria cura, começando a participar, desse nível profundo de oração. Não existe um melhor modo de orar com fé do que este.

Mexendo os braços para demonstrar sua oração figurada, Agnes direciona aquele extraviado rio de energia ao seu curso normal:

"Não é difícil. É uma forma simples de oração. Está ali você vê, é um fluxo da criatividade de Deus que simplesmente transbordou. bordou. Traga-a de volta, eleve-a ao Senhor."

Tanto para Mateus, como para outros, é importante o momento dessa oração. Por exemplo, Deus tinha outras coisas para fazer na alma de Mateus antes que ele estivesse pronto para isso. Mesmo assim, tenho de concordar com Mateus que é

uma forma arriscada de oração, porque sempre que for orada em seqüência certa, ela sempre (como Agnes diz) funciona! Portanto, ao fazer uma oração dessas em favor de Mateus, ou em favor de qualquer outra pessoa, eu sempre enfatizo de coração "...encontrar alívio suficiente no presente por meio de exercícios físicos...", etc. Deus se deleita em responder orações específicas. Ele ouviu e atendeu a oração em favor de Mateus.

Mais sobre a Falha em Aceitar a Nós Mesmos

Dentro dessa terceira barreira para a cura da alma está uma falha em negociar aquilo que, em determinado nível, é um passo de desenvolvimento perfeitamente natural, comum a todos os homens, em todo lugar. Existem, como dizem os psicólogos, progressões da infância até a maturidade que envolvem "desenvolvimento psicossocial". Quando deixamos fora uma dessas progressões normais, temos problemas.

Uma das progressões vitais na questão de auto-aceitação é o passo *do* período narcisista da puberdade, aquela fase egocêntrica e auto-erótica, quando a atenção é dolorosamente centrada no próprio corpo e ser, *para o* nível de desenvolvimento em que se aceita a si mesmo e os olhos e coração ficam voltados para fora, em direção do outro, de tudo mais no mundo criado. Em qualquer nível que se deixe de viver esse passo, a pessoa se encontrará presa a alguma forma ou manifestação do tipo errado de amor próprio. Falhando em amar a si mesmo de forma correta, ele se amará erradamente. A prática difundida e mórbida da introspecção, por exemplo, é uma das mais prevacentes dessas manifestações, e sua prática ansiosa pode ser perniciosa para o desenvolvimento da personalidade, tanto quanto a masturbação (quando levada além da puberdade) e o homossexualismo - dois dos mais óbvios exemplos de amor virado para dentro de si.

Existem, é claro, uma multidão de maneiras pelas quais amamos a nós mesmos

com a exclusão do outro. Lembro-me bem da jovem esposa que percebeu o narcisismo do marido no próprio ato do amor. Ela me disse: "Meu marido está apaixonado por seu próprio corpo. Percebo isso mais nitidamente quando estamos fazendo amor. Ele, na verdade, não faz amor comigo, embora eu não saiba bem explicar. Eu o vejo nu, gesticulando frente a um espelho. Ele tira o mesmo prazer disso que quando faz amor comigo. Eu não sou amada. Sou apenas o vaso através do qual ele ama a si mesmo". Esse homem precisava muito da cura que estamos descrevendo neste capítulo. Conhecendo-o mais tarde, soube que ele sofria crises de profunda depressão nas quais se desprezava. Precisava ser liberto desse amor narcisista cujo lado inverso era a não aceitação, ou até mesmo o ódio de si.

Escrever sobre a cura do homossexual é escrever sobre a cura de todos os homens, pois cada um de nós foi abatido por alguma forma doentia de amor próprio. Na verdade, é isso que a Queda é e faz na vida de cada indivíduo. Cristo não só nos redime dos efeitos da Queda, mas continua a nos libertar à medida que nos aproximamos d'Ele, arrependidos do orgulho que tão rápida e facilmente continua a nos dominar. Precisamos, sempre e continuamente, confessar o orgulho - aquela raiz de trevas, aquela espécie de amor que serve a si - a fim de permanecermos íntegros.

Walter Trobisch escreveu sobre a necessidade de auto-aceitação em um livrete denominado "Ame a si mesmo". Neste livrete ele declara com simplicidade dois fatos que vejo continuamente repetidos com respeito ao tipo certo de amor próprio. Primeiro,

É fato estabelecido que ninguém nasce com a capacidade de amar a si mesmo.

Ele passa então a citar o psicoterapeuta alemão, Dr. Guido Groeger:

O amor próprio é adquirido ou não existe. A pessoa que não tem amor próprio ou o adquire insuficientemente não é capaz de amar os outros, ou não os ama suficientemente. O mesmo se aplicaria para tal pessoa em seu relacionamento com

Deus.

Segundo, Walter Trobisch declara:

"Em termos claros, *quem não ama a si mesmo é egoísta.*,

Torna-se necessariamente egoísta porque não tem certeza de sua identidade e assim está sempre procurando encontrar a si mesmo. Como Narciso, está envolvido consigo mesmo e torna-se autocentrado.

Um exemplo de amor próprio no sentido negativo se ilustra com o mito grego sobre Narciso. Este era um jovem que, enquanto contemplava seu reflexo num poço, apaixonou-se por si mesmo. Totalmente envolvido em sua própria imagem, caiu na água e afogou-se. Desse mito vem a palavra *narcisismo*. Outro termo grego para "si mesmo" e "amor" que dá a mesma idéia é *auto-erotismo*.

O amor próprio no sentido positivo de auto-aceitação é o oposto exato do narcisismo e do auto-erotismo. Na verdade é um pré-requisito para um passo na direção do altruísmo. Não podemos dar aquilo que não possuímos. Somente quando aceitamos a nós mesmos podemos ser verdadeiramente altruístas e livres de nosso próprio domínio. Se, porém, não tivermos nos descoberto e encontrado nossa própria identidade, teremos de continuar sempre na busca de nós mesmos. A

expressão *egocêntrica* descreve bem a pessoa que gira em torno de si mesma."

A falha em passar do estágio narcisista para o de auto-aceitação é o que aqui chamamos de a terceira barreira para a cura da alma: a falha em aceitar e amar a si mesmo corretamente. Escrevi bastante sobre este assunto, porque o fato me impressionou fortemente, enquanto estudava os dados a respeito de cada cura, quais as falhas comuns a cada uma, não importa em qual categoria de homossexualidade a pessoa esteja. Um estudo sobre o homossexualismo acaba sendo um estudo sobre o crescimento impedido em pelo menos uma parte da personalidade; é um estudo sobre a imaturidade. Na verdade, como reiteramos através de todo este livro, é um estudo dos aspectos psicológicos e espirituais da

crise de identidade.

Igualmente digno de se pensar, é a importância do papel do pai durante e nos anos formativos depois da puberdade. Parece crucial para o jovem filho, ou filha, negociar esse passo psicossocial de desenvolvimento". A afirmação do pai para com o filho jovem é indispensável em todo o curso, pois coloca o fundamento para um relacionamento de confiança mais tarde. Mas ele não deve se omitir nesse período crítico da vida do adolescente. O fato de que a presença amável e afirmadora do pai (ou de um extraordinário substituto paterno) é a escada pela qual, o filho ou a filha jovem assume esse passo essencial em seu desenvolvimento, em direção à auto-aceitação, tem-me impressionado cada vez que o observo. Isso requer um pai razoavelmente inteiro, que tenha, ele mesmo, tomado esse passo. Sua parte, portanto, é essencial, assim como o foi o papel da mãe nos primeiros meses de vida, desde a concepção até a percepção da criança de que ela é uma entidade separada da mãe. Nunca haverá tempo na vida da criança em que ela não necessite do amor de um pai inteiro e de uma mãe inteira, saudáveis e íntegros - mas, aparentemente, alguns estágios são mais críticos que outros quanto à carência psicológica e o desenvolvimento.

Uma das tragédias de nossa cultura é que cada vez menos pessoas saem da puberdade rumo a esse passo. Permanecemos aprisionados em diversos estágios, abaixo do nível de uma serena auto-aceitação - que nos libertaria da instabilidade entre o egoísmo autocentrado e um arrasador ódio de nós mesmos. Tornamo-nos escravos de nosso ser emocional, vivendo precariamente a partir do cerne de nosso próprio ser sentimental. Fazemos isso até que a dor da perda dessa dimensão do desenvolvimento se torne tão intensa, que despertamos de nosso sono de morte e começamos a buscar integridade. Muitos, não encontrando respostas e cura, vão ao túmulo sem ter passado da imaturidade para a maturidade emocional. As principais razões para esse impasse não são difíceis de encontrar. É mais comum o pai não estar disponível para seu filho (ou sua filha) adolescente. Isso pode ser devido ao

divórcio, ou simplesmente porque não sobra tempo depois do trabalho profissional. Muitas vezes, o modo de vida egoísta, bem como a imaturidade do pai, tornam-no incapaz de apoiar e afirmar seu filho. Pode ser até que nossa sociedade permissiva tenha dado liberdade precoce a esse adolescente, tirando a autoridade paterna correta e de direito. Muito do homossexualismo que vemos hoje é colheita, semeada há muito tempo, da destruição do lar e ausência de pais íntegros que apoiem os filhos.

Outra Oração Necessária para Mateus

Outra oração específica que Mateus precisava era com vistas a libertá-lo do hábito da masturbação. Nunca orei pela cura de um homossexual masculino que também não precisasse ser liberto desse hábito. Uma vida de fantasia, pode ou não acompanhar tal hábito e também deverá ser tratada.

A masturbação é freqüentemente um fator da adolescência; quando continua o período narcisista, continua também o hábito. Às vezes, esse hábito narcisista é o fator raiz que levou ao homossexualismo, conforme veremos em um caso relatado adiante neste livro.

Em alguns casos, porém, o hábito está arraigado em trauma infantil e relacionado a pavor ou ansiedade severa - componentes da inquietação que acompanham as mais agudas dores psicológicas na mais tenra infância. Nesses casos, emerge uma masturbação carregada de pavor (em vez de meramente luxúria). O bebê, incapaz de receber o amor da mãe ou de outra pessoa além de si mesmo, se agarrará à própria genitália. Dr. Frank Lake, psiquiatra e psicólogo profundamente cristão, diz que o pavor infantil se manifesta como uma dolorosa tensão genital. Ele cita Kierkegaard que notou que, com o aumento do pavor, existe um aumento de sensualidade. Essa é a dor e o pavor de ser *desrelacionado*, primeiramente como um bebê, de sua mãe. Nessa separação, o bebê deixa de atingir um senso de bem-estar, ou até mesmo o próprio *senso de ser*.

Há aqui diferentes graus de danos, mas nos casos em que o pavor e a ansiedade são fatores, o conselheiro deve ajudar o sofredor, não apenas a se livrar desse hábito, como também a exercer paciência e compreensão consigo mesmo, enquanto a crise de ansiedade e de identidade ainda está sendo curada. Sempre haverá cura quando a pessoa entra em sua identidade no relacionamento com Cristo. Também, embora haja um elemento patológico no hábito, o sofredor que realmente deseje se integrar, deverá conscientemente se desviar dessa prática. O hábito contribui sempre para o autodesprezo e ódio de si mesmo, sendo encontrado no fundo de uma deturpada auto-imagem até que se obtenha a libertação necessária. Assim sendo, o hábito impede de vencer a terceira grande barreira da cura da alma: aceitar-se e amar-se de modo correto.

O sofredor deve compreender o que o ciclo carregado de pavor, que é a masturbação, denota: um amor voltado para dentro, sobre si mesmo, devido a um relacionamento inadequado com o próximo. Ele precisa também saber que o hábito contínuo, como um amor erroneamente voltado para dentro, milita contra a pessoa, impedindo-a de chegar a relacionar-se positivamente com outras pessoas. É necessário ser liberto da culpa e não acrescentar outras culpas mais, mas minha experiência tem sido de que, para chegar à cura, o indivíduo precisa confessar, pedir perdão por esse amor próprio errado, ao mesmo tempo que precisa aprender a grande virtude da paciência consigo mesmo, bem como desenvolver a capacidade de perdoar a si mesmo, quando fracassar.

O próprio esclarecimento da razão pela qual esse hábito ocorre, é terapêutico. Ministrei a um jovem, que durante toda a vida, sofreu a vergonha e a incapacidade de aceitar a si mesmo, devido à ansiedade e o pavor ligados à masturbação compulsiva. Era de uma família católica devota, e, sendo assim, mais intensa ainda era sua culpa. Sua mãe, procurando ajuda para ele, tornou-se líder de um grupo de oração. Nessa condição, participou de uma Escola de Cuidados Pastorais. Ali, ela me ouviu falar sobre como algumas das curas mais surpreendentes eram da rejeição

experimentada *antes* do nascimento, e isso trouxe forçosamente à sua mente o problema do filho. Embora ele fosse muito amado, devido às circunstâncias da vida na época da gravidez, essa mãe havia rejeitado profundamente o bebê antes de seu nascimento. Mãe de nove filhos, ela sofria uma estafa mental e física na época de sua sétima gravidez. Sentindo-se incapaz de ter mais um filho, ela começou a afundar em ira e frustração com a situação, terrivelmente só, sem que o marido pudesse entrar e ajudá-la. Tudo isso acabou trazendo a

família para mais perto de Deus, e uns para mais perto dos outros, mas não antes dela tentar a saída do suicídio. Quando seu filho nasceu, embora ela ainda estivesse em crise nervosa, conseguiu recebê-lo com amor e amamentá-lo.

Quando criança, e durante todo seu crescimento, o filho necessitava de cuidados especiais, incluindo tratamento psiquiátrico. Quando, sob insistência da mãe, ele me procurou, nada sabia sobre o profundo desapontamento da mãe com a gravidez que o trouxera à luz. Ele achava simplesmente que sofria do pecado da luxúria e excesso de sexualidade, algo que o fazia temer seus impulsos sexuais e seu desejo de se casar. Depois que ele compartilhou comigo os seus anseios de vencer o ódio que tinha de si mesmo, bem como o problema terrível da masturbação, passamos a orar.

Quase imediatamente, estávamos entrando numa situação de cura de "trauma de parto". Ele estava nascendo envolto pela pressão de uma solidão apavorante. Parece que ficamos muito tempo nessa lembrança, mas a rejeição que ele experimentara tinha sido muito profunda. Repetidamente, com voz repleta de ansiedade, ele descrevia o sentimento que tinha ao nascer:

- Estou tão terrivelmente só, tão sozinho!

Convidamos o Senhor para entrar nessa terrível solidão, pedindo que Ele segurasse o pequeno bebê aconchegadamente em Seu colo. Esperamos na Sua presença até que o jovem fosse curado. A batalha contra agarrar sua genitália,

batalha de toda uma vida, foi vencida.

O hábito de Mateus, como o desse jovem, não era apenas resquício de brincadeiras sexuais infantis, nem do período narcisista da puberdade, mas proveniente de pavor e ansiedade infantis. Estivera com ele desde que conseguia se lembrar, e tinha a ver com a dor de ser separado dos relacionamentos de verdadeiro amor, a dor de estar *desrelacionado*. Foi à medida que ele veio a aceitar a si mesmo, dentro do amor afirmador de Deus e de seus irmãos em Cristo, que ele obteve libertação desse hábito compulsivo e carregado de ansiedade.

Porém, como muitas vezes ocorre, a lascívia tinha, em algum ponto, entrado no retrato. Além de precisar de oração pelo hábito relacionado com a ansiedade e o pavor, Mateus necessitava de oração para libertação da lascívia. Isso afugentou um espírito imundo (o lascívia sexual) que aproveitara a necessidade de cura da alma para colocar ainda mais um peso de lascívia sobre ele. Como sempre, no caso da lascívia, uma escolha radical tem de ser feita antes de uma oração dessas. Mateus tinha de escolher jamais permitir assentir em sua mente essa lascívia, juntamente com sua vida de fantasia.

É impressionante como até mesmo nos casos mais severos de distúrbio psicológico, o sofredor encontra dificuldade para fazer essa escolha. Um retrato inesquecível dessa hesitação vê-se no homem fantasma descrito por C. S. Lewis em *O Grande Abismo*. Ele se encontra do lado de fora do céu, tentando manter na mão a lagartixa vermelha da lascívia que mora no ombro e cochicha no seu ouvido, recusando-se a ficar quieta. Um espírito angélico, chamejante de luz, está diante dele, convidando-o a escolher o céu e a alegria. A pequena lagartixa vermelha, é claro, impede essa escolha e tem de ir embora. Quando o anjo se oferece para matar a lagartixa, o fantasma exclama: "Mas no começo você não me disse nada sobre *matar* minha lagartixa! Não queria incomodá-lo com algo tão drástico como isso". Ele deseja um alívio gradativo, mas o anjo lhe assegura que *esse* método não funciona de modo algum. Finalmente, gritando a Deus por socorro, o fantasma

permite que o anjo mate a lagartixa:

"O chamejante anjo fechou o punho vermelho sobre o réptil, torceu-o, enquanto ele mordida e remexia, e então, tendo quebrado a espinha do bicho repugnante, jogou-o longe, sobre a relva."

Imediatamente o fantasma começa a se transformar num imenso, homem de cabeça dourada, não muito menor que o anjo, e a lagartixa se transforma em um imenso cavalo branco de juba e rabo dourados. A transformação, de significado tão maravilhoso, retrata a linda realidade pela qual a pequena lagartixa da lascívia fora substituída. Um hábito libidinoso, com sua acompanhante vida de fantasia, ameaça, não só a vida espiritual do cristão, como também ameaça a verdadeira imaginação. Impede, na verdade, a visão poderosa do cavalo de prata e ouro.

Mateus escolheu a alegria em vez da lascívia, e pela oração, fizemos fugir a lagartixa vermelha.

Antes e Agora

Vários anos se passaram desde aquele dia em que Mateus apareceu à minha porta, e, como quis o gracioso Deus, ele voltou com sua boa aparência - desta vez vibrante. Era outra porta e outro estado, como ambos éramos de partes diferentes do país, e mais uma vez, dessa vez de forma festiva, conversamos, enquanto tomávamos xícaras de chá em minha sala.

Mateus estava tão distante daquele estado de desespero em que o conheci, que parecia nunca ter passado por aquela espécie de sofrimento. Na verdade, eu tive de lembrá-lo, pedindo que ele comentasse e lesse a sua história antes que ela viesse a ser publicada. Os próprios pais cresceram e mudaram muito, para melhor, porque ele pode amá-los e conduzi-los a caminhos mais retos e realizadores. Ele gosta de pensar nos pais :2omo eles são hoje.

E de alguém tendo tão pouca percepção, por si mesmo, de sua própria

identidade pessoal; como um filho, numa família; e como homem entre homens, Mateus agora repousa tranqüilamente no conhecimento cada vez mais seguro de quem ele é e da aceitação amorosa das outras pessoas. Acho que uma das mudanças mais notáveis na sua personalidade exterior é essa maravilhosa sensação *de estar se tornando*. Ele sente *alegria* ao compreender que, com Deus, está realmente cumprindo um destino realizador espiritual e artístico. Com isto tem experimentado um senso de *lugar*. Algo que o deixa maravilhado é que Deus o tenha comissionado ao mundo e, ao mesmo tempo, lhe dado o enorme presente de, nele, ter um lugar.

Junto com sucesso cada vez maior na profissão escolhida, Mateus está exercendo um ministério crescente para com os que conhece pelo caminho. Os que sofrem dos problemas que ele outrora conhecera, parecem gravitar em torno dele. Ele se maravilha de ser instrumento de Deus para ajudar outras pessoas que sofrem dos problemas que ele também conheceu e achava não ter solução.

Mateus é alguém, cuja "homossexualidade," nunca foi desempenhada ativamente, mas certamente teria sido, se ele não tivesse recebido ajuda e a necessária cura psicológica. Sua orientação interior apontava firmemente naquela direção, e se ele tivesse conseguido viver sua vida profundamente arraigada em fantasia, sua cura teria demorado mais para se firmar. Ninguém sabe disso melhor que ele e sua exclamação:

"Deus verdadeiramente tem posto Sua mão sobre mim!" é de espanto e gratidão a Deus, que não apenas o impediu de cair, mas também o preservou desde a infância. Ele sabe, sem sombra de dúvida, que se Deus o curou, pode curar a qualquer pessoa. Ele sabe também que não existe uma pessoa verdadeiramente "homossexual". Existem apenas aqueles que precisam de cura das rejeições e privações, libertação do amor-próprio pecaminoso e dos atos que provêm daí, e, juntamente com isso, o conhecimento de seu ser enaltecido, quando em Cristo.

capítulo quatro

A Busca da Identidade conforme as Escrituras

*"A sexualidade e o comportamento sexual
são dimensões de nossa qualidade de humanos,
mas não constituem a pessoa como ser humano"*

[Bennett J. Sims, Bispo de Atlanta]

Os relatos da cura de Lisa e de Mateus revelam a crise de identidade sexual no único contexto em que deve ser entendido - o da busca geral por identidade e por tornar-se pessoa. A verdade de que a plenitude e cura estão ligadas aos relacionamentos restaurados (entre a pessoa e Deus, entre a pessoa e seu próximo e entre a pessoa e seu ser mais interior) tem, espero eu, sido suficientemente destacada e enfatizada. As histórias de Lisa e Mateus foram selecionadas porque ambos conheceram extremos no trauma de *separação*. As histórias de suas vidas oferecem exemplos clássicos de condições e reações a essas condições que podem levar uma mulher a centrar-se em mulheres de modo desordenado, e um homem a centrar-se desordenadamente em homens. O indivíduo pode *escolher* um

relacionamento lésbico ou homossexual quando a necessidade de intimidade se torna compulsiva. Essa escolha é feita, a fim de aliviar a solidão interior, numa tentativa de encontrar um senso de identidade em relação ao outro.

As seguintes histórias de crises de identidade sexual são relatadas para destacar outras variações comuns no comportamento homossexual. Do ministério de nosso Senhor, vemos que nenhuma cura é igual a outra, e assim, a oração por cura nunca pode ser reduzida a fórmulas ou métodos. Mas, orando com pessoas que temem ser homossexuais e com aquelas que já experimentaram comportamentos homossexuais -quer, concretamente, ou por meio de pensamentos e fantasias -, passei a reconhecer certos problemas-raízes e necessidades psicológicas básicas. Estes caem em grupos discerníveis, de igual modo, as maneiras apropriadas de se orar por cada um. Esses grupos na verdade se sobrepõem, e algumas histórias se encaixariam em mais de uma categoria.

Masculinidade Reprimida

A história de Estêvão

O dilema de Estêvão era devido principalmente à sua pequena estatura. Angustiava-se com isso e por isso tinha dúvidas e temores quanto à sua capacidade sexual. Essas ansiedades cresceram à medida que continuava rejeitando o corpo franzino, e com isso, sua masculinidade. No último ano de faculdade ele tinha, há muito, passado a puberdade, mas ainda não se aceitava para ir adiante a fim de obter uma identidade sexual segura. O problema tornou-se crítico quando ele se viu envolvido em fantasias homossexuais compulsivas.

Essas começaram com imagens mentais que assaltavam sua mente quando via outros moços no chuveiro do ginásio de esportes. Invariavelmente essas fantasias envolviam os tipos mais atléticos. Estêvão, diferente de Mateus, não admirava o intelecto e a boa aparência de outros, mas o tamanho físico e a capacidade de

atletismo característicos do atleta vencedor. Em seu estado atual de espírito, essas eram características essenciais à virilidade sexual. As imagens intrusas da mente de Estêvão centravam-se, portanto, nos órgãos genitais do macho que ele admirava. Aqui, mais uma vez, reconhecemos a analogia entre a compulsão homossexual e a razão do antropófago querer comer outro ser humano - para obter suas características positivas. Ambos refletem uma forma distorcida de tentarmos_ tomar sobre nós os atributos que sentimos que nos faltam.

Uma imagem intrusa e repetida que de repente assedia nossa mente, quando *acolhida subjetivamente*, torna-se parte de uma fantasia compulsiva na vida da pessoa. Por outro lado, quando ela for imediatamente *objetificada* - ou seja, colocada fora da pessoa e analisada - a pessoa pode, não só começar a entender suas implicações psicológicas, como também a ter autoridade sobre aquela imagem. Seja ela um retrato simbólico, surgido do fundo de uma psiquê não curada, ou um míssil destrutivo proveniente do inimigo de nossas almas, pode ser discernida através da oração e assim, totalmente desarmada. Muitas vezes, e é esse o valor deste livro, as duas coisas trabalham em conjunto e devemos tomar cuidado para orar pelo fator psicológico, como também pelo espiritual. Discernimos assim, entre a necessidade de cura de alma e de sua proteção e libertação das forças alienígenas que procuram oprimi-la e mentir para ela. Satanás é o tentador e acusador (Apocalipse 12.10), que tenta levar plena vantagem sobre o problema psicológico da pessoa (no caso de Estêvão, o fracasso em assegurar sua identidade sexual).

Estêvão perdeu a batalha nesse ataque contra sua mente, quando permitiu que a lascívia entrasse. Influenciado bastante pela propaganda homossexual da atualidade, e não tendo assegurado sua identidade sexual, ele começou a dar lugar subjetivo, em vez de objetivar e exercer autoridade sobre as imagens fálicas que atordoavam sua mente. Dessa forma, abriu a mente para a tentação e, finalmente, para uma queda moral e espiritual que acabou em atos homossexuais.

Se Estêvão tivesse obtido a ajuda necessária antes de cair em comportamentos

homossexuais ativos, ele teria se livrado de intenso sofrimento, pois esteve sob opressão demoníaca severa. Sempre fora uma pessoa moral, sensível, tendo obtido altas honras por sua excelência acadêmica e artística numa universidade conhecida por ambas as qualidades. Mas sua mente estava presa, não apenas pelo imaginário demoníaco, como também por uma obsessão mental viciada e contínua que continha dois elementos: uma constante análise de si mesmo - exercício que o fazia olhar para dentro, para encontrar alguma espécie de verdade ou realidade pessoal - e uma análise crítica constante daquilo que ele, anteriormente, havia aceitado como verdade. Esse diálogo interior era cheio de sofismas irracionais que só destruíam os conceitos, mas não conseguiam juntar os fragmentos com qualquer integridade que satisfizesse. Outra maneira de descrever isso é dizer que seu pensamento, severamente introspectivo, cheio de dúvidas sobre o que é, ou não, a verdade, era agonizantemente sofrido e cíclico. Esta é a doença da introspecção, mal que Estêvão sofria em grau assustador. Na verdade, ele se debatia em sérias trevas espirituais e mentais, cheio de temor, quando me procurou pela primeira vez para orar.

Nossa primeira oração foi uma em que ordenei aos poderes das trevas que libertassem sua mente e o deixassem. Eu uso água benta (abençoada, separada para este propósito e consagrada por um sacerdote nessa oração para simbolizar que as orações da Igreja estão concordes com a minha. É uma das orações mais simples e rápidas que temos o privilégio de fazer e requer apenas que saibamos e nos movamos sob a autoridade que nos foi dada como cristãos. O dom do Espírito Santo de discernimento de espíritos está operando antes mesmo dessa oração. O alívio após esta oração, uma vez que o ente demônio foi verdadeiramente discernido e expulso, é imediato. A próxima oração em favor de Estêvão foi com a unção com óleo pela cura e o aquietar de sua mente. Sob direção do Espírito Santo, eu oro de acordo com a necessidade da pessoa. Mas geralmente, em um caso como este, unto a testa com óleo, fazendo sinal da cruz. A seguir, imponho as mãos (às vezes pressiono as têmporas) pedindo a Jesus que entre, cure e acalme a mente. Espero,

orando em silêncio, enquanto *O vejo* fazendo exatamente isso. Depois dessa oração, Estêvão estava pronto para fazer sua confissão e receber a necessária purificação e perdão.

Após isto, tivemos de enfrentar suas necessidades psicológicas, a de aceitar a si mesmo, pequeno como era, e aceitar sua masculinidade ainda que viesse numa forma menor do que a que ele idealizava ou aceitava. O ideal, como ressaltamos no caso de Mateus, é que isto tivesse sido feito logo após a puberdade e muito antes da fase atual. Era um salto tremendo para ele, carente de amor sensível, sabedoria e afirmação de alguém que esperasse e ouvisse ao Senhor, com ele, até que pudesse vencer este obstáculo com segurança.

Como vimos, este é um bloqueio de atitude que vencemos quando *escolhemos* deliberadamente abandonar nossas velhas atitudes e imaginações inaceitáveis a respeito de nós mesmos e trazer nossos pensamentos e a imaginação do coração (neste caso, todos os pensamentos negativos sobre nós mesmos) em sujeição a Cristo (2Coríntios 10.5). Passamos então a ver-nos, não mais por meio de nossos próprios olhos, nem pelos olhos dos outros, mas através dos olhos amorosos e receptivos de Jesus. Somos, assim, imbuídos a aceitar e aprendemos a exercer a virtude da paciência e benignidade para conosco mesmo, e também para com os outros. É sobre os joelhos - ou qualquer que seja nossa melhor posição de oração a Deus - que consciente e deliberadamente passamos a aceitar a nós mesmos e começamos a tarefa de *ouvir*, de estar presente em nosso próprio coração, como também no coração de Deus.

As lembranças especialmente humilhantes do passado podem nos tornar temerosos de ouvir a Deus e ao nosso ser interior por medo do que poderemos encontrar, se o fizermos. Alguns temem que ao enfrentarmos a verdade a nosso próprio respeito, saibamos, com certeza, que os nossos piores medos são verdadeiros - que de alguma forma somos mais vis do que os outros, ou, talvez, menos normais que todo mundo que conhecemos. Fugimos de enfrentar nossa

solidão interior e temos pavor da solidão de um lado, e da intimidade e companheirismo que necessitamos com família e amigos, de outro. Mas todos os que tomam coragem e entram nessa espécie de oração, não mais temendo ver e reconhecer perante Ele as coisas desprezíveis do passado, ou os sentimentos profundos a seu próprio respeito e a respeito do *outro*, são os que descobrem que verdadeiramente Deus é amor. Descubrem também a virtude (dom de Deus) da auto-aceitação.

Para Estêvão, mesmo após ter aceitado o perdão de Deus, o fato de *que ele tivesse caído dessa forma* o impedia de aceitar-se e, assim, de alcançar o objetivo de chegar à liberdade e à maturidade. Além de se perdoar, ele precisava ser paciente e manso para com o "eu" que errara, rejeitando apenas o comportamento pecaminoso. Estêvão tinha de reconhecer que a falha em fazer isso tinha como raiz o orgulho.

Este é o orgulho que, até que seja reconhecido e confessado, impede-nos de compreender o fato de que somos, como todo mundo, criaturas caídas, e, sendo caídos, somos pecadores que cometem seríssimos erros. Esta falha geralmente esconde, sob o que denominamos de "complexo de inferioridade", algo que sempre inclui uma forma de orgulho. Ainda estamos tentando operar nossa própria salvação. Quando confessamos nosso orgulho, reconhecemos que somos como os outros homens - caídos e atraídos ao que é vil, como também ao que é belo, e que se nos desviarmos um só momento d'Ele, seremos novamente capazes do que é vergonhoso e sórdido. Essa é a plena aceitação do caminho da cruz - o modo de Deus salvar-nos que ultrapassa qualquer tentativa nossa de obter a salvação por nossa perfeição ou por termos dado um jeito de "desfazer" nossos pecados e erros passados.

Uma vez que essa grande verdade e "maravilhosa graça" é compreendida, a pessoa, segue em frente, quase sempre por si mesma, para resolver a questão da auto-aceitação. Normamente, isso implica em boa dose de "luta" em oração contra

nossas velhas atitudes, mas é o que nos torna fortes. Nos casos em que o ponto de vista emocional para com o "eu" seja complicadamente doentio, ou prolongado, será necessário maior juda. Com tais pessoas, minha parte é simplesmente esperar com elas em oração, dirigindo-as com mansidão para que abram mão das idéias negativas e recebam em lugar delas, as palavras e atitudes positivas dadas pelo Senhor. Às vezes, em casos particularmente difíceis, voltamos às memórias que já foram iradas através da oração, porém, desta vez, com a pessoa consciênte e deliberadamente conversando com o Senhor para o "eu" que participou no comportamento detestável, tomando cuidado para rejeitar apenas o comportamento nocivo.

Desta forma, aqueles que rejeitam a si mesmos podem ganhar a necessária objetividade que precisam para exercitar a mesma paciente aceitação que teriam para com outra pessoa. Isto é, ao mesmo tempo, uma lição profundamente significativa em humildade, da espécie que aceita humildemente o *eu* peniente e perdoado. Assim libertando aqueles que, como Estêvão, são deprimidos pela ira dirigida contra eles mesmos. Esse ã-po de oração difunde, deflete, e com toda a certeza, dispersa a -na. Humilhados, assim, diante do Senhor, são capacitados a rejeitar a si mesmos e Ele os ergue e torna suas vidas verdadeiramente significativas

Essa oração de escuta é o melhor treino possível na prática de sentir a presença de Deus. Ao olharmos para Ele, somos erguidos para fora do inferno do egocentrismo e da introspecção. Tornamo-nos cōscios de Deus. Estêvão aprendeu resolutamente a se corrigir quando começasse a se dar conta de que estava se voltando para dentro - a prática da presença do *eu* - e, naquele momento, a lançar o pensamento e os olhos do coração (imaginação) sobre o Senhor. *Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em ti, porque ele confia em ti*" (Isaías 26.3) tem sido sempre a promessa de Deus e a melhor de todas as maneiras de ser curado do mal da introspecção.

Nessa *oração de escuta*, uma nova luz ilumina o passado da pessoa, e obtemos

percepção dos *porquês* de nossas fraquezas particulares. Estêvão, que era perfeccionista, começou a perceber que, nisto, refletia o perfeccionismo do pai. Ao mesmo tempo ele viu que dois padrões básicos de atitude desenvolveram-se em sua personalidade: (1) o modelo de não querer desagradar, e (2) o modelo de ser serviçal para com a mãe pelo medo de desagradá-la. Ele percebeu que havia tentado protegê-la dessa maneira, e por que o fazia. O irmão, mais velho, tinha sido indisciplinado, e a mãe, atribuindo isso ao sexo, orava incessantemente para que o próximo filho fosse menina. Mas, em vez de uma menina, nasceu Estêvão, e ele de alguma forma percebeu o medo que sua mãe tinha de ter mais um filho difícil de criar. Tanto quanto Estêvão conseguia se lembrar, ele sempre tentava ser perfeito; cumprir todas as expectativas da mãe quanto a ser um bom bebê e um bom filho. Em respeito a ela, ele não tentou estabelecer os relacionamentos comuns entre meninos e meninas. Tudo isso veio como novo entendimento para Estêvão; era o fruto de trocar o velho hábito da introspecção pela disciplina da oração que escuta a Deus.

Essas circunstâncias pessoais, é claro, não o prepararam para o trabalho de separar sua identidade (sexual e em outros aspectos) da de sua mãe, mas houve ainda, outro fator mais importante nessa dificuldade. O seu pai, embora fosse excelente pessoa, estava profundamente envolvido no trabalho e era emocionalmente distante do filho. Estêvão, uma pessoa intensamente leal, não podia admitir que mal conhecia o pai, embora o pusesse no pedestal mais alto possível. Assim, ele não teve o relacionamento necessário com o pai, durante os anos cruciais da puberdade e imediatamente depois, o tempo em que desesperadamente precisava da afirmação paterna para sair do casulo narcisista da adolescência e aceitar uma identidade masculina madura.

Ouvir é obedecer. Ao aprender a obediência, o ser verdadeiro - a masculinidade e tudo o mais - vêm à tona. Quando Estêvão uniu sua vontade com a de Cristo, ele encontrou e aceitou sua verdadeira identidade masculina. Não venceu sem luta, mas

nessa luta houve a plena metamorfose. Como a borboleta, tornou-se muito forte, de asas multicores, com as quais poderia voar e explorar o universo. Hoje ele é uma pessoa estável, confiável e amável, feliz e em pleno controle de sua 'dentidade heterossexual. Seus talentos acadêmicos e artísticos floresceram. Enquanto escrevo este livro ele está gozando de extraordinário sucesso.

Creio que uma das fortes intenções demoníacas era privá-lo do seu incomum talento artístico e intelectual. Outro fator merece ser mencionado, algo que o deixou mais aberto a um ataque sério contra sua mente. Em lugar de aceitar a si mesmo, Estêvão se lançou profundamente numa busca intelectual e artística, negligenciando a parte espiritual, física e emocional de Seu ser. Somos mais vulneráveis às tentações e compulsões estranhas quando desenvolvemos uma parte da mente ou personalidade em detrimento de outra.

A história de José

José veio de um lar cristão onde havia abundância de amor e afeto. Ele tinha, porém, um pai muito fraco (a quem ele e a mãe amavam e aceitavam do jeito que era) e uma mãe muito dominante, que, na tenra infância, tinha a mania de vesti-lo como se fosse uma garotinha. Uma de suas primeiras lembranças foi quando a mãe colocou nele um vestidinho cor de rosa de babados e convidou vários membros da família para virem admirá-lo. Aparentemente essa foi a maneira da mãe ajustar-se ao fato de que ela queria uma menina em vez de um menino. É compreensível que esse incidente tenha causado um conflito tal, que a lembrança desse episódio ficou registrada em sua mente, além de ter lhe provocado fortes emoções . Estranhamente, não culpava a mãe por ter feito isso; era evidente que ele a amava profundamente. Fui descobrir que ele a tomava como modelo para sua vida - imitava os *seus* movimentos e atos em vez das ações do pai.

José estava no último ano colegial quando percebeu pela primeira vez que

precisava da ajuda que sua mãe não poderia dar. Ele gostava de desempenhar papéis nas peças de teatro que sua escola produzia e tinha acabado de ganhar o principal papel masculino numa bela e terna história de amor. Em vez de ficar feliz, ele se encontrou confuso: não queria o papel do príncipe viril. Desejava, no fundo, fazer o papel da beleza feminina e meiga a quem o príncipe salvava e com quem se casava. Foi uma descoberta terrível que despertou temores repentinos quanto a si próprio. Esses temores foram aumentados porque, na mesma época, alguns de seus colegas começaram a sugerir que ele fosse homossexual, apontando os seus trejeitos como prova.

Como José seguia o modelo da mãe, seu jeito de ser (andar falar, movimento das mãos) eram decididamente femininos. Também, devido a esse modelo e à proximidade de seu relacionamento com ela, ele demorou para separar sua identidade sexual da dela. Suas características masculinas eram subdesenvolvidas e as características femininas plenamente desenvolvidas. Também por causa disso, embora ele tivesse boas amizades com moças, não tinha o problema comum de precisar controlar impulsos sexuais, como a maioria dos rapazes de sua idade.

A primeira coisa de que José necessitava, depois de ser assegurado de que não era homossexual, era compreender o que acontecera com ele - ou seja, que ele tinha tomado como seu modelo de vida a mãe, ao invés do pai. Precisava também esclarecimento do *porquê* isso ocorrera. Estávamos então preparados para orar pela cura das memórias que contribuíram para essa confusão de identidade sexual.

Estranhamente, ele teve de ser convencido da necessidade de perdoar a mãe por ela (1) ter desejado uma menina mais que um menino e (2) tratá-lo como menina em vez de menino - pois, como declarou repetidas vezes, nada tinha contra ela. Tive de pressioná-lo com o fato de que, embora ele não tivesse ressentimentos contra ela, ele teria de *discordar* dos atos dela

Quando começamos a orar, a primeira lembrança que lhe veio à mente era de si mesmo, ainda bebê, usando um vestido de babados cor de rosa, cercado de

parentes zangados por desaprovarem aquilo. À medida que o Senhor foi agindo em sua memória, ele passou a perdoar a mãe por aquilo que anteriormente identificava apenas com os sentimentos dela e não com os sentimentos dos parentes chateados; parece que ele via, pela primeira vez, os atos de sua mãe sob a luz da realidade. Um a um, momentos em que sua mãe o tratou como se fosse menina vieram à tona para que ele "visse" e tratasse deles. Ele começou a compreender como os atos da mãe haviam afetado a imagem que tinha de si mesmo, e que precisava mudar aquela imagem que excluía sua masculinidade. Não era pequena a tarefa de imaginar, espontaneamente, outra imagem ideal de si mesmo, no lugar daquela que sua mãe endeusara e na qual investira.

Era importante que ele agradecesse a Deus pelo amor e afeto de sua mãe, e que rejeitasse *apenas os* comportamentos e atitudes erradas para com ele, como macho. Isso foi fácil para ele porque o relacionamento com a mãe no geral era positivo e de muito afeto. Foi ainda mais fácil porque ele percebeu que ela também necessitava de cura. Seu pai desejara um menino quando ela nasceu, e ela experimentara profunda rejeição. Para piorar o problema, ela até recebeu um nome masculino.

Depois de orarmos a respeito dessas questões, ungi sua testa com óleo, pedi que nosso Senhor entrasse, curasse e colocasse no curso normal os desejos e impulsos sexuais do José de dezessete anos. Imaginamos essa cura acontecendo e agradecemos a Deus por ela.

Após esta oração, eu o conduzi para, consciente e deliberadamente, mudar seus trejeitos, sugerindo que ele selecionasse o homem mais masculino que pudesse imaginar como seu modelo - alguém a quem ele admirava como cristão, como líder, marido e pai - e isso ele prometeu fazer.

José, animado com todo o novo esclarecimento obtido sobre o que fora um dilema muito doloroso, e encorajado pelas orações, saiu de minha casa e não tive notícias dele por quatro ou cinco meses. Então, recebi um telefonema de José,

marcando outro encontro.

Quando chegou, fiquei surpresa com a melhora em seu modo de se apresentar. Seria necessário procurar muito, para ver algum vestígio dos trejeitos de fala ou movimento. Sem dúvida a capacidade dele como ator o ajudou a efetuar a mudança em bem pouco tempo. Agora seu problema era totalmente diferente. A masculinidade não estava mais reprimida, sua identidade sexual estava separada da de sua mãe, e ele experimentara o alívio e a normalização de seus impulsos sexuais. Estava, porém, tendo dificuldades porque o desejo e os impulsos sexuais não mais reprimidos, pareciam-lhe excessivos.

Havia como orar também por este problema. Agradecemos a Deus por essa energia criativa dentro de José e pedimos que qualquer excesso pudesse ser canalizado através de exercícios e outras atividades criativas, até o tempo em que ele se casasse.

Antes de deixarmos a história de José, preciso destacar os trágicos resultados que podem advir por sugerir ou acusar alguém

alguém do sexo-homossexual-porque sua aparência ou seu jeito sugerem o sexo oposto. Antes que alguém como José seja iluminado quanto às razões da aparência efeminada, uma sugestão ou acusação dessas me parece o que só posso descrever

como força sobrenatural. É como se o próprio Satanás pegasse a acusação, convencesse a vítima de que o que é mentira, é verdade e mudasse a coisa toda, rapidamente, numa tentação demoníaca para ela experimentar a atividade homossexual. Existe uma natureza compulsiva na coisa toda, como vimos nas histórias de Mateus e de Estêvão.

Homossexualismo Relacionado com Experiências Traumáticas da Infância

As histórias de Ruel e Loreno

O estupro homossexual, ao deixar em seu rastro traumas não resolvidos e não curados, uma auto-imagem profundamente ferida e um monstruoso senso de culpa (por ter participado do ato, ainda que sem querer), pode, mais tarde, abrir a vítima para temores de que ela seja homossexual, e dali conduzi-la ao homossexualismo assumido. Esses incidentes, muitas vezes, acontecem com meninos, que de uma ou outra forma, não foram psicologicamente protegidos. O caso de Ruel ilustra o que quero dizer.

Seu pai o abandonou quando ele era bebê, e ele foi criado pela mãe e avó. As visitas que recebiam geralmente eram do gênero feminino, amigas de sua mãe, avó ou de uma ou outra tia que, em épocas diferentes, moraram na casa. Quase não havia homens; quanto mais homens fortes e íntegros, a quem amar ou seguir como modelo. Essa situação, por si só, já tinha o efeito de impedir o desenvolvimento masculino de Ruel. Faminto da amizade masculina, ele timidamente travou conhecimento com um homem mais velho, e isso culminou com o choque repentino de um humilhante estupro homossexual. Envergonhado e horrorizado, ele nunca teve coragem de contar a ninguém o que acontecera.

Mais tarde, deixando de conseguir uma identidade sexual segura depois da puberdade, começou a pensar que fosse mesmo homossexual. Esse temor o marcou seriamente e modelou sua vida, durante vários anos, antes que ele encontrasse a cura que tanto precisava. Tivesse o seu pai sido uma realidade amorosa e presente em sua vida, sua reação ao estupro homossexual teria sido provavelmente resolvida e curada, ou ao menos conduzida em outra direção. Na verdade, por diversas razões, o incidente provavelmente nem teria acontecido. Um pai protetor é forte empecilho para ofensores desse tipo.

Quando nossa falta de conhecimento espiritual o permite, Satanás aproveita a ocasião dos pecados de outros contra nós, para trabalhar o mesmo mal em nós. Os temores e as tentações que seguem um fato como esse são obra dele. Essa memória, não curada, estraçalha a vida imaginativa e por meio dela, abre uma porta

indesejável que dá acesso à mente. Por essa porta a lascívia procura entrar. A pessoa, então, está enfronhada numa guerra espiritual.

O choque da exposição a materiais pornográficos ou orgias grupais de masturbação pode afetar a mente jovem de maneira semelhante ao efeito do estupro homossexual. Essa exposição é um estupro da mente, abrindo as portas para compulsões homossexuais que chegam depois. O choque é aumentado quando homens adultos são os instrumentos por meio de quem vem essa exposição.

A necessidade principal, claro, é de cura da própria lembrança traumática. Nessa oração, a vítima perdoa àquele que pecou monstruosamente contra ela. Os efeitos deste pecado são lançados para longe, para que a pessoa não esteja mais presa, marcada ou ferida por eles. Então, conforme o Espírito Santo conduzir, convidamos o Senhor a entrar na memória, purificando e curando. O falso senso de culpa, assim como qualquer culpa verdadeira que veio depois, é enfrentado e removido. Às vezes, a pessoa tem uma mágoa contra Deus e isso também é confessado. A lembrança desse incidente não é apagada, mas a dor é removida. É possível pensar no que aconteceu sem a velha vergonha e humilhação. Nesse caso, após orar pela libertação de qualquer opressão demoníaca ou espírito de lascívia sexual, oro para que se feche a porta para a mente através da qual imaginação, temor, confusão e humilhação do coração tenham entrado.

O caso de Ruel é um dos mais óbvios dessa categoria. Outros são menos aparentes, mas todos são muito comuns quanto a experiências infantis de rejeição devido ao gênero, ou até mesmo a deformidades de nascença.

Loreno, homem magro e de boa aparência, com uns quarenta anos de idade, era abertamente homossexual, desde a adolescência. Isso causara severos conflitos entre ele e seu pai e uma rusga com o resto da família. Ele desaprovava a si mesmo, mas defendia acirradamente seu comportamento, quando discutia com o pai. Sabia que dentro de sua homossexualidade havia elementos de ressentimento e rebeldia contra o pai, mas nunca soube como lidar com isso. Esse homem viera a Cristo ..urna

conversão autêntica, mas lutava sem obter vitória contra a orientação homossexual de toda a vida, até que Deus trouxe à sua memória a raiz do seu comportamento. Isso aconteceu quando pedíamos ao Senhor que entrasse em sua memória para revelar a gênese de seu problema. Essa oração levou-o imediatamente a reviver uma cena que ocorreu minutos após o seu nascimento.

No desenrolar da cena, ele viu o pai entrar no quarto onde acabara de nascer. De repente, a sala estava cheia de decepção e pesava sobre ele. O pai olhou para ele e disse com desprezo: "Mais um menino!" Depois, virou as costas e saiu do quarto, pois ele era o terceiro filho homem, quando uma menina era muito desejada. Tudo isso Lorenzo "viu" e reviveu, desta vez, compreendendo o conceito e também o coração. Essa rejeição explicava por que mais tarde Lorenzo, para a consternação da família, tentava tornar-se a menina da família. Queria brincar de boneca e com as meninas, em vez de brincar com os meninos. Inconscientemente, ele tentava ser a menina que seu pai tanto desejava.

Ruel e Lorenzo encontraram a cura que tanto buscaram, curas que trouxeram alívio feliz e liberdade. Hoje ambos estão plenamente afinados com sua identidade masculina, casados e felizes.

Trauma de Parto e Repressão da Masculinidade

Cristo pode entrar e curar traumas pré-natais, de parto e da primeira infância, sem necessidade da pessoa reviver a memória. Em casos sabidos de trauma infantil, os pais podem simplesmente impor as mãos sobre o pequenino e orar, sabendo que nosso Senhor entrará naquelas lembranças dolorosas e curará o bebê, afastando o medo e capacitando-o a receber o seu amor. Após essa oração inicial, o pai e a mãe poderão continuar de vez em quando, a orar especificamente pela criança enquanto ela dorme, pedindo que o Senhor entre na vida do pequenino, espalhando Seu amor e Sua luz no mais profundo do coração infantil. A mãe pode orar especificamente para que Ele capacite o bebê a receber o seu amor (materno) e com isso um senso saudável de como é um ser único, especial. Enquanto ora, ela pode formar retratos

felizes de fé em sua mente, entregando-os à luz de Deus, pedindo e agradecendo Sua bênção. O pai também, é claro, pode fazer a mesma oração como chefe de sua família, pois há proteção especial que vem para toda a família, por meio dele e de suas orações. Outros exemplos de curas, sem o levantamento dessas lembranças, podem incluir tempos em que adultos experimentam profunda paz e a remoção de bloqueios emocionais, após a oração pela cura de traumas infantis.

Porém, há ocasiões em que a pessoa revive toda a experiência. Quando isso ocorre, vemos claramente como a dor física e psicológica pode ser de tal intensidade que o "bebê" ainda sofre dentro do adulto crescido, que ainda tem medo de estar fora do útero, condição que reprime o eu verdadeiro e com isso, a verdadeira masculinidade.

Uma dessas curas foi de um jovem marido e pai que era absolutamente incapaz de dirigir o carro em campo aberto fora da cidade, ou mesmo andar de avião. Ele não compreendia por que precisava de coragem para sair da cama de manhã, e novamente para sair de casa para ir ao trabalho. Havia se tratado desses temores e fobias, mas parecia que estavam piorando em vez de melhorar. Ele e a esposa estavam cansados de tentar resolver esses problemas, e preocupados que sua capacidade de ganhar o pão de cada dia estivesse se tornando cada vez mais restrita, caso continuasse assim.

Eu não tinha a mínima idéia de qual seria o seu problema, mas quando começamos a orar por ele, imediatamente, o jovem pai entrou na experiência do nascimento, que era na verdade muito traumática. Eu nada sabia anteriormente sobre isso, -e não precisava, pois logo passei a "ver" e reviver com ele todo ~ drama doloroso de seu nascimento. Enquanto orávamos, ele começou a ver um pequeno círculo de luz, que não sabíamos o ,ue era. Em momentos ele me informou "Estou nascendo" e imediatamente soubemos que aquela luz era o que ele via além do canal do nascimento. Tudo parecia normal até aquele momento, quando então começaram as contorções doloridas de um parto difícil. Os ombros trabalharam

aflitos para empurrar a cabeça até a luz. Estava engasgando, rosto para baixo, cordão umbilical em volta do pescoço, enquanto o peito, ao mesmo tempo, estava sendo esmagado: a dor era lancinante. Eu enxergava cada terrível momento e ministrava a ele como se o nascimento estivesse de fato acontecendo. Orei pedindo a misericórdia e ajuda de Deus enquanto ele "passava pelo canal"; orei por alívio e livramento enquanto ele engasgava com o cordão, e por cura e também para que cessasse a dor em seu peito). A lembrança da dor no peito era a mais forte de todas e tinha permanecido em sua memória inconsciente como algo realmente terrível.

Então, orei pela insuportável solidão que ele sentiu após ser deixado de lado, sem cuidados, com frio e terrível dor, enquanto atendiam a sua mãe. O rosto enorme do médico aparecia como algo temeroso. (É importante notar que ele sempre tivera um medo quase patológico desse médico, embora não soubesse por que. Também, em momentos de estresse, ele engasgava sem explicação, como acontecera ao relembrar o cordão no pescoço).

Quando terminou o reviver desse nascimento traumático, pedi ao Senhor que enrolasse o pequenino no cobertor do Seu amor, e aquele homem pode experimentar isso ao iniciar a cura dessa memória. Chorou com sons de um bebê recém-nascido. Que ele *pudesse* fazer tais sons foi total surpresa para mim.

Esse homem era alguém que, até que fosse curada a memória do parto traumático, por meio do qual veio ao mundo, ainda temia estar fora do ventre materno. Daí o medo de espaços abertos. Com esta cura, aos poucos ele conseguiu a normalidade. É fácil ver como a masculinidade de uma pessoa seria terrivelmente reprimida com os temores e as fobias que tal experiência de nascimento podia deixar sobre uma vida. Ele havia duvidado seriamente de sua masculinidade e nunca pudera pensar bem de si mesmo como um homem entre os homens.

Certos sofrimentos que ocorrem durante o nascimento traumatizam de tal forma o bebê que este fica incapaz de receber o amor da mãe - passa a agir com esquizoidia em relação a ela. Esse homem foi um dos felizes porque

psicologicamente não retrocedeu até o ventre, ao ponto de ser incapaz de receber o amor materno e com este o senso de *ser*. Embora ele tivesse sofrido várias crises nervosas e, a maior parte de sua vida, passado por tratamento psiquiátrico ele foi menos ferido do que poderia ter sido. Tinha simplesmente medo de estar fora do ventre e extraordinária necessidade de curar as memórias de dor física ocorridas na infância.

A história de João

João era casado e estava com vinte e poucos anos quando seu pai morreu. Foi a partir daí que ele, uma pessoa muito carente, passou a ser homossexual, uma prática que alimentou durante dois anos. Com seu profundo desejo interior, ainda insatisfeito, e o casamento com sérios problemas, João tentou se livrar do comportamento homossexual. Então ele encontrou Cristo e, plenamente convertido, tornou-se ardente testemunha da fé.

Porém, cerca de dez anos após sua conversão, todos eles vividos como cristão consagrado e plenamente dedicado, João começou a desmoronar. Tinha medo de que seus filhos descobrissem o que ele tinha sido, temia que sua mulher o deixasse, mas acima de tudo, tinha um pavor terrível do fracasso. Além desses medos, sua compulsão homossexual voltou a ser forte demais para conscientemente negar ou reprimir, e ele temia que fosse, na verdade, um perverso. Estava no meio de uma profunda crise.

Nesse estado de prostração, atendeu o convite insistente da esposa e procurou-nos para oração. Seu consciente, exausto por reprimir todos os velhos temores, as negações e péssimas lembranças, tinha parado de fazer o seu trabalho. João teria de enfrentar agora sua solidão interna, todos os medos e as trevas que por tanto tempo recusara a ver e admitir a existência.

Sua história é terrível. Tem a ver com um pai violento e irmãos mais velhos que praticavam a homossexualidade dentro do lar, como parte da síndrome da ordem do

mais velho para o mais novo.

Seu pai jamais tivera um sorriso ou uma palavra bondosa para com João, algo que ele, toda a vida, desejou. Enquanto suas irmãs cresciam, ele tinha de conviver com o fato de que o pai as molestava sexualmente e que não podia fazer nada a respeito. Ele observava também o seu pai escolher namoradas para os irmãos mais velhos e depois ele próprio as seduzia. Esses filhos, brutalizados pelo pai, passaram tempo na prisão e se envolveram com a espécie violenta de homossexualismo que infesta as cadeias. Quando voltavam para casa, abusavam dos meninos mais novos de modo semelhante. A João, o caçula, parece que coube o pior do comportamento desumano.

Não era de se admirar que estivesse desmoronando. Todas essas lembranças apodreciam dentro dele, ainda sem cura. Sua masculinidade tinha, é claro, sido seriamente reprimida pelo ambiente em que ele crescera.

Depois que compartilhou esta história comigo, algo que antes nunca conseguira contar completamente a alguém, passamos à oração. Embora ele soubesse que o único caminho era através da oração, no início resistiu. Isso porque achava que a oração fosse apenas o exercício do consciente e que precisaria entender e resolver conscientemente o problema todo. E isso era o que ele menos conseguia fazer. Foi então que pedi que relaxasse completamente, deixando que eu orasse, enquanto ele simplesmente olhava para Jesus com os olhos do coração. Sua cura ilustra o valor inestimável da imaginação, de "retratar" o que estamos pedindo em oração. Além de ser uma forma válida de "ver", abre o coração para quaisquer retratos que Deus queira enviar. Deus nos manda Sua ajuda e verdade, e isso muitas vezes vem como um "retrato". A cura de João demonstra também o quanto o ódio pode estar ligado ao amor.

Reconhecendo que havia ódio contra o pai, pedi que ele imaginasse seu pai em pé, diante de Jesus. É muito difícil olhar para cima e ver Jesus quando o coração está repleto de ódio. E é difícil imaginar o rosto da pessoa a quem odiamos. Tentamos

apagá-lo, aniquilá-lo. João não conseguia ver um "retrato" de Jesus ou de seu pai, mas entregou-se à Presença do Senhor e com a cabeça inclinada quase no chão, começou a prantear sem controle, enquanto o profundo ódio de seu pai surgia e jorrava do coração. Ele tinha de perdoar o pai, e esse perdão veio dos recônditos mais profundos de seu coração ferido. Parecia-lhe quase uma impossibilidade. Assim mesmo, ele sabia que precisava vencer esse impasse, pois não podia mais continuar no caminho atormentado em que estivera. Eu lhe assegurei que amar e perdoar ao outro é uma questão da *vontade* e não das emoções, e que seus sentimentos naturalmente refletiam os abusos que ele sofrera nos primeiros anos com o seu pai.

Orando para que *sua vontade* fosse fortalecida, e insistindo que ele imaginasse o rosto de seu pai, pedi que *voluntariamente* estendesse a mão e tomasse a mão de seu pai. Cabisbaixo ainda, ergueu devagar o braço para o do pai, chorando e dizendo:

- Eu quero perdoá-lo, Pai, é *minha vontade* perdoá-lo. - Pedi então que erguesse os olhos para o rosto do pai e dissesse:

- Pai, eu te perdôo.- Para susto meu, torrentes de amor reprimido começaram a jorrar. João repetia chorando: - Papai, eu te amo, Papai, eu te amo. Eu te perdôo. Jesus, perdoa-me por ter odiado meu pai. Ajuda-me, Jesus. Perdoa-me.

Então, voltando-se para o pai, disse:

- Se ao menos tivesse me dito uma única palavra de bondade

Nesse instante ele olhou lentamente para cima para ver aquele rosto que sempre fora tão severo e hostil com ele. E eu nunca me esquecerei sua surpresa quando ele "viu" o rosto do pai.

-Meu pai está sorrindo! Está sorrindo para mim! – exclamou

Não entendo o sorriso que pareceu acalmar toda uma vida de carência de João, mas tenho visto isso acontecer muitas vezes, juntamente com o fruto saudável que dele resulta. Será que existe algo no perdoar que não só liberta os vivos, como

também os que morreram? É maravilhoso imaginar isso, e, claro, podemos apenas imaginar. Mas isto eu sei: quando somos curados em nome de Jesus, Ele nos mostra imagens de cura, como também palavras de cura. Também sei o seguinte: na oração de perdão de João, ele passou a ter um relacionamento com o pai, algo que nunca pôde alcançar durante a vida de seu pai.

Você deve lembrar que João começou a buscar parceiros homossexuais somente depois da morte do pai. No seu coração, sempre procurara ganhar o amor e afeto do pai - aquele único sorriso. A morte do pai, antes que isto acontecesse, deixou o garotinho ferido, em João, chorando por aquele amor paternal, clamando para que uma identidade masculina viesse com esse amor. Talvez, em parte, ele estivesse procurando o pai nesses relacionamentos. É certo que ele, como Mateus, estava em busca de si mesmo em outra pessoa. Estava nas garras de uma aguda crise de identidade.

Ao perdoar o pai, João preparou o cenário para sua libertação do temor de falhar. Esse temor não era mera erva daninha no jardim de seu coração: era uma enorme raiz que sufocava e ameaçava toda sua vida interior, e foi assim que se apresentou no retrato que veio à sua mente, enquanto eu orava. A oração para a remoção dessa raiz parecia a oração para arrancar, pelas raízes, uma velha e feia árvore. Orei para que as raízes fossem soltas pelo amor de Deus e pelo Seu poder adentrando em João. Enquanto isso começava a acontecer, vi o medo subir e sair de dentro de João. Então, pedi que Jesus, com Seu amor libertador e curador, enchesse todos os espaços vazios onde os tentáculos das raízes estiveram. Esperamos até ver isso acontecer, até que não houvesse mais medo no seu coração.

Como o coxo que, quando curado entrou saltando no Templo, louvando a Deus (Atos 3.1-10), a reação de João, quando se viu livre, foi de êxtase. Tendo buscado, por muito tempo o Senhor e essa cura, ele ficou maravilhado ante a sua realidade. Ver sua alegria era algo abençoado.

Em João, vemos o trauma não curado do estupro homossexual na infância, a

total repressão da masculinidade por um pai e um ambiente hostil e o terrível desejo do amor paterno e de sua própria identidade misturados num só. Sua maior cura veio quando ele libertou-se do ódio reprimido contra o pai e foi capaz de perdoá-lo.

Amor-Próprio Desordenado ou Insegurança Desordenada?

A história de Rodolfo

Rodolfo era um jovem excessivamente criativo, bem sucedido intelectual e artisticamente, muito além de seus colegas e, às vezes, superando até seus mestres. Eu o conheci quando ele começou a perceber que não conseguia compartilhar sua vida com outras pessoas, incluindo moças. Simplesmente não tinha tempo para o outro. O outro interferia em sua arte.

Uma mulher de verdade dá trabalho. A obra prima de Charles Williams, *Descent into Hell* (Descida ao Inferno), imagina de modo chocante a queda de um homem quando ele decide amar a si mesmo, em vez de uma mulher de carne e osso que consome o tempo. No lugar dela, ele "adota" um *súcubo*, termo ocultista para uma mulher imaginária. Esta é, na verdade, a prática da masturbação acompanhada de uma vida de fantasias. O leitor observa sua deterioração, quando ele afrouxa sua ligação com uma mulher real e o mundo ilusório que ele *escolhe*, passo a passo, se torna mais importante, compulsivo e terrivelmente sem saída. Vemos sua deliberada e arrasadora descida ao inferno do seu ego falso e narcisista.

Rodolfo, com sua compreensível necessidade de tempo e solidão em busca de sua arte, estava tendo dificuldades para aprender como conduzir em sua pessoa os dons artísticos que Deus lhe dera. Antes que aprendesse, estava correndo perigo de ir pelo caminho de Wentworth, a personagem no romance de Williams. Jovem, inexperiente em muitos aspectos e ainda preso à fase narcisista de sua existência, por um tempo, sentia-se bem assim, porque seus dons lhe deram um lugar entre seus colegas. Ele havia agido, agora percebia, com uma orgulhosa autosatisfação

com a segurança que isso lhe dava. Mas, diferente de Wentworth, começou a perceber seu falso orgulho e queria livrar-se disso. Começou a descobrir e enfrentar um certo desdém que havia dentro de si para com as outras pessoas, o que não é raro - mas ainda assim é orgulho e errado - para alguém que na maior parte das vezes, vive entre gente menos capaz.

Também descobriu que estava preso ao hábito da masturbação, algo que há muito o acompanhava. Ele tentara convencer-se que era, afinal, algo que não fazia mal. Os artigos que lia a respeito do assunto diziam que não havia problema com isso. Mas agora, a questão do hábito da masturbação tinha se tornado obsessão que nunca fugia de sua mente. Era um baque para seu orgulho, admitir que o hábito o dominava, e além do mais, *as tentações e fantasias decorrentes dele estavam se tornando fantasias homossexuais*.

Junto com esses acontecimentos que abalavam seriamente a visão de si mesmo, chegou o maior baque para seu orgulho. Seus mentores mais respeitados estavam dizendo que havia algo de errado com sua capacidade de expressar plenamente sua capacidade artística. Superdotado em diversas áreas, ele estava funcionando abaixo de sua capacidade e seus tutores foram francos em fazê-lo enfrentar esse fato que traz desalento a qualquer um. Ao criticar suas diversas obras, os mentores apontavam para um sucesso moderado após outro e diziam:

- Olhe, isso aqui está bom, mas não chega aos pés do que você é capaz de fazer. O que está errado? Por que você não dá tudo?

O problema da masturbação, uma forma errada de amor por si mesmo, que continua depois da puberdade, começava a cobrar dele um preço alto e de diversas formas. A tentação da homossexualidade, outra forma desordenada de amor-próprio com a qual ele começava a brincar e atuar, *era simples extensão da prática da masturbação*. A mesma necessidade se esconde por trás das duas formas de amor narcisista.

Na oração por alguém cuja homossexualidade se encaixa neste grupo, muitas vezes a memória raiz que surge será de masturbação, sozinho ou em grupo. Não serão apenas ocasiões de curiosidade infantil, mas marcarão um tempo em que a lascívia entrou e fincou raízes. Quando o pecado envolvido nessa memória for confessado, a cura pode vir rapidamente, pois chegamos na gênese do problema. Com a raiz, toda a planta doentia de amor desordenado por si mesmo, poderá ser arrancada. Arrancar isso é muito importante para a cura, permitindo que jorre o amor de Deus e penetre nos recantos e lugares vazios deixados na pessoa por essa erva daninha. O ministrador deve sempre orar de forma que o coração receba o influxo do amor do Espírito Santo de Deus. A essa altura, devo insistir novamente que jamais orei por um homem com tendências homossexuais (de qualquer espécie) que não tivesse também problemas com a masturbação. Ambos são nocivos ao desenvolvimento da personalidade quando persistentes e, como Rodolfo veio a perceber, também nocivos ao desenvolvimento artístico. Veremos mais tarde, porém, que havia mais do que apenas a lascívia, por trás do problema de Rodolfo.

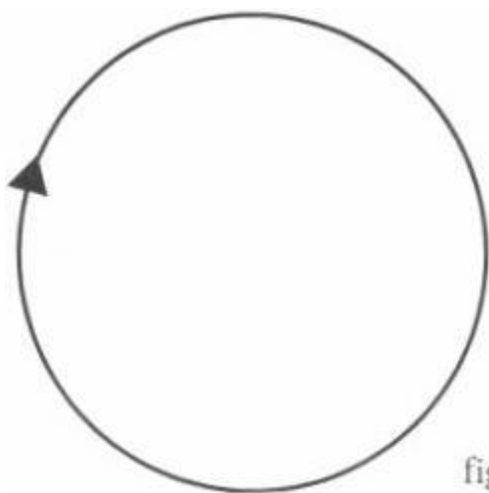
Rodolfo precisava de um poderosa exortação e um empurrão cheio de oração que o levasse em direção a um morrer. Mas a morte para o tipo errado de amor-próprio (uma prática da presença do velho homem) era uma escolha que só ele podia fazer. Meu trabalho como ministrador, além de chamá-lo em termos claros para essa morte, era pintar o mais claramente possível o retrato do que seria esse eu vibrante. Era invocar a presença de Jesus de tal forma que Rodolfo pudesse olhar para Ele e ouvi-Lo dizer: "De que aproveita o homem ganhar o mundo inteiro e perder a alma? ". Sem titubear, era apontar Rodolfo para Jesus, para que ele fosse tirado do inferno da separação, para uma plena união com Deus e assim o reconhecimento de seu novo ser.

Este é um chamado de existência heróica, que exige plena conversão da vontade. Sendo assim, além da confissão e o desviar-se do pecado específico do amor desordenado de si - e os pecados de orgulho, masturbação e homossexualismo

que o acompanhavam - Rodolfo teve de escolher fazer sua vontade unida à vontade de Cristo e ser vivificado numa entrega completa a Ele como Senhor. Para ajudá-lo com isso, eu lhe dei a tarefa de ler os Evangelhos e personalizar cada palavra de Jesus para o Seu povo. Ele deveria escrever essas palavras em seu diário de oração como se Cristo estivesse falando unicamente com ele. Por exemplo, Mateus 22.37 seria lido como segue: "Rodolfo, você deve amar o Senhor seu Deus de todo coração e com toda a alma e com toda sua mente". Rodolfo então escutaria a Deus a fim de cumprir essa ordem, o maior mandamento.

Dessa forma, ele viria a conhecer Jesus como Senhor.

Rodolfo foi embora e começou a cumprir essa tarefa com obediência e, assim, começou a obter entendimento. Essa obediência é de tal modo radical que, às vezes, leva meses, antes que a plena importância daquilo para que o discípulo foi chamado seja compreendida. Foi assim com Rodolfo. Mas por meio da obediência, ele começou lentamente, a estar em contato com seu próprio "eu interior" e tornar presente para Deus, tudo que estava no seu coração e mente. Todo seu ser foi assim trazido à conversa com Deus: passado, presente, vida de pensamentos e sua vida de imaginação. Dessa forma, ele entrou em contato e veio a compreender seus problemas como artista. Logo chegou uma carta, e os seguintes trechos e ilustrações dela revelam seu novo entendimento dos efeitos da masturbação sobre sua vida pessoal e criativa. Ele escreve:



"A palavra (masturbação)", ele escreve, "tem estado em minha mente junto com uma figura, como a figura a.

"Fisicamente, a masturbação, é algo totalmente inclinado para o eu. Seu foco é para dentro. Não compartilha. Não conhece o verbo 'dar'. É um fogo que alimenta a si mesmo. Daí o retrato. A vida é envolta por um

aro de culpa". (fig. b)

"Uma concha que inibe a liberdade... resulta numa tremenda auto-repulsão. Uma solidão física. Uma falta de auto aceitação".

Essas descrições de como sua vida pessoal estivera, eram, na verdade, paralelas aos seus problemas como artista. Ele era incapaz de aberta e plenamente dar aos outros, seu rico tesouro de talento artístico. Sendo assim, ele diz:

"O diagrama precisa ser exatamente assim" (fig. c)

"Desatadas! Abertas! Compartilhadas! Livres! As riquezas (de suas idéias criativas escrevendo, pintando, atuando) agora estão livres para fluir de dentro para fora! Não apenas fervilhando por dentro. Não mais guardadas para si. Mas, compartilhadas com generosidade".

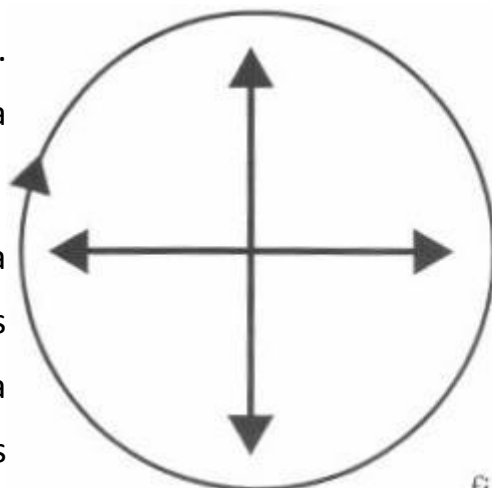


fig. b

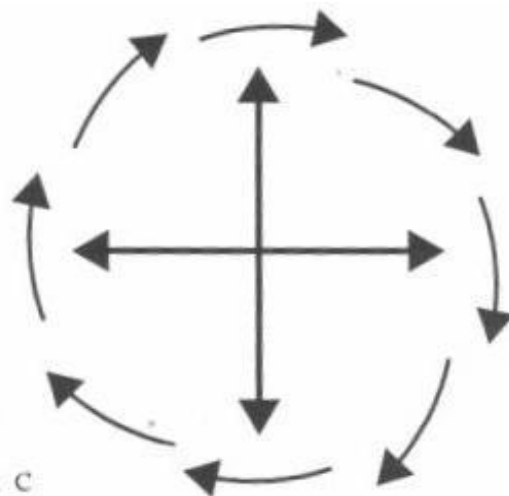


fig. c

Quanto a seu hábito de pensar em si, o que tinha inibido sua vida artística, ele diz: "Nós estamos falando de muitos anos de dor e prática profundamente arraigadas. Anos na ilusão de auto satisfação". Sua carta termina com um clamor a Deus: "Pai, vem e quebra essa concha!".

Rodolfo expressou na sua carta o mesmo entendimento dos efeitos desse hábito sobre a vida imaginativa e pessoal que C. S. Lewis ao responder uma pergunta sobre a natureza do hábito da masturbação e seus efeitos sobre aqueles que vieram a "amar essa prisão":

"Para mim, o verdadeiro mal da masturbação seria o de carregar consigo um apetite que, no uso legal, leva o indivíduo para fora de si mesmo a fim de completar (e corrigir) sua própria personalidade na de outra pessoa (e finalmente, em filhos e, até mesmo, netos) e a vira para trás, leva o homem de volta à prisão de si mesmo, lá guardando um harém de noivas imaginárias. Esse harém, uma vez admitido, trabalha contra ele, para que ele nunca consiga sair de si e verdadeiramente se una com uma mulher de verdade. Esse harém está sempre disponível, sempre subserviente, não pede sacrifícios ou ajustes e pode ser dotado de atrações eróticas e psicológicas que nenhuma mulher de verdade consegue rivalizar. Entre essas noivas sombrias, ele é sempre adorado, sempre o amante perfeito; não lhe são impostas exigências de altruísmo, nenhuma mortificação sobre sua vaidade. No final, tornam-se meramente o meio através do qual ele adora a si mesmo, cada vez mais. Leia, de Charles Williams, o livro *Descent from Hell* (Descida do inferno) e estude a personagem de Sr. Wentworth. Não é apenas a faculdade do amor que é assim esterilizada, forçada de volta para si mesma, mas também a faculdade da imaginação. O verdadeiro exercício da imaginação, a meu ver, é; (a) ajudar a entender o outro; (b) responder, e, para alguns de nós, produzir arte. Mas a imaginação tem também um mau uso: prover para nós, de forma sombria, um substituto das virtudes, dos sucessos e das distinções que deveriam ser buscados *fora de nós*, no mundo real - retratando tudo que eu faria se fosse rico, em vez de trabalhar para ganhar meu pão e guardar com sabedoria. A masturbação envolve esse abuso da imaginação em questões eróticas (que acho mal em si mesmo) e assim encoraja abuso semelhante em todas as esferas. Afinal de contas, quase que *o principal* trabalho da vida é *sair de dentro de nós mesmos*, fora da pequena e escura prisão em que todos nós nascemos. A masturbação deve ser evitada como devem ser evitadas *todas* as coisas que atrasam esse processo. O perigo está em vir a *amar a prisão*."

Uma descida ao inferno do ego (amor próprio desordenado) - seja por meio de uma ligação a determinado pecado, por meio de uma viagem ao ocultismo, através

da preguiça e passividade, ou qual for o método - é nocivo para a imaginação criativa.

"Porque o céu e a terra estão abarrotados de criaturas vivas e coisas concretas, incríveis de conhecer na sua realidade, o homem só se torna íntegro quando estende a mão para elas, ou seja, quando ele é dirigido para fora. Só pode conhecer a si mesmo quando conhece o outro, por vir a saborear, num modo de dizer, a maravilhosa variedade de *seres* que residem fora de si. Salomão expressa isso em parte com o provérbio 'Como o ferro afia o ferro, assim um homem afia o seu irmão'."

É em amar a Deus, outros homens e todas as criaturas por si mesmas que começamos a participar de sua bondade e beleza. Olhando para aquilo que está fora de nós mesmos e amando-o, começamos a "encarná-lo". Isso é vital para o amadurecimento artístico, assim como para o crescimento espiritual e psicológico. Alienação na forma de introspecção, amor-próprio, clausura numa esfera de subjetividade não são formas de conhecer a si mesmo; mas a interação dirigida para fora, para o que é objetivamente real é uma forma adequada. Conhecer e amar a Deus é o princípio de toda a alegria e pode produzir o dom de um divino auto-esquecimento que é o segredo da grande arte.

Ruth Tiffany Barnhouse ataca corretamente a noção popular de que a homossexualidade e a criatividade estão ligadas. Ela expõe a indesculpável falta de precisão acadêmica nos artigos e livros que nos bombardeiam com isso:

"Os apologistas da homossexualidade... continuam a prática de levar inferências biográficas pessoais de obras de arte numa aparente tentativa de arvorarem a si mesmos uma porção substancial, se não principal, da criatividade do mundo. Não existe evidência alguma que suporte tais reivindicações. Na verdade, a pesquisa psicológica contemporânea demonstra que, em testes para medir criatividade e pensamento divergentes, os heterossexuais tendem a ter melhor desempenho do que os homossexuais."

Ela passa então a advertir que:

"A idéia de que a criatividade e homossexualidade masculina estejam ligadas permanece na imaginação pública, e em alguns casos pode até ter o poder de uma profecia auto-realizadora. Um menino com talento artístico que ouve muitas vezes que isso é um sinal de tendências homossexuais pode acreditar nisso e acabar agindo baseado nisso, especialmente se o restante de sua criação for igualmente prejudicada."

Mas existe, creio eu, uma razão além de estudos não acurados sobre o assunto, que faz com que essa idéia permaneça tão forte na imaginação popular. Das experiências que tive em ver curadas as neuroses sexuais, creio que os artistas são especialmente assediados por tentações homossexuais e outras formas de promiscuidade sexual, e existe uma razão para isso. Conforme escrevi em *Real Presence*

"Quando a faculdade intuitiva é desenvolvida separada da obra do Espírito Santo, e/ou separada do bem da razão, a sexualidade muitas vezes se torna, tanto na arte como na religião, uma *numinosa*. Surge, então, idolatria sexual de uma ou de outra espécie. Quer seja na arte ou na religião, as forças das trevas, muitas vezes, primeiro se ligam às faculdades de procriação do homem (quer seja por meio de atos ou fantasias) e com isso o prendem. A força que jamais pode criar e apenas destruir, inicia o processo da morte num homem exatamente no ponto em que Deus planejou que o homem produzisse vida."

Essas tentações têm sido, uma após a outra, tentativas demoníacas de matar o talento artístico - cortá-lo, truncá-lo. A faculdade intuitiva do artista é o receptor do *real* -aquilo que é verdade. Não pode ser servo da verdade, ao mesmo tempo que serve a sua imitação ou seu substituto ilusório. O dever do artista, como disse Aleksandr Solzhenitsyn, é ser um receptor daquela "palavra única da verdade que pesa além do mundo". Essa *palavra* capacita o artista (como o fez no caso do próprio Solzhenitsyn) a elevar-se acima dos pensamentos e preconceitos da época e assim,

por meio de sua arte, libertar os outros disto. O grande artista revela verdade, justiça e beleza a um mundo cego pelas mentiras, injustiças e desespero por não encontrar saída. Essa palavra única de verdade, como se além a justiça e beleza, não é apreendida pela mente que continuamente se abriu a fantasias de ilusão. Tais fantasias abrem caminho, não apenas para imagens de satisfação sexual desordenada, mas também para uma palavra mentirosa (ilusão) que no final fragmenta a pessoa e seu mundo.

Conforme mencionamos antes, Rodolfo esteve preso na fase narcisista, àquele amor-próprio da pior espécie. Uma vez tendo enfrentado o egoísmo e orgulho que fazem parte de todo ser humano, Rodolfo pôde ver sua história interior. Sua alma pôde, então, começar a reconhecer a própria necessidade de afirmação, como também o terrível medo de ser um fracasso por toda a vida. Pôde, então, começar a ler a verdadeira história de sua vida. O avesso desse tipo errado de amor-próprio sempre será alguma espécie de ódio de si. Amor próprio desordenado que é, em termos psicológicos, imaturidade da personalidade, é o lado reverso de uma tremenda insegurança.

Rodolfo viu que a sua incapacidade de compartilhar a vida com outros (seu egoísmo egocêntrico, se preferirem - pois essa é a dimensão espiritual do problema, e também o que parecia ser, tanto para ele quanto para os outros), era psicologicamente "uma enorme falha - tentando a todo custo ser escondida.. uma super compensação implacável para a sobrevivência do eu...". Era uma *insegurança* desordenada. Quanto ao antigo hábito da masturbação, ele escreveu:

"Agora vejo ainda mais claramente a masturbação compulsiva que me infectava, à luz da questão que eu sempre enfrentava quando jovem - será que me sairia bem? A tremenda insegurança deixou profundos sentimentos de medo e rejeição. É por essa razão que a ilusão de ser Rei foi, com desespero, plenamente adotada. Eu tinha de parecer profundamente apaixonado por mim mesmo para convencer os outros a me amarem. Infelizmente isso os dispersava mais do que os

atraía. A masturbação tem de ser vista como aquilo que foi adotado para fazer com que as coisas parecessem estar bem... Eu vejo claramente que isso é o que a masturbação sempre foi - uma necessidade desesperada de sentir-me bem ... Não sei se acredito que a masturbação compulsiva possa começar, toda vez, sem profunda ansiedade ... A necessidade quase deixa a área do sexo, pois tem mais a ver com uma tentativa da *psíquê* sobreviver. Acredito que isso não seja sobrevivência, mas o canto da sereia que conduz uma ala assustada à prisão de mentiras, levando ainda a celas mais profundas e mais insuportáveis de destruição e desespero."

Muito antes de chegar essa carta, Deus havia respondido sua oração e "quebrado sua concha", levando-o a uma posição de força e maturidade incomuns, enriquecidas por seus dons de imaginação e inteligência. Sua maturidade foi testada pelo fogo da incerteza e do sofrimento pessoal, contudo, cresceu em entendimento. Força, amor e humildade. Com referência à adversidade ele escreve:

"De alguma maneira ao ver isso, fui fortalecido nesses dias difíceis, quando é rara a afirmação a meu redor. Vendo claramente, tenho liberdade de escolher, não me rebaixar ao truque barato - a muleta de borracha da masturbação. Isso vejo claramente quando surge o impulso: tem muito mais a ver com a necessidade de me sentir bem. Portanto, minha oração não é 'Senhor, pare meu impulso sexual' - não! Isso é normal e saudável, e sim, 'Senhor, reivindico o grande SIM que disseste e estás dizendo e sempre dirás a mim'. Só então encontro a fonte da afirmação...

Posso dizer com toda certeza que Ele me libertou. Ele quebrou as cadeias daquele círculo fechado e morto. Cada vez mais, as forças criativas dentro de mim se estendem para fora... Levou tempo para eu aprender a me abrir e a como dar."

Só quem conhece sua atual história de vida, pode saber quão plenamente Rodolfo aprendeu a dar. Nesse dar, o verdadeiro Rodolfo surgiu - com todos os seus dons.

O Ser Animal

"Os pecados da carne são ruins mas os menos nocivos dentre todos. Todos os piores prazeres são puramente espirituais: o prazer de colocar outras pessoas em situações difíceis, mandar e menosprezar, ser estraga-prazer, falar mal; sentir ódio e sede de poder. Pois há duas coisas dentro de mim competindo com o ser humano que devo tentar me tornar. São o ser animal e o ser diabólico. O ser diabólico é o pior dos dois. É por essa razão que uma pessoa fria, cheia de justiça própria e vaidade, que vai regularmente à igreja pode estar muito mais perto do inferno do que uma prostituta. Mas é claro, é melhor não ser nem um, nem outro."

"A relação do natural com o espiritual é uma relação de conversão contínua... Nossa vida natural não pode prevalecer; Deus tem que reinar em nós."

Tendo considerado, no caso de Rodolfo, o amor-próprio desordenado (alguém que tinha o perfil psicológico negativo de insegurança desordenada), temos de olhar por um momento para dois outros subtítulos em que o homossexualismo pode cair: o da *concupiscência* e o da *rebeldia*. Concupiscência e rebeldia são elementos que afinal se encontram em todo comportamento homossexual, mas em determinados casos eles aparecem como condição principal a ser resolvida e curada. Num, domina o ser animal; no outro, o ser diabólico em conjunção Izda vez com o ser animal. Será descoberto na verdadeira história dessas vidas, um lado inverso também, uma necessidade básica não suprida da personalidade que pode ser curada por meio da oração. Temos visto, tanto na ficção como na vida real, pessoas que verdadeiro são como o pai de João: brutais, em si mesmas, e instrumentos para também fazerem outras pessoas ficarem assim. Tal pessoa é dominada, corpo e alma, pela concupiscência física e espiritual. Em algum lugar da existência, por alguma razão, o ser animal e o ser diabólico obtiveram ascendência tirana.

Adolescentes, com fácil acesso a drogas e álcool, podem Gacilmente fechar-se às respostas mais altas e razoáveis da vida, como também, às espiritualmente sensíveis. Através da resuliente apatia e do fracasso em escolher o bem (um ato da *vontade*) eles não só deixam de amadurecer em sua identidade pessoal e sexual,

como também, o ser animal, pode tornar-se facilmente o que domina. Como um tirano sem freios, ajudado e apoiado pela cultura permissiva e sensual em que vivemos, pode tornar-se cada vez mais violento e pervertido em seus apetites sexuais e, com efeito, fazer morrer o ser humano em desenvolvimento. Em alguns casos, portanto, encontramos como principal problema o permitir, passiva e progressivamente, que o ser animal domine. O escritor de Eclesiástico fala (em 23.16) sobre a destruição, tanto do corpo, quanto da alma, efetivada por esse tirano interior descontrolado:

"A quente lascívia que queima como fogo nunca se apagará até que destrua a vida. O homem cujo corpo é dado à sensualidade, jamais pára, até que seja consumido pelo fogo."

Inerente à cura de todo cristão está a libertação contínua do amor desordenado por si mesmo. Essa aflição de todos, é a Queda em cada vida. É o orgulho. O que escrevo aqui cabe na vida de cada um. Todos entendemos isso porque cada um de nós, em maior ou menor grau, temos experimentado esse amor próprio além da medida. Sabemos, também, se refletirmos um pouco, que em qualquer descida ao inferno do amor por si mesmo, o ser animal (como também o diabólico) começa a dominar.

Se aprendemos a alegria da disciplina e a autoridade libertadora que isso traz ao verdadeiro eu, podemos entender bem como isso ocorreu. Sabemos como nós mesmos fomos curados e temos a mesma receita para aqueles que estão presos até mesmo nas práticas mais bestiais e pervertidas. Eu digo isso para o bem de todos que oram com outros por cura, porque sei como é fácil fugir de determinadas necessidades na vida das pessoas.

Ainda me lembro da primeira pessoa que me procurou para ajudá-la e confessou certas práticas sexuais com um animal. Com tremor e temor a pessoa finalmente conseguiu fazer a confissão. Se eu tivesse demonstrado o mínimo choque ou medo diante daquela terrível compulsão a que ela se prendia, algo que estava

dilacerando sua vida, ela teria se perdido. Simplesmente movi-me rapidamente contra as trevas que estavam matando essa pessoa e vi o ser verdadeiro ser libertado. Falar em compulsões é falar também daquela parte da personalidade dominada, ou correndo perigo de ser dominada, por algo que não é Deus. Cristo entrou para libertar o que havia sido, neste caso, uma muito triste e vazia "casa da alma", preenchendo-a com Sua glória. O ser humano, unido ao Senhor, então passou a exercer autoridade correta sobre corpo e alma, fazendo morrer (Colossenses 3.5) toda lascívia destruidora. A pessoa total (espírito, alma e corpo) foi liberta não só para viver plenamente, como também, para realizar seu maravilhoso privilégio de *tornar-se*. Agora, anos mais tarde, quando nas raras ocasiões de minhas viagens eu me encontro com essa pessoa, ainda fico maravilhada ante a beleza e o poder de testemunho que enche essa vida preciosa.

O Ser Diabólico

No seu livro *I Prayed, He Answered* (Eu orei, Ele respondeu), o Pastor William Vaswig conta a história da cura dinâmica, de seu filho Philip. Diagnosticado como esquizofrênico incurável, foi curado quando Agnes Sanford orou com ele. Philip, agora num ministério onde é responsável por outras pessoas, repetidas vezes diz que a *rebeldia* da pior espécie estava no fundo de sua doença. Muitas coisas terríveis podem surgir de um estado de rebeldia ímpia, e há ocasiões em que esta é a principal entre as causas do comportamento homossexual e lésbico.

Por exemplo, há ocasiões em que o comportamento lésbico está ligado a medo e ódio do pai, ou de outro homem qualquer. O ódio contra um homem é transferido para todos os outros, e a mulher, por diversas razões, inclusive vingança, chega ao ponto de sexualizar seu relacionamento com outras mulheres. Uma semente de ódio que cresça, dá lugar a uma selva de ódio e rebeldia. E este, como nos diz o profeta Samuel, "*é o pecado da feitiçaria*" (Samuel 15.23). Dela pode surgir toda espécie de perversão. "*1ª linha é a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor*" (Romanos 12.19), mas o eu diabólico quer vingança. Aqui vemos a colaboração dos seres animal e

diabólico. Dos dois, como disse C. S. Lewis, o diabólico é o pior.

Tenho notado em diversas ocasiões como é difícil um jovem controlar seu ser animal e diabólico, quando os pais falharam em controlá-los na infância. A criança pequena não consegue se controlar, de início, mas aprende autodisciplina quando foi disciplinada com sabedoria. Feliz a criança que, quando no auge de uma explosão de raiva, preguiça ou outro mal prejudicial, tem pais que a amem e consigam usar sua autoridade sobre essas paixões mais baixas.

Assim a criança aprende a dominar o ser animal e o diabólico, enquanto aprende a exercer sua vontade para o que é certo e bom.

Quando o ser animal ou diabólico tem dominado por muito tempo uma vida, eu conclamo à frente *a vontade* da pessoa, ajudando-a a estar em contato com essa faculdade de sua personalidade. Oro especificamente pela cura de uma vontade que nunca se desenvolveu, ou que se atrofiou por falta de uso. Conclamo a pessoa a fazer escolhas: "Escolhei hoje a quem sirvais"; "Escolha céu ou inferno *agora*; se quiser continuar do jeito que está, nem vamos gastar tempo orando. Mas se você escolher o céu, eu o ajudarei no caminho". "Escolha neste momento conhecer quem você realmente é, e será liberto hoje, no caminho para tornar-se tudo que Deus o criou para ser". Dessas e muitas outras maneiras, em vez de discutir ou dialogar com o ser animal ou diabólico, eu conclamo a vontade apática a fazer uma escolha. Isso não apenas faz com que evitemos perder tempo (que já é uma boa razão), como também desafia a vontade que por tempo demasiado tornou-se passiva na presença do velho homem. Não sou chamada para ajudar ninguém praticar *essa* presença. Sou chamada para ajudar a todos que puder, a entrar na Presença do Deus Santo, Aquele que nos chama para participar ricamente de Sua santidade.

Relacionamentos Lésbicos

As histórias de Bete e Bonita

Bete, nativa da Nova Inglaterra, amava explorar as regiões montanhosas do Nordeste norte-americano. Isso lhe dava algum conforto pela insatisfação que parecia fazer parte até mesmo de seus melhores momentos. Ela havia sido casada durante vários anos, não totalmente feliz, e havia gozado de sucesso na sua profissão, mas isso não satisfazia um desejo interno. Sentia que dentro de si havia um abismo. Algo que precisava ser preenchido, um abismo sobre o qual havia necessidade de uma ponte. Ela achava que precisava de mais amor do que seu marido, um homem não dado a respostas calorosas e sensíveis, pudesse dar. Por toda sua vida, ela fora atraída por mulheres, por desejo de afeto até que acabou por se envolver num relacionamento lésbico com sua melhor amiga. Sabia que estava errada e estava cheia de culpa por isso. Também tinha pavor de que seu marido, ou outros na comunidade, viessem a descobrir o que estava ocorrendo. Terminou a relação diversas vezes, mas acabava voltando para ela e agora sentia-se incapaz de livrar-se dela sem ajuda. Tinha se voltado para Cristo e desejava de todo coração a ajuda que Ele poderia lhe dar.

Seu problema atual, tão completamente além de sua compreensão, tornou-se logo aparente para mim, quando eu lhe perguntei sobre sua infância. Como bebê e durante todo seu tempo de criança, o seu pai proibira sua mãe de pegá-la no colo e segurá-la. Ele havia sido influenciado pelo psicólogo de Harvard, B.F. Skinner, que criou a filha dentro de uma caixa. Mas sua idéia principal era diferente da de Skinner que estava determinado a não mimar sua filha.

Como resultado dessa idéia, a mãe de Bete, basicamente uma pessoa amorosa e sensível, sofria terrivelmente, pois tal tratamento ia contra sua natureza. Mas sofria em silêncio e permanecia agindo plenamente de acordo com os desejos do marido. Como resultado disso, a maior dor da infância de Bete era o desejo frustrado de se aninhar nos braços da mãe. Quando oramos, a lembrança que veio à tona, carregada de tristeza, era dela como menina pequenina, desejando receber um abraço apertado no peito da mãe. Quando isso não acontecia, ela jogava os braços

em volta da máquina de lavar roupas, abraço-a junto de si.

Outro exemplo é o de Bonita, recentemente convertida a Cristo e muito ativa em ajudar outras pessoas a encontrá-Lo. Esposa e mãe sempre ocupada, sua queda veio depois que uma mulher inteligente, sofisticada, passou a freqüentar o seu grupo de estudo bíblico e compartilhamento e continuava a vir, mesmo mantendo uma posição de incredulidade. Essa mulher era psiquiatra, e quando Bonita tentava convertê-la, descobriu-se em, em vez disso, sendo por ela confortada, nos momentos de aflição. Num momento crítico de sofrimento e exaustão, os abraços dessa mulher foram longe demais e Bonita descobriu-se envolvida num relacionamento lésbico com alguém experiente nesse comportamento. Com tremenda angústia no coração, Bonita perguntou:

- Como isso pôde acontecer comigo?

Ela tomou um avião e viajou muitos quilômetros para encontrar resposta para essa pergunta, como também a ajuda de que precisava para se livrar das garras habilidosas dessa outra mulher.

Como no caso de Bete, Bonita também experimentara a carência da falta do abraço da mãe. Embora fosse cristã entusiasmada e feliz, as lembranças de rejeição quando pequena ainda doíam dentro dela, ainda faziam parte do que forjava sua existência. Seu histórico incluía o fato de que sua mãe tinha tentado abortá-la sem sucesso, mesmo tendo conseguido abortar outra gravidez, coisa que a mãe não hesitava em dizer a Bonita, mesmo quando era criança. A mãe que não conseguiu destruí-la quando ainda não nascera, sempre dizia abertamente o quanto ressentia o estorvo que ela era em sua vida, odiando-a por qualquer carinho que recebesse do pai. A dor dessas circunstâncias sempre estivera com Bonita. No momento descuidado em que a mulher que ela procurava levar para Cristo segurou-a com carinho, como uma mãe abraçaria uma criança que chorasse, Bonita simplesmente derreteu-se em seus braços. Então, quando a médica continuou o seu "tratamento" Bonita não teve força de vontade para resistir.

Contei essas duas histórias em breves palavras, para enfatizar o que já foi anteriormente relatado e demonstrado na história de Lisa. O fato é que muitas vezes a pessoa que cai numa relação lésbica age como Lisa, Bete e Bonita - num momento desavisado, por severa carência dos braços amorosos de uma mãe, na infância e meninice. A cura de Bete e de Bonita, como a de Lisa, veio quando elas permitiram que Cristo entrasse em sua solidão interior e curasse essas velhas carências e rejeições. Ao perdoar suas mães e todas as demais pessoas envolvidas, ao abrir mão de qualquer amargura que sentiam quanto às circunstâncias do começo de suas vidas, cada uma recebeu o amor de Deus e sua cura nos espaços vazios de profunda necessidade, onde só vagavam as lembranças ocas de uma mãe que lhes faltou.

Casos onde a Privação Infantil é Fator Principal

Tenho visto casos em que o comportamento lésbico está ligado à necessidade que uma mulher tem de ser liberta dos efeitos de uma mãe extremamente possessiva e dominadora. Dois casos que conhecia foram de tal forma idênticos que eu os relato como um só para enfatizar essa necessidade particular de cura de alma. Essas duas mulheres casadas e bonitas, de histórias muito semelhantes mas sem nenhum relacionamento entre si, perceberam (e isso é o que assusta) que seu comportamento lésbico não teria ocorrido antes delas entrarem na Igreja. Falarei do que elas tinham em comum para demonstrar por que isso poderia ocorrer.

As duas mulheres vieram ao mundo de relacionamentos amáveis e de satisfação somente depois que se converteram a Cristo e se tornaram parte de um corpo de cristãos que se importava, uns com os outros. Isso foi tremendamente empolgante para elas, e cada uma, em sua própria esfera geográfica, teve grande liberdade de compartilhar a alegria encontrada com outras pessoas. Ambas eram também mulheres fortes e uma vez libertadas para relacionar-se de modo significativo com outras pessoas, tiveram mais destaque na sua capacidade de liderança. Mas cada uma caiu num relacionamento lésbico depois de falhar em

reconhecer a deficiência de sua compreensão do que seria amar uns aos outros. Nenhuma das duas soube diferenciar entre *agape*, o amor de Deus que cura, e os amores humanos - afeto, amizade, e *eros*, amor erótico - através do qual elas tentavam ministrar. No mínimo essa espécie de amor ficou seriamente misturada em suas tentativas de ajudar uma amiga próxima, e cada uma dessas mulheres acabou usando mal e pervertendo o amor humano a fim de satisfazer suas próprias necessidades e as de outra pessoa.

Por trás desse comportamento havia uma mãe possessiva e dominadora, da qual elas fugiram geograficamente, mas ainda estavam emocional e psicologicamente ligadas. Isso era evidente nas suas tentativas de agradar e aplacar suas mães, embora ambas soubessem que essa era uma tarefa impossível. Até mesmo seus telefones eram instrumentos ameaçadores, os fios que podiam, a qualquer instante, tornarem-se grossos cordões umbilicais que as ligavam de novo à voz da mamãe e à vontade da mamãe. *Mas cada uma ainda almejava a aprovação de sua mãe, tendo esperança de ganhá-la.* E cada uma ainda temia sua ira e seu desagrado, porque eram dolorosos demais e excessivamente duradouros para tentar lutar contra. Antes de sua conversão, as duas mulheres tinham medo de amizades próximas ou íntimas devido aos conflitos com os quais cresceram parecerem parte desse "amor". Embora ambas odiassem essa forma dominadora, devoradora de amor, tinham de enfrentar o fato de que aquilo que odiavam fazia parte delas.

Não conheço mulheres mais bem intencionadas, nem mais ansiosas por agradar a Deus do que elas. Sendo assim, cada uma das duas percebeu rapidamente o que estava acontecendo. Uma semente de amor possessivo e devorador (que cada qual experimentara com sua própria mãe) tinha surgido dentro delas e como era carnal, e até mesmo de natureza diabólica, foi facilmente sexualizada. Para restaurar a integridade espiritual, elas tinham de confessar o pecado do amor desordenado (um pecado espiritual), e de lascívia (um pecado do corpo), que provinha dele. A cura psicológica necessária era a *separação de suas identidades, das identidades de suas*

mães, junto com a

oração por plena libertação interior da possessividade e dos laços maternos que as envolviam.

A necessidade de cura psicológica, em tais casos, não é pequena. Sem ela, as mulheres estariam em perigo de cair novamente, e elas bem o sabiam. Na verdade, cada uma delas tinha se negado a um relacionamento mais próximo com outra mulher por medo de cair de novo. No meio tempo, suas vidas como cristãs, como esposas e mães, sofreram as tensões desse medo e da necessidade de compreensão e libertação desse problema.

Para ministrar uma cura como essa, invocamos a presença do Senhor, pedindo que o Seu poder e amor entrem e capacitem a discernir e, então, a romper os laços opressores que mantiveram essa pessoa emocional e espiritualmente presa a outra. Há, é claro, graus diferentes desse problema, mas em alguns casos é quase como se a alma "estivesse" possuída pela alma da mãe. A oração é semelhante à de exorcismo, só que pedindo pela libertação do domínio da mãe e de sua ascensão sobre espírito e alma da filha. Uma me disse- "Minha mãe estuprou minha mente"; outra "Não consigo fugir da presença de minha mãe, ainda que esteja há centenas de quilômetros de distância dela". É realmente uma prisão terrível.

Num caso como esse, a falsa culpa geralmente terá de ser enfrentada primeiro. Senão a mulher poderá resistir (ainda que inconscientemente) à cura e preferir se diminuir e acusar-se por seus problemas com a mãe. Ela tem um irracional e falso senso de culpa por nunca ter conseguido agradar sua mãe, de nunca ter alcançado suas expectativas, e nunca ter conseguido "amá-la o suficiente". Pena e tristeza pelo vazio da vida de sua mãe, por vezes se tornam emoções paralisantes dentro dessa falsa culpa. Ao se livrar da manipulação psicológica da mãe, ela precisa se libertar do temor de que esteja sendo anticristã e tenha falta de amor. Essa manipulação psicológica é, afinal de contas, o que ela cresceu acreditando que fosse "amor". Ela precisa ser assegurada de que somente depois que tenha aceito sua liberdade

(cortando plenamente sua identidade com a de sua mãe) é que será capaz de amar e relacionar-se com a mãe de forma certa - como uma pessoa íntegra e segura. Até então, há uma parte dela ainda imatura, ainda sob a lei da mãe, ainda sujeita à manipulação. Quando, finalmente, ela estiver certa, estará preparada para aceitar a liberdade da subjetividade que a mantém imatura em uma parte essencial de sua personalidade, senão em toda ela.

Na oração pela libertação de alguém, geralmente peço que essa pessoa veja a Jesus com os olhos do coração, sobre a cruz, tomando sobre Si a dor e a escravidão que no momento ela está sofrendo, como também qualquer falta de perdão ou pecado que esteja dentro de seu coração. Peço que estenda as mãos para Ele e veja a dor e escuridão vindo para as mãos estendidas e cravadas de Jesus, enquanto oro para que sua alma seja libertada do domínio da mãe. Muitas vezes, sem interromper o ritmo da oração, pergunto-lhe o que ela está vendo com os olhos do coração. É maravilhoso quando ela percebe que as trevas saem de si e vão sobre o Senhor da Vida. Muitas vezes eu "vejo" o mesmo retrato, pela direção do Espírito Santo.

Então, e creio ser este um importantíssimo passo, peço que ela imagine um "retrato" da mãe. Porque o Espírito Santo está no controle e a cura está acontecendo de maneira tão poderosa, quase sempre a pessoa ministrada terá um retrato da mãe extremamente revelador; um quadro que a capacita a ver com objetividade, pela primeira vez; uma imagem que a ajudará a perdoar sua mãe completamente. Peço então que olhe para ver se ainda há alguma coisa que prenda o seu relacionamento com a mãe. Ela *enxergará e dirá o que é*. Em seguida, peço que imagine como se tivesse uma tesoura nas mãos, cortando diretamente as amarras que ainda vê. O alívio que vem disso muitas vezes é fenomenal, e há momentos em que surgem reações emocionais e até mesmo físicas por essa libertação. Já vimos esses laços como grossos cordões umbilicais, outras vezes como finos fios entre as almas de mãe e filha. Quando cortados, vemos um retrato simbólico que é verdadeiro, da própria libertação que está em andamento.

Em alguns casos extremos, quando a prisão psicológica foi particularmente severa, ou quando houve envolvimento ocultista ou demoníaco, por parte da mãe, é como se eu tivesse uma espada na mão, a própria espada do Espírito, cortando o que pareciam cordas grossas das profundezas do inferno. Depois de nomear e cortar esses laços, às vezes vejo, no coração da pessoa, as raízes recém-arrancadas dele, através da oração. Enquanto oramos, vemos o amor de Deus fluindo para dentro, sarando as feridas, tornando inteiro o coração quebrado.

Quando a necessidade de cortar a identidade de uma pessoa da de outra for corretamente discernida e tratada por meio de oração, a cura pode ser incrível. No poder da Presença de Jesus, a libertação e plenitude são completas, a alegria resultante é surpreendente. Com isso a pessoa obterá uma posição objetiva que utilizará para tratar de seus problemas de relacionamento, e isso também pode ser maravilhoso para a alma que nunca, antes, gozou da plenitude interior que permitisse tratar de tal instância. Ela então pode praticar a Presença de Jesus, vendo a si mesma, sozinha, em pé, ainda que envolta no Seu amor e em Sua luz.

Uma vez curadas, as duas mulheres dessa história puderam receber as palavras do Senhor e encontraram alívio contínuo daquelas velhas vozes acusadoras do mundo, da carne e do diabo. Tendo sido libertas da prisão do amor doentio de outra pessoa, estavam livres para tornar sua vontade absolutamente unida à vontade de Deus. Livres para ouvir a voz de Deus, livres para obedecê-Lo plenamente; aquelas mulheres estavam livres para verdadeiramente *virem a ser*. Não mais presas pela culpa (falsa ou real), elas puderam ser maduras e objetivas, experimentando a liberdade dos relacionamentos, não só com a mãe, como também com todas as demais pessoas. Cada qual em sua respectiva parte do país, elas agora estão ministrando a outras pessoas no Corpo de Cristo.

Conselheiros Vindos do Inferno

Tenho observado casos em que relações de lesbianismo surgiram do que começou apenas como situação de "aconselhamento" entre uma e outra mulher, acabando num casamento nada santo em que cada uma alimenta a ilusão de autopiedade na qual a outra vive. Isso pode ocorrer quando a solidão interior e as necessidades de toque (tais como de quem sofreu privação de toque e abraços na infância) se unem à necessidade da outra de formar, direcionar, "fazer coisas para," ou de alguma outra forma, controlar e dominar outra alma.

Uma personalidade dominadora dessa espécie é como as mulheres da história anterior, apenas diferente por ela se fechar para qualquer cura de si e não estar disposta a submeter-se à vontade de Deus. Ela pode também ser muito hábil em esconder sua manipulação, possessividade e carência. Embora seja a personalidade mais forte das duas, ela será igualmente neurótica, mas a que não tem as mesmas necessidades sexuais ou de toque. Porém, como "conselheira" na situação, ela acabará sexualizando o relacionamento a fim de suprir as carências claramente percebidas na outra pessoa.

Esses fatos podem acabar trazendo conseqüências terríveis para ambas as participantes, como também para qualquer outra pessoa que tenha o azar de ficar no meio do conflito gerado por tais relacionamentos. Filhos, maridos e familiares em geral sofrem muito nessas circunstâncias, e como pastores precisamos nos concentrar em ajudá-los. Pessoas como essas, armadas com a retórica feminista extremista de nossos dias, são capazes de projetar toda sua culpa sobre seus maridos, ou outras pessoas que parecem impedi-las de "realizar-se". Esses pobres membros da família, incapazes de discernir e descartar os argumentos e comportamentos irracionais que elas apresentam, muitas vezes pensarão estar perdendo a cabeça, queixando-se de extrema confusão mental e emocional. Com oração e a ministração de outros, podem evitar uma crise nervosa e continuar sendo membros responsáveis da família em meio a tal situação.

É surpreendente como, muitas vezes, essas mulheres parecem conseguir as

desculpas de seus pastores por seu comportamento, e isso será mais do que o sobrecarregado marido ou outro membro da família poderá suportar. A retórica dos dias atuais, juntamente com a ausência do poder de cura, parecem dominar e afetar até mesmo os raciocínios de alguns pastores e líderes. Maior ainda é a confusão do leigo, cujos poderes de raciocínio não são ensinados na psicologia do homem, não tendo fundamento teológico ou filosófico com o qual contrastar e discernir as falsas psicologias modernas.

Comportamento Lésbico Ligado à Influência do Pai

Existem ocasiões comparativamente raras em que um pai, decepcionado com o nascimento de uma menina, a trata como se fosse o desejado filho homem. Ela é recompensada por copiar o pai no modo de vestir, por segui-lo em projetos de consertos da casa e de marcenaria, em pescarias e outras atividades de contexto totalmente masculino. Nessas circunstâncias ela pode facilmente tornar-se agressiva com mulheres e masculinizada em seus trejeitos. Não consegue facilmente desempenhar o papel feminino com um possível pretendente. Há ocasiões que uma dessas mulheres se casará com um homem que aceite suas fortes características masculinas e o casamento pode ser surpreendentemente bem sucedido. Mas quando esse resultado não for o caso, ela encontrará alívio em sua solidão, somente na comunhão com outras mulheres solitárias e poderá ter problemas de agressividade sexual com alguém em que deposita seus afetos. Ela, como José, numa história anterior, baseou seu modelo na pessoa errada do casal. Está separada da parte de sua personalidade que nunca foi afirmada pelo pai - sua feminilidade inata.

É mais difícil para uma mulher integrar-se com sua feminilidade perdida do que para um homem encontrar e integrar-se com sua masculinidade alienada. Talvez seja porque todo homem, diferente de sua irmã, tem de separar sua identidade sexual da de sua mãe, e essa é uma tarefa mais ou menos natural. Ouvi recentemente algo citado como um velho provérbio: "Um homem não é homem até que seu pai o

declare". Esse axioma contém um resumo do que tenho descoberto como lei entre pais e filhos. Mas o que dizer da menina que desde pequena foi chamada de homem por seu pai? Aquela que normalmente não teria o dever do seu irmão, de separar sua identidade sexual da de sua mãe, agora tem a tarefa nada natural de separar sua identidade sexual da de seu pai. Isso parece explicar por que é tão grande a dificuldade de se integrar com seu ser feminino.e por que ela tem uma inconsciente resistência tão forte quanto a isso.

Ela precisa de cura da profundíssima rejeição experimentada, não de si mesma como pessoa, mas de si como ser sexual feminino. A oração deverá incluir, é claro, o perdão aos que falharam em aceitar ou afirmar sua feminilidade. Qualquer confissão que ela tenha de fazer com respeito à atividade lésbica, como também libertação e absolvição, serão parte dessa oração. Então, a oração deve incluir sua principal necessidade psicológica, de reconhecer e aceitar seu ser feminino.

A oração de fé irá visualizar esse ser feminino como sendo aceito e integrado à personalidade. Isso não é difícil de fazer. Reconhecemos a Presença do Senhor e vemos com Seus olhos a bela mulher interior que espera ser afirmada, ser chamada para fora. Essas orações devem ser de súplicas específicas e o pastor deve pintar um retrato com palavras da aceitação que a pessoa carente tem de seu ser feminino, conforme o Espírito Santo dirigir, agradecendo que a integração já esteja ocorrendo.

Com a poderosa ajuda do Senhor, a mulher começa o processo de *tornar-se*, de integrar-se com o ser feminino que, por tanto tempo, negara. Essa cura está sob o tema da terceira barreira para a cura interior, o fracasso em aceitar a si mesmo.

Como vimos, ela precisa reconhecer que a decisão de aceitar a si mesma é sua e só ela pode resolvê-la. É muito importante ensinar uma pessoa assim a ouvir Deus porque ela terá de entregar a Ele todos os seus velhos modelos de atitudes e receber em troca do Senhor, a afirmação de sua feminilidade.

Muitas vezes tememos a parte de nós com a qual estamos brigados. Na

verdade, temos medo total de nosso mais alto ser, e até que Deus nos capacite a aceitá-lo temos a tendência de fugir completamente. Essa fuga é descrita de forma belíssima no romance de Charles Williams, *Descent into Hell*, em que a heroína, Pauline Anstruther, tinha "um certo terror de sua própria vida secreta" e jamais considerara a possibilidade de que ela pudesse ser boa. Desde a infância ocasionalmente ela se via "chegando mais perto de si mesma", uma imagem que a apavorava mais, quanto mais fugia dela. Tinha, portanto, muito medo de solidão, de estar só, pois era quando o terror aparecia, até que mais tarde entendeu, na verdade, ser aquilo, um "terrível bem".

Uma analogia maravilhosa do fato de que uma parte de nós que é boa e útil pode inicialmente nos aparecer como aterradora e má, recentemente foi relatada por um amigo. É a história de um sábio Sufi, cujo sistema circulatório estava com problemas, e, enquanto dormia, perdeu a sensibilidade no braço e ombro direitos. Acordando assustado, estendeu a mão esquerda sobre o que ele pensava ser um enorme e frio réptil junto a seu lado direito. Ao ouvir o grito de que havia uma cobra na sua cama, seu irmão trouxe uma luz para a cela e percebeu que ele agarrava seu próprio braço direito. Para a mulher de quem estamos falando, sua feminilidade não só é impossível de imaginar, como também, algo estranho e assustador como o braço direito do velho Sufi que pensava estar com uma serpente ao lado. Por simplesmente *vislumbrar* e afirmar "a mulher interior", revelamos (ainda que paralisada dentro dela) o "terrível bem", que na verdade aquilo é.

A tarefa de aceitar a si mesma, como mulher, será grandemente ajudada se ela puder ser convencida a "revestir-se" de uma imagem feminina vestindo-se de modo completamente diferente e feminino, como também adotando novas maneiras mais delicadas. Como ela não consegue se imaginar dessa forma, ela precisará (como foi no caso de José) de, inicialmente, escolher e estabelecer um modelo. A imagem, como qualquer profissional pode nos dizer, é realmente importante. Um banqueiro é melhor quando *parece* banqueiro, pelo menos no início da carreira. Uma mulher é

mais feminina com blusas, saias e vestidos do que com *jeans* ou calças masculinas.

Talvez ela precise olhar este princípio do ponto de vista espiritual. Paulo, chamando-nos a ser mais como Cristo, diz: "*revesti-vos de Cristo*". A vestimenta exterior, como sabemos, estimula o homem interior a tornar-se o que o exterior demonstra. É por essa razão que a *prática* da presença de Cristo é tão efetiva. O revestimento "exterior" torna o cristão cômico do Cristo verdadeiramente presente dentro de nós, mais que qualquer outra presença, ou coisa criada. Isso é verdade até mesmo no aspecto psicológico. A mulher que pode revestir-se de seu ser feminino descobrirá que o ato exterior estimula o crescimento interior e a maturidade de todo seu ser feminino - emocional, intuitivo, intelectual e sensorial.

É claro que a mulher tem de ter sempre plena liberdade de escolha nessa questão, como em qualquer outra. Falo de *convencer* apenas no sentido de apresentar com entusiasmo e alegria a mulher que vejo dentro dela, com a qual ela estava fora de contato, e de compartilhar essa visão com ela. Mas ela jamais deverá sentir-se coagida. Se a pessoa que estiver orando por ela se desviar de simplesmente apresentar a verdade e tentar manipulá-la de qualquer maneira, terá se afastado de sua vocação de cura. Nosso Senhor nunca se impôs contra a vontade do homem. Ele mostrou, de toda maneira possível, a integridade e a liberdade que via para as pessoas, como sua herança, como filhos de Deus.

Dentro dessa liberdade há uma contínua responsabilidade de escolha e há também um poderoso privilégio de autoridade sobre nossa própria alma e corpo. Um escritor fala sobre essa autoridade que nós cristãos temos em nossas vidas com respeito ao princípio que estamos discutindo:

"A autoridade com Deus revela a autoridade com o próprio eu. O eu divino, a essência, permanece quieta, calma, aguardando ser despertada em todos os homens pelo eu exterior. Duas espécies de discurso despertam essa essência calma à ação: o comando e o louvor."

Já foi dito de diversas maneiras, por vários grandes líderes espirituais cristãos do passado, que a alma cria um corpo adequado para o seu uso, que reflita seu caráter. A maioria de nós tem notado que uma alma displicente apresenta uma aparência física displicente, uma alma malandra, uma aparência de malandro. Uma mulher fora de contato com sua feminilidade e de masculinidade exagerada vai refletir isso em sua aparência física. Creio que seu eu feminino subdesenvolvido afeta adversamente todos os aspectos de sua vida.

Nesta seção, é claro, não estou me referindo a casos extremos, e sim, a pessoas reais, como aquelas a quem tenho ministrado. Até a mais remota lembrança dessa mulher ela estava vestida como um açougueiro para trabalhar ao lado do seu pai, também açougueiro. Ela matava os animais como um homem faria, limpava-os e descarnava como um homem, bebia cerveja como seus antepassados alemães, estava sendo preparada para dirigir a empresa da família como seus ancestrais masculinos. Não tinha irmão para fazer essas coisas ao lado do pai, que, embora a amasse, só a afirmava como se fosse um filho homem que ele desejava.

Ela não podia ser convencida de que seu ser feminino fosse algo belo que pudesse desabrochar. O fato de que eu notasse isso claramente nada significava para ela. Ela tinha lindos olhos azuis e cabelos loiros encaracolados que modelavam seu rosto. Havia uma mulher incrivelmente bonita por trás dos trejeitos e modos masculinos que formavam sua imagem externa. Ela não conseguia "vestir" sua feminilidade e a esta altura eu não iria pressioná-la, mas simplesmente agradecer a Deus por sua cura espiritual e em grande parte também psicológica - ela fora libertada da lascívia e compulsões lesbianas e experimentava a cura da rejeição de si mesma como mulher. Eu descansei sabendo que ela havia "se revestido" de Cristo e que esse princípio, operando no aspecto espiritual, em seu mais alto nível, iniciaria o atenuamento necessário no aspecto psicológico. Por fim, enquanto ela permanecesse fiel em escutar o Senhor, eu sabia que até seu corpo começaria a refletir o fato de que Cristo estaria organizando em seu ser tudo o que ela é, de

modo completo - num delicado e maravilhoso processo.

Comportamento Lésbico Ligado a ódio ou Medo de Homens

Existem casos em que o comportamento lésbico está ligado a medo e ódio do pai, ou de alguma outra figura masculina. Do ódio, qualquer e toda espécie de perversão pode surgir. Cismas não sarados - seja entre os sexos, as raças ou classes sociais, ricos e pobres, jovens e velhos -, sempre geram ódios e assim têm originado diversas perversões. Hoje em dia, tais condições são exacerbadas (e em alguns casos até mesmo, de início, induzidas) por extremistas na retórica político-feminista que não somente abre a mente para o ódio, como também para a sexualidade lésbica.

É quando perdoamos as faltas, uns dos outros, (não importa quão graves elas sejam) e abrimos mão de nosso ódio, medo, rebeldia, que recebemos o dom de um novo coração - um coração curado, amaciado e libertado. Como ministradores que oram com uma mulher que, há muito, mantém no coração ódio e temor por homens, devemos dirigi-la a olhar para cima, para Jesus, com os olhos do coração. Isso estará em contraste com qualquer tentativa de nossa parte de induzi-la a uma consciência capaz de perdoar. (Veja a história de João no começo deste capítulo).

Por outro lado, a mente racional, consciente precisa de ministração antes da oração para que quaisquer barreiras intelectuais sejam verdadeiramente removidas. As mulheres, especialmente as presas pela retórica de divisão e ódio, precisam do benefício de perspectivas alternativas. Ideologias e esperanças falsas e incompletas precisam ser reveladas como são, e isso não se faz para tentar mudar, ou coagir a mente, ou o poder de escolha da pessoa. É necessário uma declaração de perspectiva mais alta. O coração dessa mulher então se abre e se alarga a fim de escolher um caminho que não só traga a liberdade que ela busca, como também abra espaço para o amor.

Durante essa oração, é claro, há ocasiões em que apelamos à mente consciente

e racional a fim de ajudá-la a perdoar. Em momentos cruciais, por exemplo, quando a pessoa chega ao perdão e grita "Não consigo perdoar!", tenho me descoberto apontando para a irracionalidade de seu ódio e medo e a total destruição que isso lhe trará, se ela não perdoar. Tem sido minha experiência que, após esse apelo à razão, a pessoa se *disponha a* perdoar - um ato maravilhoso da mente racional que, sem dúvida, tira sua força das profundezas do coração.

O ódio dessa mulher, que talvez tenha começado com ressentimento pelo seu pai, ou outro homem qualquer, até então generalizado a todos os homens, fazendo com que ela tenha uma reação desequilibrada para com todo macho, agora é entregue a Deus, e ela é liberta. Não é uma cura pequena e ela, como as outras pessoas, precisará continuar na Presença do Senhor, ali trocando seus modelos deturpados de atitudes por novos modelos que só Ele pode edificar em nós. Modelos de amor para todos, prisão para ninguém - este é o desejo do Senhor para cada um de nós.

Necessidades Táteis no Comportamento Lésbico

A consideração das necessidades de toque nos faz voltar à principal categoria do comportamento lésbico, ou seja, a ausência do amor materno na primeira infância, ou a incapacidade de recebê-lo quando esse amor é oferecido. Por vezes, a mulher que não recebeu o toque amoroso da mãe quando bebê tem necessidades táteis (toques), que chegam a ser compulsivas e irresistíveis. Isso mostra a importância de amamentar o bebê, de abraçá-lo e segurá-lo . Quando esse amor de toque foi inadequado ou faltoso, é difícil recompensá-lo mais tarde. O toque de outras pessoas não basta, assim como nossas diversas outras tentativas de compensar não são suficientes. Na verdade, é necessário o toque curador do Senhor para compensar pelo déficit e libertar a mulher de suas tentativas de compensação, condição terrível que, até que seja vencida, não permitirá que ela enfrente outras questões. Até que isso ocorra, ela poderá pensar de si mesma em termos

principalmente sensuais ou sexuais.

As pessoas cujas necessidades de toque são maiores, muitas vezes terão problema com comer demais e com masturbação. Ambos os hábitos são tentativas de compensar necessidades não supridas de toque, mas invariavelmente acabarão produzindo uma mistura de outras coisas (tais como lascívia ou autopiedade). Tais problemas militam contra aquilo que a mulher mais deseja: um relacionamento físico íntimo com um marido.

Há muitas mulheres que sofrem dessa deficiência e têm também fortes necessidades de toque e que jamais se envolveriam com a sexualidade lésbica. A experiência de Sara é exemplo disso. Nascida a quinta filha numa rápida sucessão de crianças, era bebê de uma mãe exausta e fisicamente doente, que só não tinha forças físicas, como também estava psicológica e espiritualmente esgotada. Não tinha forças para carregar nos braços mais uma criança. Sara sofreu muito por isso, mas não passou a sexualizar sua identidade como fazem algumas pessoas. Suas fortes necessidades táteis não a fizeram pensar em si em termos essencialmente sexuais. Ela simplesmente precisava da cura das lembranças infantis de carência e mais a coragem de enfrentar sua solidão interior e convidar Deus para entrar nela. Mas algumas pessoas, diferentemente de Sara, passam a sexualizar sua identidade e seus problemas crescem em complexidade.

Necessidades Táteis e a Identidade Sexualizada

Tenho observado numerosos casos em que a necessidade não suprida de carinho de uma mulher é aumentada por alguma dificuldade sexual na sua juventude, e a partir dessas circunstâncias ela (ainda que inconscientemente) sexualiza sua identidade. Ela, então compreende o que significa ser amada principalmente em termos sensuais ou abertamente sexuais. Essa condição é muito agravada pela cultura permissiva em que vivemos na atualidade, com sua ênfase na

liberdade e na realização sexual. Com o fracasso em um relacionamento conjugal, ela forma base para a queda num relacionamento lésbico.

A história de Lana é típica dessa condição encontrada no comportamento lésbico. Além da ausência do amor e da carícia da mãe, ela foi, desde muito nova, abusada sexualmente pelo irmão mais novo de seu pai. Quando adulta, ela teve sentimentos conflitantes quanto a esse abuso sexual, porque sua necessidade de toque era, de certa forma, realizada nessa circunstância sórdida e degradante. Ela tinha, por um lado, vergonha de como esse tio jovem a tratara e sentia culpa por necessitar do toque, por mais perverso e sem amor que fosse. Essas circunstâncias bastaram para iniciá-la na estrada de pensar em si, principalmente, como um ser sexual e dar e receber amor essencialmente em termos sexuais. É preciso enfatizar que não é necessário sofrer as circunstâncias extremas do incesto para acontecer isso numa mulher. Por vezes, a existência de pais cujos problemas revolvem sobre tensões sexuais, pode fazer essa dimensão da pessoa parecer a principal.

O começo da vida de Lana, na verdade, não foi muito bom, mas uma tendência de autopiedade e extremo egoísmo não a ajudaram em nada. Ela desenvolveu severos problemas com a masturbação e o comer demais. Com o passar do tempo, seus relacionamentos interpessoais ficaram muito complicados. Ela tornou-se perita em manipular os outros a fim de obter o que queria.

Quando seus diversos problemas fizeram possíveis maridos desistir, ela começou a desenvolver relacionamentos intensos com mulheres e finalmente, se proclamou como sendo "bissexual", entrando em uma série de casos lésbicos. Esses casos acabaram sendo mesmo coisas do inferno, e quando a vi pela primeira vez - para aconselhamento e oração - tinham eclodido em problemas que prejudicaram, não apenas ela, mas várias famílias e igrejas também.

Ela estava profundamente ferida, necessitando cura das velhas rejeições e carências; precisando reconhecer que havia sexualizado sua identidade, precisando saber que havia outro caminho, além do de manipulação de pessoas, para aliviar sua

dor por causa de sua solidão e vazio interior. Tivemos um bom começo quando ela descobriu, logo de início que não poderia me manipular. Eu precisei enfrentá-la com seu principal problema - de ter descido com a ajuda da autopiedade e autocentrismo repugnantes, ao fundo do inferno do egoísmo. Enfrentei a ela e o que surgia forte atrás de seu problema de

masturbação e atividade lésbica. Ela tinha uma racionalização perversa que chegava perto de dizer: "Olha! Tenho necessidades. Mereço satisfazê-las. Se eu não conseguir satisfazê-las deste modo (através da masturbação e do comportamento lésbico), ninguém mais vai me ajudar".

Junto com essa idéia dominante havia acusações e ira, em sua maior parte abaixo do nível de percepção consciente, contra Deus e os homens. Ela exibia cada relação lésbica sucessiva como sendo "um verdadeiro relacionamento de amor", mas teve de olhar toda sua atividade e reconhecê-la como algo que era: totalmente pernicioso e egocêntrico. Ela teve de encarar o fato de que sua preocupação consigo mesma e com suas próprias necessidades trabalhavam contra as chances de ser capaz de relacionamentos corretos com amigos, ou mesmo com o marido que ela almejava ter. Tinha de saber que até tudo isso ser confessado, abandonado e curado, ela estaria destruindo todos os relacionamentos, na tentativa de satisfazer suas "necessidades":

C. S. Lewis disse: "Amor é algo mais severo e esplêndido do que mera bondade", e a coisa menos amável que eu poderia ter feito a ela seria substituir alguma forma impensada de "aceitação amável" das coisas que a destruíam. Uma coisa é aceitar a pessoa onde ela está; outra muito diferente é aceitar seu comportamento maligno que trabalha tanto contra ela, como também contra as demais pessoas. Uma coisa é aceitar a pessoa verdadeira que está à sua frente, carente de libertação, outra diferente é aceitar (e desenvolver uma tolerância para com) o velho ser carnal que veste a cara que a ocasião possa pedir, enquanto evita que o verdadeiro ser criativo se revele. Jesus Cristo nunca desperdiçou Seu tempo,

Suas energias e orações ajudando a pessoa a "praticar a presença" do seu velho eu carnal. Ele não compactuava com isso, nem exercitava a grande "virtude" de bondade para com a carnalidade. Só prestava atenção nesse tipo de comportamento para dizer "Morra para essa velha carnalidade!"

A prática da presença de Jesus é vital por parte da pessoa que deseja ministrar cura em Seu nome. Ao praticar a Sua presença dentro, ou fora, de mim, e em todo lugar, estou também orando para que veja as pessoas a quem sirvo através dos olhos de Jesus, e somente através deles. Com o passar dos anos, estou convencida de que Ele tanto ama e deseja libertar a pessoa verdadeira que quase nem enxerga o velho ilusório, uma vez discernido e nomeado como usurpador que é. A Sua benignidade é como uma chama de luz curadora que vai em direção da pessoa verdadeira que Ele criou.

Em Lana eu podia ver a verdadeira luta para sair de baixo de muitas camadas da velha natureza egoísta, egocêntrica e carnal. Apelei à verdadeira Lana e conclamei-a, em nome de Jesus, a sair do inferno do ego . Foi exatamente o que começou a acontecer, e depois de diversos encontros estávamos prontas para orar pela cura de antigas memórias de rejeição e privação. Hoje sua vida é totalmente diferente. porque sua identidade não está mais sexualizada, os seus horizontes intelectuais, imaginativos e espirituais surgiram e continuam crescendo. Como filha de Deus, ela reconhece que o cristão tem ainda de trabalhar, com a mente e também com o corpo, sofrer, esperar e morrer" Noutras palavras, a vida é sempre uma luta e o heroísmo é essencial para a vitória. Contudo, ela vê possibilidades ilimitadas de *tornar-se e se conhecer* como estando em harmonia com essas possibilidades. Hoje ela percebe que todas as suas "tendências e faculdades têm um propósito" e estão sendo redimidas.

Durante algum tempo, Lana quis continuar a receber ajuda através de mim, ou de outra pessoa cristã, em vez de desenvolver, ela mesma, o necessário relacionamento vertical com Deus. Tive de exortá-la com firmeza e ensiná-la a ouvir

a Deus por si mesma, separando um período de silêncio e solidão com Ele a cada dia. Isso era uma absoluta necessidade para que seu eu verdadeiro viesse à tona, amadurecesse e florescesse. Era também a chave para vencer os últimos vestígios de autopiedade, dos hábitos da masturbação e comer demais que a acompanhavam.

Cada um de nós; não só as pessoas que sofreram carência afetiva na infância como Lana e outros, precisa ganhar coragem e decisão para enfrentar a solidão interior e *ali* começar a ouvir a voz de Deus, dentro de nosso eu mais verdadeiro. A necessidade disso é apenas mais urgente para as Lanas e Lisas que vivem por aí. Na maravilhosa figura de Henri Nouwen, precisamos "converter o deserto da solidão" que existe no profundo de nosso ser em um "jardim de solidão" onde começa e floresce a vida espiritual. "Em vez de fugir da solidão, de tentar esquecer e negá-la, temos de protegê-la e torná-la em solidão frutífera". Essa é parte essencial do que significa praticar a presença de Deus, de relacionarmos-nos com o próprio Deus.

A tendência mais forte de Lana era evitar enfrentar sua própria solidão interior, que na verdade ela temia. Temer e fugir dela era temer e fugir de seu verdadeiro eu. Ela precisou aprender, no começo com forte disciplina, *a proteger* aquilo que sempre temera mais, ou seja, sua própria solidão, e descobrir que esta estava "envolvida em desconhecida beleza". Na presença de Cristo ela crescerá emocionalmente e também intelectual e espiritualmente. Era minha parcela insistir e conduzi-la no caminho da disciplina espiritual.

A Remoção de Quadros Feios do Banco de Memórias

Quase sempre uma mulher casada que tenha tido experiência com lesbianismo precisa dessa cura, algo maravilhoso e simples pelo que orar.

Vez após outra, tais mulheres são enviadas a mim, talvez por seu pastor ou conselheiro, e elas dizem: "Quando meu marido começa a fazer amor comigo, esses quadros horríveis vêm à mente. Eu simplesmente me gelo toda. Quando vim para

Jesus Ele me perdoou, eu sei, mas estou tão assustada. Esses retratos A mente mais profunda é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente de um computador. Guarda toda memória, sem esquecer de uma só, enquanto (diferente do computador) ela tem gravado, não apenas o fato, como também o *retrato vivo* dessas lembranças. Quando nos tornamos cristãos e começamos a orar, estamos quietos ou entramos numa situação em que nos lembramos da velha condição, esses antigos retratos tentam surgir. O cristão pensa "Nada disso!", pressionando-os de volta para dentro, como se tentasse enfiar a tampa de uma lata de lixo para não deixar o lixo aparecer.

Os retratos, é claro, que estão surgindo na mente da mulher, são da atividade lésbica que ela abandonou. Foi perdoada e libertada da atividade, mas precisa entregar os velhos retratos que foram programados para dentro do computador do coração.

Passamos a orar e eu peço que ela olhe para Jesus com os olhos do coração, estendendo as mãos abertas para receber d'Ele. Depois de um pouco de oração preliminar, peço que Jesus faça surgir, do coração e da mente dela, todo retrato mau ou que causa medo, e enquanto oramos, é exatamente isso o que Ele faz. Surgem os quadros um a um. Peço que ela toque em sua testa à medida que surge um retrato, e entregue-o a Jesus, cujas mãos estão estendidas para ela.

Isso não é demorado e sempre resulta em cura do problema.

Depois que surgiu o último retrato, peço a ela que veja o que Jesus está fazendo com esses quadros velhos. Ela o vê acabando com eles de modo muito significativo para ela. Oro então ara que o amor e a luz de Cristo permeie e preencha os espaços onde havia quadros de formas deturpadas de atividade sexual. O problema agora está como que fora da pessoa e ela_tem condições de ficar firme contra quaisquer tentativas de Satanás de reprogramar a faculdade da mente profunda que cria seus retratos.

Aprendi a orar assim em favor de grupos antes de levá-los a uma "viagem

imaginária", algo que faço com freqüência, como experiência para *libertar o coração*, a fim de ver quaisquer retratos que Deus queira que vejam, como também antes de orar pela cura de memórias. De outra feita, as pessoas com retratos reprimidos de medo ou pornografia os verão surgir de repente, durante a jornada. Algumas pessoas têm medo de meditar e orar porque esses retratos surgem quando o fazem. Elas precisam muito dessa simples cura.

Comportamento Homossexual e Lésbico Relativo à Falha do Bebê em Atingir um Senso Adequado de Ser

O problema de identidade neste grupo é o mais severo de todos, pois o sofredor experimenta, de alguma forma, a separação de sua própria *existência*. Até agora temos falado sobre as partes de nós das quais estamos separados e não conseguimos aceitar: nossa masculinidade, nossa feminilidade, nossa aparência física, nossa boa mente, ou seja lá o que for. Mas no caso que examinamos agora, o trauma foi tal, que o próprio senso de existência, de ser, é muito tênue, ou quase inexistente. Às vezes, porque esse trauma nem sempre se manifesta com comportamento homossexual, o sofredor colocará sua identidade em algum objeto ou fetiche. Outras vezes, ele simplesmente sofrerá uma solidão e dor mental e emocional, além do que uma pessoa comum possa imaginar. Quando tal sofredor escolhe o caminho do homossexualismo para aliviar seu senso doloroso de não existência, será uma tentativa histérica de encontrar seu *eu* ausente, ou depositar seu senso fraco de existência e identidade em outra pessoa.

Esta categoria muito importante simplesmente reflete em maior grau os traumas psicológicos que os bebês humanos podem sofrer quando faltam o amor e o cuidado de que precisam para se tornarem pessoas. Ou ainda, quando alguma circunstância gravíssima ou ferimento os tenha feito incapazes de receber amor e cuidado maternos em nível significativo. Em razão da severidade de suas necessidades, tais sofredores muitas vezes aparecem no gabinete pastoral com longos e complicados históricos médicos e, por vezes, são rotulados pelos médicos

de esquizóides.

Sou grata a Dr. Frank Lake, um psiquiatra e teólogo inglês, ex-missionário na Índia, por alguns termos que utilizarei neste capítulo. Como psicólogo metódico, ele fez pesquisas extensas sobre ferimentos psicológicos na primeira infância, usando inicialmente drogas ou hipnose para abreagir - (fazer surgir) essas primeiras experiências em seus pacientes homossexuais mais seriamente doentes. Suas descobertas coincidem com o que encontramos na oração para a cura de memórias e nos dão uma afirmação científica para a mesma. Na verdade, o próprio Dr. Lake tem aprendido a abreagir essas lembranças exclusivamente pela oração e não usa mais, nem drogas, nem a hipnose para ajudar o paciente a reviver o trauma raiz tão profundamente submerso. Para uma compreensão psicológica e espiritual desse grupo de sofredores homossexuais, como também para a compreensão pastoral necessária sobre comportamento histérico, recomendo o seu livro: *Clinical Theology* (Teologia Clínica).

A dor mental, diz Dr. Lake, é essencialmente ansiedade de separação e tem suas raízes no trauma de alguma rejeição experimentada na primeira infância. Isso acontece antes do bebê saber que é separado de sua fonte existencial, sua mãe. O amor que brilha nos olhos da mãe, diz Dr. Lake, torna-se o cordão umbilical através do qual o bebê deriva seu senso de existência, de ser. A perda da mãe, ou de sua substituta, através de doença, morte, abandono ou simplesmente por sofrer sua ausência num período de grande estresse, pode resultar na falha do bebê de (1) atingir um senso de bem-estar, ou (2) um senso de própria existência. Este último resulta em uma identificação com o não-ser.

Há ferimentos físicos, como também psicológicos que podem fazer com que a criança seja incapaz de relacionar-se com a mãe e, portanto, de receber do brilho do seu amor, seu senso próprio saudável de existência. Traumas de nascimento que deixam o bebê querendo voltar para dentro de si e para o ventre não são raros. Nos casos mais severos, rejeita-se qualquer coisa fora do ventre materno, incluindo a

própria mãe. O termo *ansiedade de separação* tem enorme significado depois que se vê a abreação de memórias infantis como essas. Tudo que tenho aprendido a respeito da oração

A ansiedade neurótica e os temores e a dor irracional em que ela se traduz são resultados diretos de circunstâncias infelizes no presente. A dor mental de uma crise nervosa é o eco da dor antiga da perda de relacionamentos. Esse eco ressoa em sua consciência porque uma solidão dolorosa desceu sobre essa pessoa... A ansiedade neurótica é acrescida àquele temor razoável dos terrores estranhos e irracionais, ou seja, de ansiedade de separação infantil há muito reprimida... O passado enterrado transforma um momento presente toleravelmente assustador em um momento intoleravelmente ansioso.

As raízes de todas as psiconeuroses estão nas experiências infantis de dor mental de severidade tão intolerável que requer a divisão da consciência mais ou menos na época em que ocorreram. Estas permaneceram enterradas pela repressão. A causa real do pânico pode ser um tempo de ansiedade-de-separação sustentado durante os primeiros meses de vida, quando estar separado da vista e percepção sensorial da fonte de existência, a mãe ou sua substituta, é igual a um estrangulamento vagaroso do espírito e sua resultante morte. Os diversos modelos de psiconeurose compõem e indicam uma variedade de defesas contra essa separação."

Quando o Comportamento Homossexual Forma Parte da Defesa

O comportamento homossexual é apenas uma dessas defesas. Dr.. Lake diz que há duas espécies de homossexualismo relacionadas à ansiedade de separação: aquela que se associa à perda de bem-estar e outra, infinitamente pior, associada à perda do próprio senso de existência. Creio que a condição de Mateus (no capítulo 3) incluía essa difícil ferida, ou pelo menos a perda de bem-estar.

Dr.. Lake relata numerosos casos de pacientes homossexuais que reviveram (por abreação, sob efeito de drogas) um período traumático, ou doloroso no período pré-natal tinha sido horrendo e o resultado foi a condição de ansiedade de separação. O bebê tinha sido lançado a uma posição esquizóide de pavor na qual o temor básico era de identificação com o não-ser.

A posição esquizóide é sinônima, no uso que o Dr.. Lake faz do termo, a uma experiência de pavor insuportável, de cair em não-relacionamentos, ou identificar-se com a não-existência. O menino-bebê, sofrendo esse trauma antes dos seis meses de idade, é "esquizóide" em relação à mãe. Nas mãos dela, por alguma razão, ele não obteve senso de bem-estar, nem de ser - e ela é, portanto, associada a esse terrível pavor. Tal associação passa a ser generalizada para todas as mulheres, tornando-o centrado no masculino. Ele poderá formar, então, uma ligação histórica com um homem. A psicodinâmica da personalidade histórica é revelada numa ligação "agarrada" a coisas, ou à pessoa na qual ele encontra, ou está tentando encontrar, sua identidade.

A menina-bebê reage de modo diferente do menino. Ela, enquanto sofre essa mesma dor (de não conseguir um senso de bem-estar, ou mesmo de existência no amor da mãe, ou da mãe substituta) entra numa posição histórica, e não esquizóide, em relação às mulheres.

"A reação histórica à perda de vida, pelo relacionamento com a mãe, é a experiência raiz que leva ao lesbianismo nas meninas-bebês, ao contrário dos meninos. O menino que permanece histericamente ligado à mãe pode conseguir transferir sua fixação para a mulher com quem ele se casa, em quem ele procura uma mãe, como também tudo mais. A menina, para quem isso acontece, pode transferir sua necessidade permanente de dependência da figura materna para outra mulher."

As pessoas que conhecem algo sobre o ministério com pessoas nessa condição concordam que é verdadeiramente um fardo pesado para se carregar pela vida

afora. A cura psicológica disto "A mais terrível carência conhecida para a mente humana, a ausência do amor da mãe para o bebê" não ocorre sem dor, nem é fácil, por mais que se force a imaginação, pois requer enfrentar a solidão e o vazio internos de que alguns sofredores têm gasto a vida inteira para escapar. Cada grama de força foi usada para reprimir, em vez de enfrentar os espectros que surgem desse "terrível abismo de não-existência". Pode-se entender como isso pareceria algo nato (uma condição genética) para pessoas cujas pressuposições e metodologias não permitem a possibilidade de trauma no início da infância. A condição desses sofredores parece ter *sempre* existido. Esse padrão androcêntrico parece ter vindo junto com o bebê.

Sua necessidade, num sentido, se bem que mais pronunciada, é a mesma que a de todas as pessoas caídas: a de corajosamente enfrentar o vazio interior e clamar Àquele único que pode nos curar e nos completar. Elas recebem a cura exatamente do mesmo modo que outras pessoas descritas neste livro. Quem ora e trabalha com eles, porém, deve estar profundamente consciente das dimensões quase inimagináveis da cura de que carecem. Esse sofredor, como os demais, precisa se ater à cruz (com tudo que isso significa) até perdoar as próprias

circunstâncias de sua vida e receber de Cristo o perdão e a *graça* curadora. Essa graça o capacita a entregar seu sofrimento, junto com a profundamente arraigada ira e raiva, nas mãos do Crucificado. Nesta graça, ele entende *por que* Cristo morreu - tomando sobre si a própria dor. Ele vê que Cristo sofreu esse fardo o tempo todo, e que só precisa entregá-lo a Ele. Ele vê que Cristo não só tornou-se homem e tomou sobre Si nosso sofrimento, como também *tornou-se pecado por nós*. Ele, que é amor, *tornou-se*, como Cordeiro de Deus, o terrível pecado da falta de amor que tanto nos feriu.

Em oração, nós O vemos sobre a cruz e podemos tomar nosso lugar no Seu corpo crucificado. Na verdade vemos isso com os olhos do coração, como a realidade espiritual que está acontecendo. Então, vemos até mesmo nosso fracasso em atingir

um senso de ser, nosso horrível medo de cair no abismo da não-existência, tomado por seu grande Ser e sacrifício.

"Tendo pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne...". (Hebreus 10.19)

Passamos pela "cortina, que é o Seu corpo", morrendo para as velhas e doentes formas de amor que agarrávamos, como também à indiscreta solidão e dor de estarmos não relacionados do mais básico de todos os níveis. Perdoando aos outros, como também às circunstâncias de nossa vida, ressuscitamos com Ele em novidade de vida. Nascidos de novo, tomamos nosso lugar no seu Ser ressurreto. Na cruz há cura; em Seu corpo ressurreto e vida existem *identidade e existência*.

Eis alguns trechos da carta de alguém que sofreu esse ferimento mais severo e havia tentado aplacar a insuportável dor de não conseguir um senso de existência pelo amor de mãe, com relacionamentos lésbicos escondidos e carregados de medo. A maravilha de sua cura ainda estava com ela quando ela me escreveu:

"Como eu me regozijo nesta manhã, de modo profundo e silente, sobre a passagem de ano novo. Fui à mesa da comunhão para participar do corpo e sangue de Jesus. Sua presença foi real e Ele sabia que eu não queria me apressar. Quando o leitor leigo chegou à minha frente, havia acabado o vinho e assim esperei com o Senhor enquanto o Irmão S. consagrava mais vinho. Recebi-o. A presença foi tão real... Quando fui para a cama esta madrugada (depois do culto da meia-noite) veio-me o pensamento de que haviam se passado 20 anos, desde a última vez que eu participei da Santa Ceia, à meia-noite do ano novo. Maravilhada pela cura do Senhor e Sua proteção através dos anos, dormi em paz."

Dois trechos da Escritura começaram a ministrar no seu coração. O primeiro, de 2Coríntios 5.17 - *"Se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas"*. O segundo versículo é o 18, que diz: "Ora, tudo

provém de Deus, que nos reconciliou com Ele, por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação". "Reconciliação", escreve ela - "que palavra com a qual iniciar Sua nova década!"

Era necessário conhecer a extensão de seu deserto interior de carência, para apreciar o fato de que uma vida toda, da mais severa ansiedade de separação e seus efeitos, estava sendo vencida pela paz e alegria que hoje conhece em sua unidade com Cristo.

"Desde (a noite) em que você, (Srta.. A.) e eu oramos naquela capela, e Jesus Cristo entrou em cada célula de meu ser, a Sua presença tem sido constante e meu espírito reconhece cada vez mais o Pai, o Filhó e o Espírito Santo. Lembro claramente quando você disse mais de uma vez que precisamos praticar a Presença de Cristo. Louvado seja Deus. Faz dez meses que tivemos aquele momento de oração e a realidade do Senhor tem continuamente crescido em mim."

Nunca me esquecerei dos anos assombrosos de dor e necessidade estampados no rosto daquela jovem, quando assistia a uma palestra que eu dava, nem de sua surpresa quando ela começou a perceber que, talvez, após tantos anos procurando ajuda, havia possibilidade de ajuda verdadeira. Uma tremenda agonia acompanhava sua surpresa, porque não suportava ter esperança e vê-la depois despedaçada. Lançou-me pergunta após pergunta, revelando que sua busca de integridade a havia levado por muitos atalhos intelectuais e teológicos.

"Antes de você orar por mim, orei a Deus para que eu não experimentasse um ponto alto, pois sabia quão dolorido seria a queda. Pedi *profundidade*. Ontem à noite agradei a Jesus porque não só respondeu a oração, como também continua a honrá-la... Acredite, não estou falando de uma experiência bonitinha, pois há ocasiões em que tenho clamado com agonia, chorado de alegria, corrido adiante d'Ele e ficado para trás. Mas com firmeza, ternura e bondade, Jesus tem me ensinado através da Sua Palavra, pela oração, e por meio do ministério da Srta.. A. (agradeço a Deus por ela ser um canal tão claro e desimpedido para a obra do

Espírito Santo), e por meio do irmão Fr... O tempo não permite que eu relate muitos eventos dos últimos oito meses, mas você conhece as obras das mãos do Senhor e não se surpreenderia - maravilhada que estou, ainda me surpreendo e me vejo de boca aberta, estupefata (Lucas 1.37 - *'Pois para Deus não há impossíveis'*).

Ela termina sua carta agradecendo e louvando a Deus pelo amor que hoje conhece e que está sendo continuamente renovado em seu ser. Plenitude do *ser* - isso é glória, e é isso que ela agora possui. É a herança disponível a todos os filhos de Deus, em Cristo Jesus.

Um sacerdote, cuja homossexualidade foi associada a essa mais severa ferida, escreveu-me um poema sobre sua experiência de entrar na morte de Cristo e encontrar ali a cura. Numa linha do poema ele imagina as mãos do Crucificado, estendidas "fazendo morrer a morte em mim". Não conheço melhor modo de descrever a cura de alguém que nunca tivesse alcançado, nos braços de sua mãe, um senso de ser.

Essa é a herança daqueles que escolhem unir-se a Cristo e viver em comunhão com Ele, ouvindo-O. Essa união, planejada pelo próprio Deus para a cura do mundo, está em completo contraste com a união sexual anti-natural de uma pessoa com um membro de seu próprio sexo - que é o remédio que os apologistas do homossexualismo insistem em impor sobre um sofredor, como meio de satisfazer fisicamente seus desejos homossexuais. Esses desejos, conforme já vimos, são, na verdade, parte de uma "confusão simbólica", algo que, com a ajuda de Deus, pode ser esclarecido.

"Aleluia! Todas as Minhas Feridas Exclamam"

Até mesmo antes de acontecer a cura psicológica (como também depois dela), Deus pode transformar as feridas dessa "categoria das mais severas" em poder que curador. "Toda deficiência," escreveu C. S. Lewis, "esconde uma vocação". Sua compreensão disso em relação ao homossexualismo se revela na seguinte carta que

ele escreveu a Sheldon Vanauken:

"Tenho visto menos que você, mas, mais do que eu queria, desse terrível problema. Conversarei a respeito de sua carta com aqueles a quem considero sábios em Cristo. Aqui vai apenas uma resposta *interina*. Primeiro, a fim de delinear os limites dentro dos quais a discussão poderá prosseguir, tomo como certeza que a satisfação física de desejos homossexuais é pecado. Isso deixa o homossexual na mesma condição de qualquer pessoa normal que, por alguma outra razão, não se casa. Segundo nossa especulação, não nos importa a causa da anormalidade e devemos contentar-nos em ignorar qual seja. Os discípulos não receberam explicação de por que (em termos de causa eficiente) o homem nascera cego (João 9.1-3): somente a causa final, para que a obra de Deus seja manifesta nele. Isso sugere que na homossexualidade, como em qualquer outra tribulação, essas obras podem tornar-se manifestas, ou seja, toda deficiência esconde uma vocação, se apenas pudermos encontrá-la, quando "transformamos a necessidade em lucro glorioso". É claro que o primeiro passo será aceitar quaisquer privações que, se tão inaptos, não conseguirmos obter legitimamente. O homossexual tem de aceitar a abstinência sexual, assim como o homem pobre tem de abrir mão de prazeres que, de outra forma seriam legítimos, para não ser injusto com a mulher e os filhos, se os tomasse. Essa é apenas uma condição negativa. O que, então, deveria ser a vida positiva para o homossexual? Eu queria ter comigo uma carta que um homem piedoso, já morto, escreveu-me - mas é claro que era uma carta que se toma o cuidado de destruir. Ele acreditava que sua necessidade podia se transformar em lucro espiritual: que havia certos tipos de compreensão e simpatia, um certo papel social que homens ou mulheres, apenas, não podiam dar. Mas isso tudo está horivelmente vago - foi há muito tempo. Talvez, qualquer homossexual, que humildemente aceite sua cruz e se coloque sob a direção divina, conhecerá o caminho. Tenho certeza que qualquer tentativa de se evitar isso, através do falso ou quase-casamento com um membro do próprio sexo, ainda que não leve a qualquer

ato carnal, será o caminho errado. O ciúme (isso outro homossexual admitiu para mim) é muito mais acirrado e mortal entre eles, do que entre nós. Também não acho que fazer pequenas concessões, como usar roupas do outro sexo, seja a linha correta. São os deveres, as responsabilidades, as virtudes características do outro sexo que o paciente deverá procurar cultivar. Mencionei humildade porque o homossexual masculino (não sei sobre as mulheres) é capaz de, no momento que descobre que você não o trata com horror e desprezo, correr ao ponto oposto e começar deixar implícito que, de alguma forma, ele é superior às pessoas normais. Quisera eu pudesse ser mais definido, melhor "claro". Tudo que na verdade eu disse é que, como em outras provas, a homossexualidade tem de ser oferecida a Deus para que ele a dirija como agir".

Existem muitos, como Lewis mencionou, que encontraram total cura espiritual aceitando a "deficiência psicológica, assim como o deficiente físico tem de aceitar" e colocaram, seguramente, suas mãos na de Deus, sabendo que Ele transforma, até mesmo este terrível sofrimento, em um mais profundo bem. Dr. Lake menciona três pessoas assim:

"Em três ocasiões de crise em minha própria vida espiritual em que tive necessidade urgente de ajuda, esta veio de pastores que manifestamente carregavam esse fardo. Contudo, em outro sentido, eles haviam deixado de carregá-lo como um fardo. Havia vencido as limitações, e a vida de Cristo neles carregou, tanto a eles, quanto a mim. Estavam no ato de morrer para o velho eu; em alguns casos até o sofrimento parecia ter sido purgado, mas não o fato de que eles haviam sofrido."

O Dr. Lake declara que são esses a quem os médicos não têm esperança alguma a oferecer. Mas, diz ele, nós na igreja temos a resposta e a "terapia" para homens e mulheres que sofrem de homossexualismo." Existem muitos aspectos possíveis de treinamento para o pastorado que podem ser deixados de lado, mas não a sua responsabilidade de compreender e tratar o homossexualismo".

A Personalidade Histórica

Há muitas razões pelas quais se teme aconselhar e orar com pessoas cuja condição homossexual seja ligada à ansiedade de separação em suas formas mais severas e, nas quais, características de personalidade histórica são aparentes. Nenhum novato, na medicina ou na oração, sairá incólume de uma situação dessas. Embora muitos, como os pastores a quem Dr. Lake se referiu, tenham sofrido essa alienação e permitido que Cristo transformasse o deserto terrível existente no fundo de sua mente e coração, em jardim frutífero de cura, para eles mesmos e também para outros. Existem outros que caíram cada vez mais longe, em situações de histeria e esquizofrenia. Quem ora por essas pessoas deve tomar o cuidado de nunca rotulá-las como esquizóides ou históricas. Até mesmo psicólogos e psiquiatras tomam cuidado ao dar um rótulo desses, ou usá-lo; e nós, do ministério de cura, sabemos como eles são perigosos. É uma maneira de identificar exageradamente o problema e de não identificar suficientemente a pessoa verdadeira como é vista por Jesus. Mas devo dizer alguma coisa sobre a personalidade histórica para dar orientação àqueles que oram pela cura de memórias.

Existem características de histeria em todos nós, *`pois todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus'*. Em outras palavras, fracassamos em sempre "viver e nos mover e encontrar nossa existência em Deus", somente em Deus. Tentamos encontrar nossa identidade em alguma pessoa ou coisa diferente de nosso Criador e Sustentador. A personalidade histórica é a que exhibe essas características de modo extremo e incomum. Uma personalidade totalmente histórica poderá, por exemplo, dizer algo assim ao conselheiro:

"Enquanto eu tiver a sua atenção, eu sou, eu existo. Minha identidade está em você no momento. Procuro em você o meu próprio ser. Exijo de você isso, pois sinto que não existe nada dentro de mim e sei que ninguém jamais poderia me amar. Então, tenho de prender você assim - ter sua atenção - ou talvez até sexualmente, se outro jeito não der certo. Tenho de prendê-lo do jeito que eu conseguir". Tal

comportamento pode continuar *ad infinitum*, e geralmente continua, se o ministrador não se aproxima do problema verdadeiro - que é a severa ansiedade de separação e o senso de não ser, dentro do sofredor.

"Dizem que a diferença entre o psiquiatra mais brilhante e um menos preparado é que o brilhante reconhece mais rapidamente o histérico e foge mais depressa dele. Isso não é uma piadinha sem sentido. As exigências especiais dos pacientes histéricos sobre quem procura ajudá-los pode ser tal como os tentáculos de um polvo, causando até crises nervosas entre as equipes médicas e hospitalares que têm a infelicidade de se envolver de forma não sábia."

Pastores e conselheiros desavisados podem cair e caem, talvez com mais freqüência e mais duramente que o pessoal da medicina. Basta apenas um histérico mal resolvido para destruir a ordem e a calma numa igreja, enquanto seduz sexualmente, ou de outra forma, até mesmo o pastor e outros conselheiros, durante o processo. Os ingênuos, ou espiritualmente imaturos, serão de tal forma atingidos, e tão rapidamente, que quase não saberão o que lhes aconteceu.

Importante para o ministério de oração pela cura de memórias é o fato de que tendências históricas são mecanismos de defesa contra *a percepção interior*, a compreensão do verdadeiro problema, o "abismo do não-ser". Nada traz mais rapidamente essa compreensão do que a oração pela cura de memórias. A pessoa histérica pode pedir oração por direção e vir apenas para conversar, e por meio disso ganhar a atenção que precisa e quer. Ela "ficará por aí", com o conselheiro que só escuta, mas usará de todo mecanismo de defesa que já imaginou, no momento em que a pessoa que tem o dom de orar por cura chegar perto do abismo de solidão, nas profundezas de seu ser. Muitas (certamente não todas) dessas pessoas fugirão depressa, exatamente dos conselheiros que saibam levá-los a enfrentar o pavor terrível que está no cerne de seu ser.

Por esta razão, fiz as seguintes recomendações e admoestações a pastores e a todos que oram pela cura de tais sofredores:

1. *O tempo certo* é muito importante na oração em favor desse sofredor. Fazemos o que ouvimos o Senhor dizer - ou seja, o Espírito de Deus é quem dirige - e não o que alguma outra alma bem intencionada insiste que façamos. Pessoas assim feridas, por vezes aparecem em minha missão e, até mesmo, nas Escolas de Cuidados Pastorais. Se elas são capazes de sentar-se enquanto o Espírito age, durante as reuniões e dos esclarecimentos que começam a vir no transcorrera das palestras, geralmente estarão prontas para enfrentar seus traumas interiores. Elas já estarão começando a abandonar o relacionamento horizontal histórico para obter um relacionamento vertical com Deus, seu Criador. Então, ainda que tenham tido relacionamentos homossexuais históricos ou lésbicos em seu passado ou mesmo no momento, elas estarão - em sua decisão de enfrentar a solidão interna -, prontas para serem curadas.

Cuidado: o tempo é de suma importância. Não ore com uma pessoa histórica apenas porque outra pessoa insiste que ela o procure. Acabará fazendo parte de seu mecanismo quase diabólico de ganhar a atenção que procura e necessita.

2. *Controle da situação* é também de suma importância. O conselheiro deve estar sempre no controle, porque "O amor é algo mais esplêndido do que mera bondade". Deve conhecer o severo amor de Deus e permitir que este flua através dele. Qualquer fraqueza em substituir o amor de Deus com os amores e compaixões humanas o farão perder a batalha antes que esta se inicie. Mais uma vez, o verdadeiro histórico é quase diabolicamente perito em suas tentativas de dominar a situação, ganhar atenção através da manipulação de outras pessoas. O conselheiro deverá estar totalmente preparado para ver o sofredor se afastar dele, antes que fraqueje. E é a coisa mais amável a ser feita. Isso prepara o caminho para a cura da pessoa. Enquanto houver um conselheiro ou pastor que esteja sendo manipulado, mesmo que, por um membro da família, esse sofredor não irá enfrentar seu trauma interior. Como disse o Dr. Lake: o conselheiro deve recusar o papel de confidente, deve dizer "não" a exigências irracionais desde o começo, nunca deve ser

manipulado por ameaças de suicídio, nem motivado pelas necessidades emocionais do sofredor.

3. A resistência da pessoa histórica à compreensão certamente fará com que escute errado e reporte erroneamente o que dissermos.. Os que oram por esses sofredores, especialmente jovens pastores desavisados que sentem obrigação de atender qualquer e toda pessoa mandada a eles pelos igualmente desavisados, poderão descobrir que suas melhores palavras e seus maiores esforços foram usados erradamente, citados fora de contexto, e que o aconselhando fez com que todo mundo dentro de um raio de muitos quilômetros pensasse que preto é branco e branco é preto com relação a ele. Pode ter feito desabar a ira de presbíteros e até mesmo de um advogado e juiz sobre sua cabeça. Com respeito a históricos homossexuais, pode ser o chefe de algum grupo de apologistas do homossexualismo ou até da União de Liberdades Cívicas. Neste caso, o conselheiro cometeu o erro de chegar perto demais do problema verdadeiro, antes do sofredor estar pronto para enfrentá-lo.

4. Muitas vezes o que somos chamados a fazer é orar e ministrar à toda família, em vez de unicamente pelo próprio sofredor. Quase sempre eles precisarão de oração e ajuda *durante* nossa ministração. Foram seriamente manipulados, induzidos a pensar que seus melhores esforços e motivos são maus. Muitas vezes dirão: "Acho que estou perdendo a cabeça. Ele/ela me faz pensar que o certo é errado e o errado é certo. Estou tão confuso que não sei mais o que está certo ou errado". Precisamos libertar esses familiares do laço que, como uma rede maligna os prende física, mental e espiritualmente. Seus pés, como os do sofredor, estão presos nas mais tenebrosas confusões. Seus atos em geral são subjetivos demais e os engodam ainda mais nessa confusão.

5. Os homens são mais freqüentemente enganados por tais sofredores. Parece que as mulheres têm um conhecimento intuitivo além dos homens quanto aos perigos que uma pessoa dessas apresenta. Os pastores e conselheiros homens

farão bem em prestar atenção ao que dizem esposas e senhoras cristãs confiáveis e sábias nas suas congregações.

6. Quando sou dirigida a trabalhar com uma pessoa assim, peço a ajuda de outros que têm autoridade espiritual sobre ela. Às vezes será o seu bispo, quase sempre seu pastor, e juntos oramos por sua cura antes de eu receber essa pessoa para aconselhamento e oração. Também peço ajuda, de seus psiquiatras e médicos, quando isso for possível e plausível e consulto-me com eles a respeito de seu/sua cliente. Sob circunstâncias normais, peço para fazer isso com a permissão do sofredor e/ou de sua família.

7. Essas pessoas chegam à mais plena alegria e integridade quando entram em relacionamento (geralmente muito devagar) com os membros individuais do Corpo de Cristo, algo que jamais teria sido possível antes, mas é possível e muito necessário depois do início de sua cura. Elas também precisarão de direção espiritual de alguém que seja um "canal desimpedido" para a contínua "terapia" do Espírito Santo em suas vidas.

Deus Nunca Desampara Tal Sofredor

É algo maravilhoso poder assegurar a qualquer pessoa que sofra assim de que sua cura virá, uma vez que ela venha obedientemente à presença do Senhor. Tal certeza eu sempre enfatizo porque a dor é tamanha que geralmente a pessoa não consegue ver a luz curadora no final do túnel. Deus jamais falha, e é maravilhoso poder declarar isso. Dr. Lake sabe e declara essa mesma verdade maravilhosa nas seguintes palavras:

Não existe nada na composição do homem ou da mulher androcêntrico-histero-esquizóide que limite a ação de Deus sobre sua alma. Na verdade, como a ligação e o desligamento infinito já estão presentes nessas almas, elas têm, até mesmo no nível humano, uma premonição da dimensão do abismo sobre o qual Cristo foi estendido

sobre a Cruz".

Jesus é o grande médico de almas e se nós que vivemos, nos movemos e encontramos n'Ele nossa existência não fizemos esta obra, é seguro dizer que ela não será feita. Na Sua presença conosco estão todos os dons de cura do Espírito. Fomos maravilhosamente capacitados por seu poder para fazermos tudo que Ele nos pedir, até mesmo curar em Seu nome. Na sua comissão devemos todos trabalhar juntos.

capítulo cinco

A Crise de Identidade

"Porquanto nele habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade. Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade. "

[Colossenses 2.9-10]

"A personalidade não é um dado a partir do qual iniciamos. "

[C. S. Lewis]

Estamos *nos tornando* pessoas. Você ainda não é quem, um dia, virá a ser. Eu não sou, pela graça de Deus, quem, um dia, serei. *"Tu és Simão, filho de Jonas"* (João 1.42) disse Cristo ao pescador atrapalhado cuja identidade talvez estivesse em sua capacidade de pegar peixes e em sua figura masculina. Mas na confissão de Simão, declarando Jesus como Messias, Filho do Deus vivo, Cristo destacou a maior identidade de Pedro: *"Tu és Pedro, uma Pedra "*(ver Mateus 16.13-19). Não há nada mais certo do que o fato de que Pedro era incapaz de ver a si mesmo como Cristo o via - o homem que estava destinado a ser, quando plenamente maduro e vivendo na autoridade e no amor de Deus. Sabendo isso, Jesus Cristo disse-lhe, assim como diz a

cada um de nós, palavras com estas: "Siga-me. Continue em Minha presença e Eu lhe mostrarei - enquanto você busca tornar sua vontade una com a minha - quem você realmente é e o que nasceu para fazer".

Simão terá de morrer para o "velho eu" dominado pelo pecado - aquele unido ao velho Adão - e terá também de morrer para aquilo que pensa ser. Até que morra para sua antiga visão de si mesmo, como também para o princípio do mal em seus membros, as palavras de Cristo continuarão a atingi-lo como uma raio: *"Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me "* (Lucas 9.23). Iguamente eletrizado, ele continuará a ver Cristo apontando para longe do velho Simão - que ele ainda percebe ser - e em direção ao novo Pedro, que ele ainda não consegue ver, e ouvirá Cristo perguntar: *"Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?"* (Marcos 8.36).

Quando primeiramente *nos dispomos a segui-Lo* - primeira tentativa de obediência- Deus não é apenas uma força indefinida, mas muito pessoal. Nossa idéia de Deus muda. Então, à medida que Ele mostra as profundezas de nossa personalidade (tanto as boas como, também, as más que desconhecíamos), nossa idéia a respeito de nós mesmos muda. Descobrimos que não conhecemos muito bem a nós mesmos. Eis aqui uma crise de identidade e também a sua cura. À medida que desejamos estar n'Ele, Deus junta os nossos estilhaços espalhados, dos quais temos estado separados.

Embora seja esta a chave para a cura de todos nós, essa verdade é talvez vista com maior dramaticidade na cura do homossexual, pois sua luta para obter integridade está sempre associada (como já vimos) com profundos problemas de identidade pessoal. Uma identidade sexual segura é apenas parte de nossa identidade pessoal - algo que abrange toda a gama do que significa ser um *ser humano*.

Certa vez ouvi um grande estudioso dizer: "Se conhecemos de fato a nós mesmos, é com a maior das dificuldades". É verdade. Conhecer a nós mesmos é

começar a ser curado dos efeitos da Queda, pois envolve entrar num relacionamento de intimidade, de ouvir-e-falar com Deus. É reconhecer com mais perfeição nossa união e comunhão com Deus. Isto, certamente, não é algo insignificante, mas, nossa herança (um tanto negligenciada), enquanto cristãos. É a cura de nossa solidão primal.

"Nascemos incapazes. Logo que somos plenamente conscientes descobrimos a solidão," escreveu C. S. Lewis. Nascidos solitários, tentamos nos encaixar, ser o tipo de gente que faça outras pessoas gostarem de nós. Devido a essa carência e extrema necessidade de afirmação dos outros, acabamos nos comprometendo - usando qualquer máscara, ou muitas máscaras; fazemos até mesmo coisas que não gostamos buscando sermos aceitos. Entortamo-nos (usando outra imagem de Lewis), contorcemo-nos, em direção à criatura, tentando encontrar nossa identidade nela. Devagar e compulsivamente, o "falso eu" fecha sua concha dura e quebradiça ao nosso redor, e o que resta é nossa solidão.

Um dos principais nomes de Deus é *Elohim*, e encontramos este termo referente a Ele 2.701 vezes nas Escrituras. Essa palavra hebraica, Elohim, indica a relação de Deus para com o homem como Criador. A cura do homem - e sua solidão - tem a ver com o reconhecimento de si mesmo como criatura, como alguém *criado*, e olhar para cima e longe de si mesmo, da auto-adoração para a adoração de Elohim, o Criador de tudo que existe: tempo, espaço, matéria, e de minha pessoa. É nessa adoração que nossa face única e verdadeira aparece, afastando as outras velhas e falsas máscaras. É nesse relacionamento aberto de conversar (falar e ouvir) com Deus que nosso ser verdadeiro rompe a casca do "falso eu" e nossas velhas amarras e compulsões se quebram.

Mas o homem quis ser como Deus. Toda inclinação de sua *vontade*, portanto, tende à autoconsciência e fuga do Deus *que* o chama para um diálogo consigo - à consciência de Deus. Assim, em vez de adorar a Deus como Criador, o homem adora a si próprio, a criatura. O comportamento homossexual é apenas uma das formas

distorcidas neste caminho básico que o homem caído toma. Na verdade, escrever sobre a cura do homossexual é escrever sobre a cura de todos os homens em todos os lugares. Somos todos caídos, e até que nos encontremos em Deus, nos debatemos procurando nossa identidade na criatura, naquele que foi criado.

Todos os homens, diz-nos o apóstolo Paulo, não somente os que, como os judeus e os cristãos têm acesso às Escrituras, podem conhecer e reconhecer a Elohim através daquilo que Ele criou:

"Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis. Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo à criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!"

(Romanos 1.19-25)

Ao adorarmos a criatura, perdemos nossa identidade. Paulo fala do comportamento homossexual porque, parece-me, vê-se mais claramente a crise de identidade no homossexualismo.

Somos todos dados a coisas baixas, e até mesmo encontramos nossa identidade nelas.

"Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem, por

natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se".

(Romanos 2.14-16)

O apóstolo Paulo está declarando que, quer tenhamos a *revelação* através da lei e do Evangelho como judeus e cristãos têm nas Sagradas Escrituras; quer como gentios, somente através da natureza, a palavra de Deus está falando através de Sua criação, e somos responsáveis por reconhecer a Deus como Elohim; por adorá-Lo como Criador.

Essa adoração é nosso meio final de negar o velho e usurpador "eu" na separação, e libertar o "verdadeiro eu" para a união com Deus. Tornamo-nos *fazedores* quando adoramos a Deus como Elohim, pois, criados à Sua imagem, Sua semelhança em nós é, assim, nutrida e fortalecida. Encontrar a verdadeira identidade de uma pessoa é estar aberto para sua verdadeira e mais alta vocação, pois Elohim abençoa a obra de nossas mãos e de nossos corações quando agimos conforme a Sua imagem.

De outra feita, quando adoramos a criatura, o eu, somos entregues a toda espécie de comportamentos *não criativos e destrutivos*. Maculamos e diminuimos a imagem de Elohim em nós; perdemos nossa identidade como filhos de Deus. Não somos mais conscientes de Deus, mas autoconscientes.

Outro importante nome para nosso Deus é *Jeová*, que O retrata em relação de aliança com Sua criação. Esta palavra hebraica é empregada mais de 6.400 vezes nas Escrituras. NoSso Deus Criador, Elohim, O Três-em-Um, fez provisão para o homem caído (que somos todos nós) para que uma vez mais pudéssemos ser ligados a Ele. Esta é a Boa Nova, o Evangelho, a verdade de Cristo *em* nós, curando-nos de nossa separação. É a verdade da Encarnação e da cruz, o "*novo e vivo caminho aberto a nós pelo véu, isto é, o corpo de Cristo*" (Hebreus 10.19).

A Antiga Aliança, como também a Nova, é um Evangelho, uma boa nova, pois, conforme o apóstolo Paulo nos lembra: "*O evangelho de Deus, o qual foi por Deus, outrora, prometido por intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras*" (Romanos 1.2). A Antiga Aliança, pelos seus sacrifícios de sangue, era sombra da Nova (ou seja, a aliança de Jeová conosco no sangue do Filho). E de maneira que vai além de nossa compreensão, o Pai e o Filho são um. O Deus do Antigo Testamento, Jeová, Elohim, o Deus que é fiel e verdadeiro, que é todo benignidade, veio ao nosso mundo no Filho - que Se entregou por nossa salvação. É por esta razão que a cruz está bem no cerne de nossa fé. Aquele que é amor, paz, verdade, justiça, fidelidade, Se entrega *por nós e para nós*. Ele vive em nós. Isto é glória, é plenitude do *ser*. Isto é identidade. É isso que escolhemos, ou deixamos de escolher. O homem caído está constantemente tentando encontrar outras maneiras de ser curado, de encontrar caminhos ou métodos que ignorem a Encarnação e a Cruz. Mas no final, fazemos uma de duas escolhas. Ou escolhemos o céu da identidade realizada em Deus, ou o inferno do eu-apartado (de Deus). Obediência, portanto, é a chave. E obedecer a Deus é ouvi-Lo.

Escutando a Palavra que Cura

*"Enviou-lhes a sua palavra, e os sarou,
e os livrou do que lhes era mortal".
[Salmo 107.20]*

Ver o Invisível

Ontem ao entrar numa igreja para o culto de Domingo, meus olhos foram atraídos ao centro onde havia uma pia batismal pronta para ser usada. Meus olhos foram instantaneamente abertos e por um momento vi o Senhor ali de pé, inclinado sobre a água. Senti imediatamente o amor e a oração que enchiam o santuário e sabia, embora fosse visitante naquele local, que Cristo estava maravilhosamente presente no meio de um povo que O adorava. Durante a liturgia do batismo, várias

peessoas se descobriram, surpresas, chorando. Elas também estavam sentindo a presença do Senhor de modo especial em nosso meio. Havia uma alegria e um compartilhar dela depois desse "avistamento". Mas agora não é assim, pois sei que Ele está comigo, quer eu o enxergue de alguma forma especial, quer não.

Anos atrás, quando pela primeira vez comecei a ouvir a Deus, após ter-Lhe feito algumas perguntas em oração, Ele enviou uma palavra ao meu coração que tem sido chave na minha própria vida espiritual e em minha vocação como Sua discípula. Eu estava meditando em Isaías 58 e perguntara ao Senhor qual *o jejum* que eu deveria guardar, desejando sinceramente que fosse o mais aceitável ao Senhor. Escrevi as seguintes palavras enquanto foram ditas no meu coração, embora não parecessem, de início, ter muito a ver com o jejum:

"Guarda-Me com você mesma o dia inteiro. Não Me delegue a um pedaço de seu dia. Eu a criei. Persevere Comigo como Eu persevero com você."

A palavra *persevere* tocou as cordas de meu coração como nenhuma outra palavra poderia tocar, pois só eu sabia a profundidade da fidelidade de Deus em perseverar comigo. Ele estava pedindo que eu perseverasse nele *assim como ele perseverara comigo*. As lágrimas, ainda me vêm aos olhos, quando me lembro daquelas palavras recebidas do Espírito Santo e que reverberam em meu coração, nesta minha peregrinação sobre a Terra.

O motivo do jejum é estarmos mais plenamente presentes com Deus. Um jejum físico é quando procuramos aquietar as exigências do corpo, humilhando-nos para que possamos ouvir e obedecer a palavra que o Senhor está nos dizendo. É então que podemos nos arrepender corretamente e fazer as necessárias orações intercessórias em favor da salvação de outros.

Com a palavra *perseverar*, entendi a disciplina espiritual necessária para praticar a presença de Deus. Vivemos numa época em que é bastante difícil reconhecer o que não se vê. Para o incrédulo, como também para o cristão que conhece somente

uma comunidade de igreja que pouco compreende ou até mesmo descrê, como escreveu C. S. Lewis: "o que é concreto mas não material só pode manter-se em vista por esforço e dor". É muito fácil para os cristãos pensarem abstratamente a respeito de Deus, sobre Sua presença *com* eles e *dentro* deles, sobre seres angélicos e o que acontece com eles durante o batismo e a Santa Ceia quando nem os anjos nem o Espírito Santo são visíveis aos seus olhos mortais. Começar a "manter em vista" a grande Realidade Invisível (transcendente e imanente), é começar a praticar a "Presença de Deus", e esta é nossa principal disciplina espiritual. Era este o jejum ao qual o Senhor me chamava. Ainda não cheguei lá, mas estou perseverando, e descubro que toda minha alegria e qualquer integridade, como também ministério que eu possa ter, está encerrado nesse jejum.

O conhecimento de que Deus está realmente conosco - que é possível estarmos em verdadeira comunhão com Ele - é a principal necessidade de toda alma solitária que sofre. Nossa "obra" como ministros aos sofredores é a de orar: "*Ora vem, Senhor Jesus*", e então convidar cada alma para a Presença curadora. É claro que isso deve ser básico para todos que ministram em nome de Cristo, mas é impressionante quantos milhões de palavras no aconselhamento esvaziam e tentam substituir essa única coisa necessária. Hoje de manhã, orando por direção para este capítulo, lembrei-me mais uma vez do seguinte:

"Saiba que EU SOU está com você, que Eu verdadeiramente habito em você. Este é o conhecimento de todos que sinceramente anseiam por Mim. Ele é experimentado e tornado real quando Meu servo invoca Minha presença e convida os carentes a andarem Comigo, e em Mim. Em Mim experimentam o- amor e a fidelidade eternos - o amor substantivo pelo qual sempre tiveram fome."

Dessa forma as pessoas não são apenas curadas, mas unem-se a Deus. Passam a *conhecê-Lo*. Esse *conhecimento* não é uma compreensão direta a respeito de um Deus (*salvador*), mas um "conhecimento-por-experiência (*connaitre*), um provar do próprio Amor" que só "o mais humilde de nós, em estado de Graça, pode conhecer".

Nessa espécie de relacionamento, deixamos de procurar sinais ou algum tipo de prova sensitiva de Sua Presença, e começamos a nos deleitar n'Ele. Ele é nosso alvo. Praticamos a Sua presença conosco ao lermos as Escrituras, ao orarmos, ao andarmos em nossos carros, ao nos movermos realizando nossas tarefas e em nosso lazer. Não nos repreendemos, se esquecemos, mas regozijamo-nos na nova lembrança. Ao fazermos isso, descobrimos que Ele está, freqüentemente, mais próximo quando nossos sentidos estão menos atentos. Assim como, a melhor hora para orar, normalmente, é "quando não estamos com vontade", Ele Se manifesta a nós de um modo que nossos sentidos são alertados quando menos esperamos que isso aconteça. Superamos, assim, as barreiras do século vinte à *crença*, e não tropeçamos naquilo que não se vê.

Ouvir o Inaudível

Saber que Jesus é o verdadeiro Emanuel, Deus conosco, e aprender a praticar a Sua Presença é essencial para a cura e a preservação da saúde em todos os níveis. Essa prática da Presença de Jesus não é um método, mas uma caminhada com uma Pessoa - e nessa caminhada há sempre restauração. Há também, como dizem as Escrituras e demonstram nossas experiências, um diálogo contínuo. Ouvir a Deus é, portanto, parte essencial da prática de Sua Presença.

Esse escutar é indispensável no ministério cristão de cura. Henri Nouwen escreve que: "é possível experimentar a relação entre pastor e aconselhado como forma de entrarem juntos no silêncio amoroso de Deus e ali aguardar pela Palavra que sara". É sobre este ministério que tenho falado neste livro todo. Somos chamados a escutar pela palavra criativa e curadora, e ensinar outros a fazerem o mesmo.

Ouvir a Deus por Meio das Escrituras

"...as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2 Timóteo 3.15), escreveu o apóstolo Paulo ao seu amado jovem aprendiz, Timóteo. Nunca conseguiremos terminar de perscrutar as profundezas dos tesouros que Deus nos deu nas Sagradas Escrituras. Foram dadas por inspiração divina e estas, a *lectio divina* (os textos sagrados) são chamadas de a Palavra, a Palavra de Deus, a Palavra de Cristo, a Palavra da Verdade, como também, Livro do Senhor, Livro da Lei, Espada do Espírito, os Oráculos de Deus. O primeiro princípio, para começarmos a ouvir a Deus, é acolhermos o texto sagrado em nossa própria alma e coração, meditando *nele* em oração. A sua Palavra passa então a "habitar em nós ricamente", queimando como luz interna, e clamamos a Deus. Esta é a *oratio*, a oração responsiva nascida da Palavra de Deus que está em chamas em nosso interior.

As Escrituras Sagradas sustentam nossa vida espiritual e Jesus enfatiza isso quando cita Moisés: *"Está escrito: Nem só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus"* (Mateus 4.4). As Escrituras nos dão o padrão da verdade como também o fundamento e equilíbrio que precisamos. *"Estai pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos com a couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz"* (Efésios 6.14,15).

Qualquer outra palavra que nos venha, de qualquer direção que vier, tem de ser provada pelas Escrituras. Paulo e Silas trouxeram com sucesso a mensagem da morte e ressurreição de Cristo aos judeus de Beréia porque essas pessoas estudavam as Escrituras a fim de verificar aquilo que os primeiros cristãos estavam dizendo:

"Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram de fato assim. Com isso, muitos deles creram, mulheres gregas de alta posição e não poucos homens. "

(Atos 17.11-12)

As Escrituras têm sido chamadas de "carta de amor de Deus ao Seu povo". Nelas Ele conta como é - fiel e cheio de benignidade para com todos os que n'Ele confiam. Meditar na Palavra de Deus é meditar no Seu amor por nós - um amor que *em e através* de sua Palavra inunda *"nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi outorgado"* (Romanos 5.5). Saber que Deus ama *até mesmo a mim* é outra necessidade profunda de toda alma sofredora. Enquanto meditamos sobre Sua carta de amor a nós, tornando conhecida a Ele a nossa vontade, começamos a *"compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Deus, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus"* (Efésios 3.18,19).

A Oração de Escuta

"Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o coração"

(Salmo 95.7)

O próximo passo é extremamente valioso para nosso crescimento espiritual, mas é o passo mais negligenciado da oração em nossos dias. É a oração de escuta silenciosa à Voz de Deus; oração pela resposta de Deus ao pranto de nossos corações, abertos diante d'Ele. Dessa forma, nossos corações permanecem receptivos à Sua direção, Sua exortação, Sua Palavra de sabedoria ou conhecimento que vem em resposta ao nosso clamor. Aprendendo a praticar a "Presença do Senhor", trazemos todo pensamento de nossas mentes, toda imaginação de nossos corações, em sujeição a Cristo, que é o Senhor de nossa vida.

Ao ouvi-Lo, trocamos *o nosso* modo de ver e fazer as coisas, pelo *Seu* modo.

Isaías, profetizando sobre Cristo o Servo Obediente que viria, disse:

"Deleitar-se-á no temor do Senhor; não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir de seus ouvidos; mas julgará e justiça os pobres e decidirá com equidade a favor dos mansos da terra. "

Foi exatamente o que fez Jesus: julgou segundo disse o Pai, no poder do Espírito. Fez o que viu fazer o Pai (ver João 8.28-29).

Como o Senhor, nós também ouvimos a fim de ser discípulos obedientes, para que façamos a obra de Deus. *"Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus"* (Efésios 6.17).

Ouvir a Deus é a ferramenta mais efetiva que temos em nosso *"kit de cura"*, pois é assim que aprendemos a colaborar com o Seu Espírito. Ensinar outros a ouvir é uma das lições mais valiosas que nós, como dirigentes espirituais, podemos lhes dar. Através dessa liberdade de ouvir, eles podem passar da imaturidade (de estar debaixo da Lei ou de leis) para a maturidade (andar com Cristo no Espírito), tanto como pessoas quanto como cristãos. O próprio Senhor torna-se seu principal conselheiro e guia, e nossa vocação torna-se mais fácil.

Quando, na correria de nossas vidas, encontrarmos espaço e tempo para ouvir em silêncio, preparamos e damos espaço, em nossas mentes e corações, para receber a palavra que o Espírito nos envia durante o dia. Agnes Sanford, certa vez, ouviu o Espírito dizer-lhe para não embarcar em determinado avião. Ela deixou de embarcar e veio a saber que aquele avião caiu. Mais tarde, quando contou essa experiência a um grupo, uma mulher zangada perguntou por que Deus haveria de falar com ela e não com os outros passageiros. Imediatamente Agnes respondeu: "Ah, creio que ele falava a todos nós... mas tão poucas pessoas escutam." Precisamos saber o que o Espírito está nos dizendo em meio a nossas atividades e emergências, e esse "ouvir" é aprendido por este passo na oração - arranjando-se tempo para escutar e ter comunhão com Deus. Somos chamados para ensinar as pessoas a orar. E, talvez, é por esta razão que esse passo na oração é tão negligenciado. Geralmente é preciso um dirigente espiritual de confiança para ensinar-nos a orar; alguém em comunhão com aqueles no povo de Deus que "escutam", cujos dons espirituais e discernimento aguçam e completam os nossos

próprios dons e discernimento.

Ouvir a Deus é de Suma Importância no Processo de Tornar-se Pessoa

A oração que precede a todas as demais orações é: "Que fale o meu 'eu' verdadeiro. E que seja ao verdadeiro 'Vós' a quem eu falo".

O eu caído não pode se conhecer. Como já vimos, não sabemos quem somos e sempre estaremos à procura de nossa identidade em alguém ou em alguma coisa que não seja Deus, até que nos encontremos n'Ele. E é somente n'Ele que nos tornamos pessoas. Em Sua presença, conversando com Ele, descobrimos que o "velho homem"- o pecaminoso, o neurótico, o compulsivo doentio, o velho decrepito ator que há lá dentro - não é o *real*, mas são simplesmente os "falsos eus" que jamais têm suas raízes em Deus. Descobrimos que Deus é real e que Ele chama para fora o "eu" verdadeiro, separando-nos de nossos pecados e nossas doenças. Não mais nos definimos por nossos pecados, neuroses e carências, mas, por Ele, cuja vida nos sara, purifica e habita em nós. De contorcidos em direção à criatura - a posição horizontal da Queda - nós nos endireitamos na união completa com o Criador - a posição vertical, que ouve, de uma criatura livre. Descobrimos que estamos n'Ele e que Ele está em nós. Assim em Sua presença, ouvindo a palavra enviada pelo Espírito, ocorre a cura espiritual e psicológica. Nosso Senhor envia uma palavra - de gozo, juízo, instrução, direção. E esta palavra, se guardada num coração obediente, trabalha para a integração daquela pessoa. Ao escutar e obedecer, *eu me torno*.

Através de uma série de palestras a pastores, proferidas pelo Pr. Alan Jones, ele repetia estas palavras: "Ou nós contemplamos a Deus, ou exploramos os outros". E mais:

"A Palavra vem somente no silêncio - é quando discernimos o modelo do Espírito. É quando estamos disponíveis ao nosso ser mais profundo que desabrocha

no Espírito."

"Ou contemplamos, ou exploramos". Ou aprendemos a ouvir a Deus, ou manipulamos as pessoas. Manipulamos os outros e a nós mesmos a fim de aliviar a solidão de nossa separação da voz de Deus. Em Sua presença, ouvindo, eu me desmascaro, tiro minhas muitas faces falsas e meu ser verdadeiro se vê face a face com Jesus. Se eu procurar por mim, jamais me encontrarei - apenas aos meus muitos "eus" fragmentados. Mas se eu buscá-Lo, acabarei descobrindo que o meu *eu íntegro* está unido em Jesus.

Na verdadeira oração, enfrento todos os fatos. Começo a contar a minha verdadeira história, o verdadeiro livro de minha vida: *'Diante de ti puseste as nossas iniquidades e, sob a luz do u rosto, os nossos pecados ocultos'* (Salmo 90.8). Sob essa luz, os fatos verdadeiros de minha existência, não importa quão monstruosos ou mesquinhos, são levados à conversa com Deus.

"A pessoa deprimida ou aflita", diz Dr. Frank Lake, "parou de ar porque não consegue, ou acha que não consegue, transformar as depravações da ira ou lascívia, ou as carências de falta de fé, ansiedade e vazio, em oração". Ao levar pessoas necessitadas à presença de Deus onde juntos escutamos Sua voz, é exatamente isso que os ajudamos a fazer. Uma vez restabelecida a oração como comunhão com Deus, a pessoa poderá tirar do esconderijo suas queixas, objeções, exigências, acusações, ressentimentos, dúvidas, e descrenças, passando a conversar com o pastor e com Deus". As minhas compulsões, meus vícios, minhas ansiedades, meus temores irracionais - reconheço tudo isso e o trago à conversa com Deus, e enquanto escuto, ele manda a palavra que quebra o modelo de imaturidade, as amarras do pecado. Eu me liberto desses modelos e dos caminhos errôneos de autopercepção.

Ademais e tão importante, no tornar-me *o fazedor* que Deus me criou para ser, descubro que junto com as coisas escuras que eu temia enfrentar, surgem agora coisas belas e preciosas:

"Coisas radiantes, deleites e inspirações, vêm à tona como também o grunhir dos ressentimentos e a insistência da lascívia".

Esses também eu havia temido reconhecer.

O desejo, na minha opinião, é um dos mais importantes dessas "coisas radiantes" que precisam vir à tona. Quando o "verdadeiro eu" está temeroso sob camadas de véus e cascas de vergonha, teme vir à luz tanto o egoísmo (carnalidade) do qual ainda não se libertou, quanto a decepção de suas mais profundas esperanças e aspirações. Quando somente Deus é nosso alvo, nossos olhos se firmam (ver Lucas 11.34) e obtemos o que alguns dos antigos chamavam de "virtude do desinteresse". Ao buscarmos somente Aquele que é nossa justiça, começamos a ver mais claramente, e resulta a pureza de coração. *A santidade* (e não a felicidade, amor, lucro material e assim em diante) é nosso alvo correlato: o inverso de nosso alvo primordial. Podemos então desejar com segurança até mesmo aquelas coisas que temíamos reconhecer antes, porque elas são oferecidas inteiramente a Ele. A oração que escuta é conversa santa; é interação sagrada com Deus. Ele nos assegura e nós sabemos com toda certeza que Ele removerá o joio do trigo; que transmutará o desejo quando e onde necessário; que o elevará a planos mais altos quando nossa percepção de Sua vontade para nós estiver baixa demais.

A seguir temos a meditação do irmão John Gaynor Banks sobre desejo, inspirada pela frase do poeta Traherne: "Deseje como um Deus que te satisfaças como um Deus".

"MESTRE: O desejo é uma força poderosa, um de teus mais divinos atributos! Tudo quanto quiserdes em oração, crede que o recebestes e os obtereis! Vê a qualidade divina do desejo. Faz parte da energia atômica da alma. O Reino dos Céus opera em vós através do desejo. Não o extingas ou esmagues ou negues. Oferece-o a Mim. Oferece-me teus desejos mais elementares, teu desejo de felicidade, de amor, de auto-expressão, de bem-estar, de sucesso, de alegria, em qualquer nível de teu ser - oferece livremente teus desejos, sem receio, e eu os transformarei para que

obtenhas alívio e satisfação e completa liberdade de toda frustração."

Tenho visto a cura de muitas pessoas deprimidas começar quando nos aquietamos na presença de Deus e pedimos que Ele traga à tona os mais profundos desejos do coração, aqueles que o sofredor teve medo demais de reconhecer anteriormente. Então a conversa com Deus sobre isso começa. Ela conduz o ser real a verdadeiramente desejar e - em seu desejar tudo o que é bom, belo e verdadeiro - isto mais rápida e maravilhosamente ajusta-se à imagem de seu Criador.

Na "oração de escuta" obtemos o espaço e tempo sagrados necessários para travar amizade com nossas emoções - aquelas que foram frustradas ou atrofiadas no passado, ou temidas e rejeitadas, portanto, reprimidas. Nossas emoções de ira, luto, gozo, amor, vergonha, como também os desejos mais profundos reprimidos em nosso coração, são trazidos a essa santa conversa com Deus. Na aceitação amorosa de Deus, nosso ser emocional cresce num suave e delicado equilíbrio com nosso ser sensorial e intelectual. Não precisamos mais ser moldados por nossas carências e necessidades emocionais, mas as veremos curadas.

No momento dessa conversa com Deus abrimos, o mais possível, nosso coração ao Senhor. O tempo todo Ele já sabe o que há ali e do que nós precisamos. Agora a nossa *vontade* está sintonizada com a vontade de Deus, e consentimos em entregar a Ele o que antes escondíamos cuidadosamente em nosso coração. Agora estamos prontos para aquele momento mais importante da oração. A verdadeira oração, como tudo que faz parte do que é *real*, encarnacional; ou seja, para recebermos a vida de Deus. Pedimos a Ele que entre mais plenamente, e encha todos os espaços de nosso ser (especialmente aqueles que acabamos de esvaziar) com Sua própria presença. Este é o momento para:

"...deixar fluir em nós a outra vida, maior, mais forte, mais silente... Podemos fazê-lo apenas por alguns momentos, a princípio. Mas a partir desses momentos a nova espécie de vida se espalhará em nós porque estamos permitindo que Ele opere sobre aquela parte certa de nosso ser."

Poucos aprendem a ouvir a palavra curadora de Deus sem, antes, terem passado, de uma forma ou outra, por uma trágica situação-limite. Aleksandr Solzhenitsyn, que mais tarde escreveria "Uma palavra de verdade tem mais peso do que o mundo", vivenciou essa palavra, primeiramente, quando estava no horror de um acampamento de prisioneiros do comunismo. Naquele lugar insuportável ele encontrou, pela primeira vez, o tempo e a inclinação para ouvir a Deus e ao seu coração. Ele, mesmo sendo comunista, estava sob o peso das palavras do mundo, da carne e do diabo e do mundo comunista em particular. Enquanto aprendeu a escutar, *o verdadeiro* Aleksandr Solzhenitsyn veio à tona, um evento pelo qual todos nós temos que ser gratos, porque ele é alguém que ouve bem a palavra da verdade e testemunha com poder a todo o mundo sobre aquilo que ele ouve. Naquela solidão e sofrimento forçados, ele foi erguido acima do pensamento da era e assim pôde clamar: "Abençoada prisão, por ter feito parte de minha vida!"

"Conheça-te a ti mesmo!" Nada ajuda e assiste tanto o despertar da Onisciência conosco que há em nós quanto os insistentes pensamentos sobre nossas próprias transgressões, erros, enganos... e é por esta razão que me volto para os anos de minha prisão e digo... "Abençoada prisão" ...Eu nutro minha vida ali. "Abençoada prisão, por ter feito parte de minha vida!"

Ele é hoje um dos poucos grandes profetas clamando a um mundo que luta em sua rede própria de mentiras, cego e surdo.

Na "oração de escuta", permanecemos cômicos não só de nossa primeira identidade, de ser filhos de Deus, mas também, de nossa identidade secundária, de sermos pecadores. Na Sua presença reconhecemos os falsos eus e deixamos que eles caiam de nós como velhas capas ou cascas endurecidas. Não precisamos mais praticar a presença daqueles falsos *eus*. O apóstolo Paulo descreve da seguinte forma:

"Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte;

mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis. "
(Romanos 8.12-13)

O verdadeiro eu, assim, continuamente reconhecendo sua identidade secundária como a de um pecador, permanece livre para se mover sempre a partir daquele centro em que habita Cristo - ou seja, nossa identidade primária. Esse ser reconhece que ser cristão, se não fizer a pessoa melhor, poderá fazê-la muito pior:

"Pois o Sobrenatural que entra na alma humana, abre para si novas possibilidades de bem e mal. Do ponto em que a estrada se divide em duas: um caminho para a santidade, humildade, o outro para o orgulho espiritual, autojustiça e zelo perseguidor. Não há caminho de volta para a chatice da alma não despertada."

Solzhenitsyn, sofrendo de câncer abdominal e deitado sobre feno podre no ambulatório hospitalar de sua prisão, descobriu essas duas identidades, essa característica de estar quebrantado, dentro de todos os homens:

"Aos poucos foi-me revelado que a linha que separa o bem e o mal não passa através de estados, ou classes, nem entre partidos políticos - mas por meio de todo coração humano - e através de todos os corações humanos. A linha se move. Dentro de nós, ela oscila com o passar dos anos. Ainda dentro de corações vencidos pelo mal, se retém uma pequena centelha de bem. E ainda no melhor dos corações, permanece um pequeno canto desarraigado de mal".

Conforme cito em outro livro:

"O orgulho é o grande pecado, o que leva a todos os demais vícios, e pode surgir dentro dos redimidos com resultados muito mais desastrosos do que nos não redimidos. O ser não redimido é aquele que deseja ser separado, autônomo, coloca a si mesmo em primeiro lugar. O mesmo livre arbítrio que torna possível tal mal para começar, pode, em qualquer estágio da vida espiritual, deixar de escolher o bem e

escolher novamente a si mesmo. João, na Volta do Peregrino, encontra-se morrendo muitas mortes e aprende que morrer é o único escape da Morte. Nossa fuga da Morte consiste em grande parte de aprender a morrer diariamente para com o "velho homem" e em atos regulares de arrependimento seguido por recebimento do perdão de Deus".

E é somente na oração que escuta que conhecemos nosso próprio coração, e portanto, o que devemos confessar.

O conflito e a luta são elementos importantes em nossa metamorfose como pessoas. Como ministros precisamos aprender a nunca interromper, por simpatia ou empatia mal-direcionada, o processo doloroso pelo qual uma alma está sendo despertada de seu estupor e estado de morte. Isso muitas vezes é feito nos círculos cristãos quando encorajam a pessoa a "se inclinar" para si mesma! Mas jamais poderemos retirar a solidão de uma pessoa. Henri Nouwen fala poderosamente sobre essa desilusão da atualidade:

"Existe muito sofrimento mental em nosso mundo. Mas parte dele é sofrimento pela razão errada, porque nascido da falsa expectativa de que somos chamados para afastar a solidão um do outro. Quando nossa solidão nos afasta de nós mesmos para os braços de nossos companheiros de vida, estamos, de fato, nos levando para relacionamentos extremamente doloridos, amizades cansativas e abraços sufocantes."

Nossa tarefa pastoral é ajudar cada pessoa necessitada a enfrentar sua solidão interior e ali começar a ouvir a Deus e ao seu verdadeiro eu. Cada um de nós, não apenas os que foram mais visivelmente feridos pelas trevas do homem e no mundo, tem de enfrentar a solidão interior e separação de Deus e daí iniciar a obra rigorosa mas severamente magnífica de converter o "deserto de solidão" dentro de nós no espaçosamente belo "jardim de solitude" de onde emerge o verdadeiro eu. Este é o "eu" capaz de amizade, capaz de comunhão cristã. Sua identidade não está mais na criatura.

Em vista da luta diante de todos os homens, nós, como ministros, não podemos desmaiar nem desanimar quando alguém a quem vimos chegar tão longe tiver o que vemos como um episódio ou uma queda quase irreparável de volta ao antigo eu e seus caminhos. A lagarta que será borboleta nos dá um maravilhoso retrato da luta que cada alma precisa passar em sua transformação. É doloroso ver a lagarta lutar dentro de seu casulo num esforço para emergir. Mas se tomarmos tesouras e cortarmos o topo do casulo a fim de facilitar sua saída, a borboleta jamais voará. É na luta contra sua casca, seu "ser exterior", que suas asas se desenvolvem e se tornam fortes. Então, de um humilde verme, que se enche de comida o dia todo e arrasta a barriga pelo galho de uma árvore, ele se transforma em uma linda criatura que voa, cujas asas levam as cores e os desenhos de uma mão onipotente. Há ocasiões, antes dela sair, em que sua luta cessa por um tempo e nós nos perguntamos se teria desistido de sua obra dolorosa, ou mesmo, morrido dentro de seu casulo tecido. Às vezes é assim com pessoas pelas quais oramos.

No caso de pessoas que estão sendo curadas de sérias neuroses sexuais, os pastores podem rapidamente entrar em pânico ou desanimar quando, por um momento, a pessoa volta aos velhos padrões e mecanismos de defesa. Mas quando escutam a Deus em favor do sofredor que procura ajuda, receberão a *palavra de sabedoria, conhecimento e exortação, necessárias para ajudar aquela pessoa a, uma vez mais, buscar a presença de Deus, a ouvi-Lo e a continuar o processo de tornar-se o que*

Deus quer. Essa pessoa, por um momento parou de lutar na posição vertical, de escuta, liberdade, e se retorceu de volta à posição de criatura.

As pessoas, por exemplo, libertadas de severas neuroses lésbicas ou homossexuais, mas que ainda se encontram no processo de aceitar a si mesmas, podem ser rápida e poderosamente vencidas pela compulsão "canibal" (ver capítulo 3). Esta é uma projeção excessivamente forte sobre si que elas não conseguem reconhecer em outra pessoa de seu próprio sexo. Sem ajuda pastoral essas pessoas

não percebem o que está acontecendo, assim como não conseguem ainda reconhecer e aceitar os atributos não afirmados e não integrados de sua própria personalidade.

Uma jovem, cuja cura foi nada menos que milagrosa, é um exemplo disso. Enquanto ainda estava no processo de auto-aceitação e de aprender a relacionar-se de modo significativo com outras pessoas, entrou em contato íntimo com uma mulher que espelhava seus atributos ainda não afirmados. Na verdade, essa mulher era muito semelhante ao que a jovem desejava ser quando estivesse funcionando plenamente conforme a vocação dada por Deus. Não conseguindo reconhecer o mecanismo de projeção na sua imediata atração para com a mulher, seu "amor" tomou primeiro a forma de uma mão ajudadora, depois, de um braço protetor e, finalmente, de um amor materno devorador.

Acabou numa volta *deliberada e*, em suas próprias palavras, *iradamente rebelde* reabertura de mente à antiga compulsão para o lesbianismo, uma conclusão previsível para sua projeção não refreada. Sua queda foi traumática - do que se arrependeu imediatamente de todo o coração. Mas foi também trágica em termos da perda da amizade daquela mulher e de outras amizades, como também de sua posição profissional, e de tudo que importava muito para ela e refletia largos passos para fora das trevas mentais e emocionais. Embora ela tenha perdido muita coisa que lhe era preciosa, hoje ela é mais sábia. E ganhou novas e ainda mais fortes asas para voar.

Há também aqueles que foram libertos de neuroses lésbicas e homossexuais mas ainda se encontram no processo de cura da ansiedade de separação ou outras neuroses de carência severa, que podem ser poderosamente vencidos pela necessidade de ter os braços de outra pessoa ao redor. Talvez digam algo como o jovem que me escreveu: "Eu não queria mais nada 'de pura pornografia'. Só queria estar nos braços de alguém, queria o abraço apertado de alguém me segurando". Aqui a necessidade não era dos braços de outro homem, mas do "dom do bem-

estar", algo que ele nunca teve nos braços da própria mãe. Ser abraçado e beijado por outro homem só complicaria ainda mais a sua confusão simbólica. Até mesmo ele, carente como está, reconheceu isso e disse dessa experiência: "Era uma tentativa estranha tipo, meio pai, meio amante que me deixava pensativo". E ele faz bem em estar pensativo sobre essa perigosa espécie de consolo e em fugir dela, pois isto o impedirá de continuar a enfrentar a solidão interior e de convidar Deus a penetrar nela. O Seu amor, inundando aquele abismo de pavor e carência, completará a cura necessária. Mas a obediência (a posição vertical) é essencial. Só então Deus opera a obra completa.

Sei o quanto a palavra *obediência* parece assustadora e cheia de culpa ao sofredor homossexual, que há muito sofre dor mental e emocional (literalmente odiando a si mesmo) enquanto luta - sem fim e sem recompensa, perdendo batalha após batalha - contra suas estranhas tendências e compulsões interiores e contra tentações repulsivas e assustadoras a ele e a outra pessoa qualquer. Muitas vezes ele tem orado, orado, orado e ainda permanece atormentado e não transformado.

Por esta razão, muitos que oram por tais sofredores não têm enfatizado que a atividade homossexual é pecado, mas preferem enfatizar a doença psicológica que também geralmente é. Mas como muitos tentam justificar a atividade homossexual, é necessário que enfatizemos o fato de que ela é pecaminosa, é pecado, e que a obediência à vontade revelada de Deus é na verdade uma felicidade. Somente nessa obediência pode o sofredor se libertar dessa forma doentia de amor.

O profeta Isaías clama a Deus: *'já ninguém há que invoque o teu nome, que se desperte e te detenha; por que escondes de nós o teu rosto e nos consumes por causa de nossas iniquidades "* (Isaías 64.7). Pastores e conselheiros dentro do cristianismo que aceitem e acobertem a homossexualidade em vez de curá-la estarão entregando o indivíduo ao poder consumidor de seu próprio pecado e mal. Ademais, isto é tornar-se parte do pecado.

Somos a família da fé somente enquanto estamos em obediência a Cristo. Este

não é um Evangelho de obras, mas de amor. Aquele que ama a Jesus Cristo, conforme ensinam as Escrituras, *O obedece*. As mãos de cura de Cristo estão atadas, na mesma medida de nossa escolha de não habitar n'Ele, antes, permanecendo em outro espírito muito diferente, do de rebeldia e desobediência. Rebeldia gera toda espécie de confusão.

Não há espaço aqui para a mente dobre. Ou obedecemos a Deus nesta questão, ou somos entregues a uma mente réproba. Sabemos que Deus declarou como iníqua a atividade homossexual, o que leva a alma à condenação e ao inferno. Como pastores e conselheiros, precisamos ajudar essa alma a se desviar daquilo que a está matando. Ensinar obediência é a coisa mais amável que podemos fazer por ela.

A Oração de Escuta é Essencialmente Ligada à Verdadeira Imaginação

A experiência verdadeiramente imaginativa é uma intuição daquilo que é Real. Em seu nível mais alto, é a experiência de receber de Deus, quer por palavra, visão, ou (maior de tudo) a encarnação ou plenitude do Espírito Santo. A faculdade no homem que apreende o real, ou seja, reconhece a Presença de Deus e em adoração escuta como criatura maravilhada e obediente, é o órgão intuitivo que a Bíblia denomina de coração.

A Faculdade que o Coração Tem de Fazer Retratos Não é em Si a Verdadeira ou Mais Elevada Imaginação

Temos de enfatizar o fato de que essa faculdade do coração de retratar não é em si mesma a verdadeira ou mais elevada imaginação. Os retratos são a linguagem do coração e como ícones, são meras imagens pelas quais o Real deverá brilhar. Se a imagem for entendida com o Real, ela torna-se um "ídolo mudo". A capacidade do coração de simbolicamente imaginar o que intui deve ser diferenciada da própria intuição.

Quando o anjo do Senhor apareceu num sonho a José e disse: *‘José, filho de*

Davi, não temas tomar a Maria como esposa. É pelo Espírito Santo que ela tem concebido esta criança" (Mateus 1.20), o coração de José intuiu corretamente tanto a presença do anjo quanto sua mensagem. Se ele tivesse tentado tornar literal o que viu dizendo "Todos os anjos se parecem com aquele que apareceu a mim em sonho" ele teria se enganado quanto ao modo da mente consciente ver, pelo modo como vê o coração. Poderia até mesmo ter perdido a verdadeira mensagem numa tentativa de torná-la analiticamente lógica. Quando o anjo Gabriel foi enviado a Maria, ele foi à cidade de Nazaré, na presença de Maria e disse: *"Salve, mais favorecida! O Senhor é contigo"* (Lucas 1.28). Ela intuiu corretamente a presença e a mensagem de Gabriel. Como seu coração retratou o que não viu é outra questão.

A capacidade do coração de ver o que é verdadeiro e real através daquilo que é invisível ao olho físico não é bem compreendida numa época em que os modos conscientes e analíticos de saber são valorizados excluindo os demais. Ambas as formas de saber são importantes, e complementam uma a outra. Ambas são essencialmente importantes para a fé, a arte e o bem da razão.

Para a maioria de nós a palavra "imaginação" é muito vaga...

"O dicionário a define como sendo `a ação... de formar imagem mental ou conceito daquilo que não está presente aos sentidos'. Outra definição denota a própria faculdade imaginativa pela qual essas imagens ou conceitos são formados. Uma terceira definição se refere ao `poder que tem a mente de formar conceitos além dos derivados de objetos externos (a imaginação produtiva)'. Esse poder se refere não apenas à fantasia, mas, mais importante, ao gênio criativo ou poético, "o poder de formular novos e marcantes conceitos intelectuais".

Essa última definição, ao se referir ao gênio criativo ou poético, se aproxima de nossa definição da verdadeira ou mais alta imaginação. Este é o nível de maravilha poética e é, como veremos, intimamente ligado à adoração religiosa.

"Há diversos níveis no verdadeiramente imaginativo, e devemos diferenciar

entre aquilo que começa como mera maravilha poética e aquilo que inclui a adoração religiosa. Semelhantemente, intuímos o real em pelo menos três níveis - os reinos da natureza, do sobrenatural e a Real Presença de Deus. A maravilha é diferente como diferem as *espécies* de realidade a ser intuídas, embora a Realidade Absoluta, na Pessoa do Espírito Santo, possa entrar em qualquer um das três.

É no Objeto, aquilo que invoca a maravilha, que está a diferença. 'A forma do desejado está dentro do desejo'. Quando os céus se abriram 'no trigésimo ano, no quarto mês, no quinto dia do mês' e o profeta Ezequiel viu 'visões de Deus', ele caiu com rosto em terra em maravilhada adoração. No meio disso ele ouviu a Voz dizendo: '*E quando ele me falou, o Espírito entrou em mim e me colocou sobre meus pés*'. Ezequiel foi então habitado pelo Objeto. Esta é a maravilha religiosa, e seu Objeto inspirador era o próprio Deus.

Na maravilha poética o artista vê, com sua recém-nascida intuição, uma folha de grama ou uma gota de orvalho como ela realmente é. Sua experiência é diferente da de Ezequiel porque o objeto que dá lugar a essa maravilha é diferente. Mas os paralelos estão aí. Olhando o objeto, o artista esquece a si mesmo e ao amar aquilo que ele vê ele se torna totalmente 'absorto' nele. Possuído pela idéia criativa, ele se sente compelido a transpô-lo de forma material. Esta é uma maravilha poética, capaz em qualquer momento de tornar-se mais do que maravilha poética.

Muitas vezes é com uma sensação de profundo maravilhamento que o artista, ou o místico, percebe as verdades do sobrenatural, ou, num nível mais elevado, de Deus. Então, às vezes, prostrado de rosto em terra pelo que sente ser sua total incapacidade, ele procura transmitir sua visão. Também há sempre uma lacuna entre aquilo que é visto e ouvido e aquilo que é finalmente registrado - seja sobre tela, na pedra, na poesia, na melodia. Para quem não é artista ou místico parece incrível que o próprio Michelangelo se achava desajeitado e que Isaías, quando viu o Senhor sentado em Seu alto e exaltado trono, sentiu-se perdido, um homem de lábios impuros. Ainda assim, é na humildade e no deslumbramento, e com um apelo por

encarnação, um pedido de capacitação para ser um servo, que o artista, o sacerdote ou o místico, vêem o Real e desejam capturar ao menos um vislumbre dele em sua arte ou ministério, no trabalho de suas mãos e como se fosse, sacramentalmente, pela bênção de suas mãos. Através disso o transcendente e eterno brilha sobre o humilde e finito. Vemos que há dentro das montanhas, estrelas e mares, o eterno esplendor, ritmo e a melodia inerentes ao próprio tecido do universo, dentro do indivíduo, um universo envolto em forma humana; dentro do cálice da comunhão, o sangue e corpo vivo de Cristo".

Vemos, assim, que uma intuição da Presença Real difere somente em grau da repentina intuição de uma verdade na Natureza ou mesmo no sobrenatural (ou seja, a maravilha luminosa que se esperaria na presença de um anjo ou qualquer ser criado sobrenatural).

"Mas o meio pelo qual vem a revelação e natureza intuitiva e experimental do *conhecimento* é muito parecido".

Ver o Invisível com os Olhos do Coração

Nosso único caminho para a realidade, conforme disse C. S. Lewis, é por meio da oração, sacramento, arrependimento e adoração - ou seja, pelo modo que o coração profundo conhece. Muito se tem dito neste livro sobre ver com os olhos do coração como parte importante desse *conhecer* e como parte importante da oração.

Oswald Chambers compreende a necessidade do coração firmar os olhos em Deus, e o intercâmbio que começa entre Deus e o homem quando isso acontece. Comentando sobre

Isaías 26.3: "*Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme, porque ele confia em ti*", Chambers diz:

"A sua imaginação está firmada em Deus ou ela está faminta? A fome da imaginação é uma das fontes mais frutíferas de exaustão e vazio na vida de um

obreiro. Se você nunca usou sua imaginação para se colocar diante do Senhor, comece a fazê-lo agora. Não adianta esperar que Deus venha a você: você tem de guardar sua imaginação dos ídolos e olhar somente para Ele e ser salvo. A imaginação é o maior dom que Deus nos deu e ela deve ser dedicada inteiramente a Ele. Se você tem levado cativo todo pensamento à obediência de Cristo, será uma das maiores vantagens à fé quando vier a provação, porque sua fé e o Espírito de Deus trabalharão juntamente".

Fazendo comentário de Isaías 40.26: "Levantai ao alto os olhos e vede. Quem criou estas coisas? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais ele chama pelo nome; por ser ele grande em força e forte em poder, nem uma só vez vem a faltar", Chambers diz:

"O povo dos dias de Isaías havia deixado suas imaginações morrer de fome por olhar a face dos ídolos, e Isaías fez com que olhassem para o céu, ou seja, fez com que comessem a usar corretamente sua imaginação...

O teste da concentração espiritual é trazer a imaginação ao cativo. Sua imaginação está olhando para a face de um ídolo? Esse ídolo é você mesmo? Seu trabalho?... Se a sua imaginação estiver faminta, não olhe para sua própria experiência: é de Deus que você precisa. Saia de si mesmo, longe do rosto de seu ídolo, longe de tudo que tem estado deixando sua imaginação faminta. Desperte, tome a palavra que Isaías deu ao povo, e deliberadamente volte a sua imaginação para Deus.

Uma das razões de orações secas é que falta imaginação, falta poder de colocar-nos deliberadamente diante de Deus... A imaginação é o poder que Deus dá ao santo de se colocar fora de si em relacionamento que jamais teve antes."

É profunda e verdadeira a percepção de Chambers quanto ao modo do coração ver e conhecer. É por isso que ele foi um dos grandes escritores de devocionais do século vinte.

Ouvir a Deus Está Essencialmente Relacionado com os Dons do Espírito Santo

A oração por cura psicológica (como também do espírito e corpo de uma pessoa) só pode ser compreendida em relação aos "dons espirituais", o termo que traduzimos do grego como dons do Espírito Santo. Ministrando nessa espécie de oração é nos movermos dentro de um ou outro - dos dons de cura do Espírito. Quando fazemos isso em nome de Jesus, *e enquanto o ouvimos*, ele nos dá a "palavra de sabedoria", a "palavra de conhecimento", a fé sobrenatural e tudo que é necessário para ver a pessoa purificada e sarada.

Esses dons *espirituais* (1 Coríntios 12.4-11) como também todos os frutos do Espírito (Galatas 5.22-23) residem em Deus e têm a ver com Sua presença conosco e dentro de nós. Há Outro que vive em mim. Ele tem o Espírito sem medida. Com Ele estão todos os dons e todos os frutos do Espírito. Porque Jesus, o próprio Dom de Deus, vive em mim, os dons e frutos de Sua vida estão presentes e podem irradiar através de mim. Tenho portanto o poder de Sua Presença habitadora para curar em Seu nome. Trazemos outros à Sua Presença e os vemos curados. Então os ensinamos a praticar a Sua Presença que é "ver" com os olhos do coração, "ouvir" com os ouvidos do coração, Àquele que está com eles, o Verbo que jamais parou de Se comunicar com Suas criaturas a quem ama, e chama de filhos. Assim os ensinamos a ouvir e andar com o Criador e Salvador para que a cura continue, e para que eles também se tornem canais de Sua vida para outros.

Nós os trazemos para o que foi maravilhosamente denominado de "A Grande Dança". É a dança divina de relacionamentos sarados. Imaginemos por um momento essa grande dança. É o amor que flui do Não Criado para o criado, e de lá para todos os demais seres criados. Continuar a receber do "brilhante metal" que está sendo derramado em cada criatura, cada criatura tem de se tornar canal do Seu amor para as demais, pois é na natureza desse amor que deve fluir. Em virtude desse amor que flui através d'Ele é que o homem começa a abençoar e nomear seus pares, trazendo

à tona o verdadeiro "Eu", e começa a abençoar e dar nome aos bichos, às plantas e até mesmo à criação inanimada. Se permitirmos que nossa imaginação tenha liberdade, podemos "ver" a cada pessoa se entregando inteiramente, em perfeita obediência, ao ritmo divino que flui através de todos os dançarinos, dando as mãos com a pessoa à sua direita e à sua esquerda até que todos estejam de mãos dadas. Vemos, então, que estão de alguma forma rodeando toda a Criação, e que toda a Criação está sendo levada para dentro deles. O ritmo que flui entre eles é energia divina, e nossa imagem final é de toda a Criação pé ante pé plena de gozo.

Ouvindo nossos sonhos

A pessoa que sofre de crise é invariavelmente separada de uma parte válida de homossexual ser. Os sonhos, uma vez que tenhamos aprendido a ler sua mensagem simbólica, podem nos ajudar a reconhecer a parte de nós da qual estamos afastados. A fim de demonstrar que a oração pela cura da crise de identidade homossexual não é muito diferente de oração pela remoção de qualquer outro bloqueio psicológico, quero contar uma parte de minha história pessoal, conforme a relatei para Mateus. Como no caso de Mateus (capítulo 3), Deus usou sonhos para mostrar-me a *de mim mesma que eu não parte De início Mateus estava Muito 1 surpreso pelo que seu homossexual, sempre recorrente, realmente significava: ele olhava para outro jovem atraente e estava de fato amando uma parte perdida de si mesmo - parte que ele não conseguia reconhecer ou aceitar. Parecia quase bom demais para ser verdade que, através da oração, Cristo estaria trazendo-o para um relacionamento com essa parte perdida de si mesmo. Esta era, afinal, a primeira chance que ele tinha de analisar a linguagem simbólica dos sonhos, bem como, a primeira vez que fora desafiado a acreditar que poderia haver mais em si do que já havia percebido ou aceito. Eu estava tão feliz em exemplificar como tudo isso poderia acontecer e o fiz contando uma história de minha própria*

vida.

Iniciei com uma oração de cura entusiasmado e cheio de fé, pois, Deus, havia me curado do bloqueio de escrever - que, assim como no caso de Mateus, só se dissolveu depois que recebi iluminação por meio de cura de memórias e de uma série de sonhos. Esse bloqueio levou-me, para minha surpresa, a separar-me da parte de mim que pudesse ou quisesse escrever um livro para ser publicado.

Certamente o livro estava dentro de mim, e exigia ser escrito. Madeleine L'Engle, autora de muitos excelentes livros, expressou isso desta forma: "Um livro surge, agarra a minha saia e não me larga até que eu o tenha escrito". C. S. Lewis comentou que estava "gestando um livro", algo muito significativo para quem tem em si um livro, uma poesia, uma pintura ou outra obra de criação e ao mesmo tempo sofre a agonia de um bloqueio para a expressão correta do mesmo. Pior, para mim, era a plena convicção de que o Senhor havia mandado que eu escrevesse, e esperava que eu o fizesse. Por longo tempo, eu orei: "Senhor, como posso fazer isso? Estou ocupada demais e não sei o que poderia deixar de fazer". Mas não me veio nenhuma segurança de que isso fosse uma desculpa válida – apenas, o conhecimento manso e inquietante de que Ele esperava que eu o fizesse.

Na certa eu andava ocupada - lecionava para duas turmas de inglês de primeiro ano de faculdade, estava trabalhando em meu mestrado, e conduzia um ministério de cura - sem falar de meu envolvimento na Igreja local. Qualquer pessoa envolvida num ministério de cura permanece ocupada em casa... e longe dela. Minhas desculpas por não escrever o livro pareciam ter todo um raciocínio lógico. Mas aos poucos, à medida que eu pedia a amigos "por favor, orem por mim para que eu consiga obedecer e realizar essa coisa", comecei a perceber que eu tinha um bloqueio psicológico - que algo além do que eu compreendia conscientemente estava me impedindo de escrever o livro que já estava completo dentro de mim e clamando por expressão. Eu, como Mateus, não conseguia reconhecer uma parte de mim da qual estava dolorosamente afastada, e precisava de oração para ser

capacitada a *aceitar o meu "lado escritora"*; essencial para eu realizar o que Deus me pôs nas mãos para fazer.

“Bendigo a Deus que me aconselha; pois até durante a noite o meu coração me ensina” (Salmo 16.7). Isto declara Davi, o rei pastor de Israel, e ele bem podia estar falando de sonhos neste versículo. Portanto, descreverei uma série de seis sonhos que me trouxeram face a face com a escritora dentro de mim. Nesses sonhos, ela (escritora) surgia do fundo de minha mente e se apresentava à minha surpreendida atenção consciente. Apareceu primeiro como uma figura feminina *despreparada*. Mas que contemplava um salto por sobre um riacho cheio onde, certa vez, houve uma ponte já, há muito, derrubada. Contra todas as chances, ela saltou e foi grave, talvez, fatalmente ferida, no pulo que deu. Este e outro sonho revelaram a ferida de infância na qual estava arraigado o bloqueio.

Em outro sonho, ela apareceu como uma figura preparada para atravessar um rio perigoso, mas com medo de ser exposta. Em outro, ainda, ela apareceu como dançarina acrobata, habilidosa mas ainda temerosa de ser exposta. Finalmente, ela apareceu como um equilibrista andando sobre um arame que saltava com perícia e precisão, exposta, mas não temendo mais tal exposição. Os sonhos são terrivelmente francos e meu medo de ficar exposta foi simbolizado por eu estar pouco vestida - algo não raro entre artistas de dança ou acrobacia. Com a última imagem, a escritora (que necessariamente se expõe) e eu nos juntamos. A compreensão disso, juntamente com a oração, trouxe-me uma cura incrível.

Os sonhos a que aludi brevemente acima, revelaram que o temor de exposição estava arraigado nas conseqüências sofridas por minha família com a perda de meu pai. Note que foram as conseqüências, e não a própria perda, pois enquanto eu compartilho um pouco mais, eu já tinha sido curada de minha reação à sua morte repentina: aquele sentimento de ter sido profundamente, por ele, rejeitada. Ele morreu logo depois que completei três anos de idade, deixando minha mãe, a mim e minha irmã de dezoito meses, expostas e, por muito tempo, jogadas no mundo e

incomodando a terceiros em busca do abrigo de que precisávamos.

No primeiro sonho, a ponte sobre o rio da vida tinha sido derrubada e a menina se ferido ao tentar saltar o rio. Meu pai havia sido aquela ponte, e a inundação da morte o levava embora. Que eu experimentara sua morte como rejeição pessoal estava escondido de meu consciente, tanto quando criança e ao longo dos demais anos de adulta. Foi assim, ainda que através da minha infância e vida adulta eu tivesse o sonho recorrente de procurar meu pai, de achar seu caixão, de esperar contra a esperança que ele pudesse estar vivo. Mas essa perda de meu pai não formava parte desses seis sonhos. Eles revelavam o medo de exposição junto aos profundos sentimentos de inadequação e inferioridade como consequência direta de não ter pai. A menina dentro de mim sentia que tudo isso estava ligado, intimamente, à escritora dentro de mim.

Diferente de Mateus, eu não estava projetando uma parte de mim sobre outra pessoa e irracionalmente amando a mim mesma naquela pessoa. Mas estava, como ele, conseguindo negar uma parte válida de meu ser - a parte que havia reagido com profunda dor à morte de meu pai, e a perda resultante do amor e da segurança que só ele podia trazer a minha mãe, minha irmãzinha, e eu. Nas tentativas de sobrepujar a perda, eu, como qualquer bom estóico, simplesmente negava que houvesse esse sentimento. Firme e consistentemente eu negava em minha vida a garotinha que admitisse seu medo de rejeição e exposição, inadequação e inferioridade, pela ausência de um pai. Era ela quem tentava saltar o rio em vez de admitir a falta da ponte que tornava isso impossível.

Tive, portanto, de confessar o meu orgulho. Os sentimentos de inadequação e inferioridade (como aqueles de presunção e superioridade), não importa de que ferida psicológica provenham, são, em última análise, arraigadas naquele pecado. Uma parte importante, tanto da cura de Mateus como a de Lisa, tinha a ver com o reconhecimento de seu pecado de orgulho. Creio que por trás de todo bloqueio de escritor, na verdade, no fundo de toda necessidade de cura psicológica, é necessário

confessar: "Senhor, existe uma parte de mim que nunca confessou sua necessidade, seu orgulho, e portanto essa parte de mim ainda está procurando adequação sem Ti, ainda temerosa e incapaz de depender plenamente de Ti". Quando os sonhos me revelaram essa condição, teria sido fácil continuar a negar esses temores (como eu tinha feito anteriormente em toda minha vida), em vez de confessá-los a Deus. Na verdade, se eu não tivesse escrito imediatamente o que estava passando a compreender, poderiam ter voltado ao inconsciente e se perdido como se jamais tivessem vindo à tona.

A confissão de pecados e o recebimento de sua absolvição é a chave para a cura da alma, e por esta razão não existe poder para cura da alma como o poder que emana de Cristo. Essa cura flui para o nível mais profundo de consciência, e a cura dessas memórias revela as raízes mais profundas e verdadeiras de nossos problemas de relacionamento com outros e conosco mesmos. Fui assim curada do bloqueio para escrever e pouco depois completei e publiquei meu primeiro livro.

O Mecanismo de Projeção

Toda rejeição da qual não fomos curados, nós projetaremos sobre outra rejeição. É óbvio que somos, por vezes, objetos dessas projeções como também os perpetradores das mesmas. Em qualquer caso, esses mecanismos são rapidamente revelados nas orações por cura interior. Mateus precisava maior compreensão disso; assim passei a explicar-lhe como havia acontecido no meu caso.

O mecanismo de projeção talvez estivesse operando em mim não, como no caso de Mateus, uma projeção sobre outra pessoa das partes em mim que eu não aceitava, mas, como projeção da rejeição geral que eu experimentara com a perda de meu pai. É provável que, como criança, esse trauma inconsciente tenha encontrado uma saída consciente nos meus sentimentos a respeito da avó que veio morar conosco quando meu pai morreu. Se eu tivesse procurado as causas por trás

do bloqueio de escrever e tivesse chegado apenas ao que meu entendimento consciente pudesse revelar através de uma análise dos eventos no começo de minha vida, eu teria dito "Era *tudo* culpa da Vovó. Ela nunca gostou de mim e certamente jamais estimulou minha tendência de escrever, para a música e para os estudos". Mas embora em parte isso fosse verdade, teria sido na maior parte uma leitura falsa.

Minha avó, uma distinta senhora, camponesa do Sul, era de origem escocesa, do tipo prático e não tolerava "besteira". Minhas tentativas de converter a vida em alguma forma compreensível de arte eram vistas por ela como " vaidade da menina" e - o que me doía ainda mais - uma forma de ser melhor que minha irmã mais nova, a quem ela favorecia muito. Minha irmã, divertida e cheia de vida, totalmente ignorante da existência de coisas como morte e problemas do mundo adulto, era uma criança a quem minha avó amava e entendia.

Embora totalmente inconsciente da negação que operava em minha vida no que concerne a meu pai, eu havia, desde a mais tenra infância, estado dolorosamente consciente das conseqüências de sua morte no que afetou minha frágil e trabalhadora mãe. Ela nascera pesando menos que um quilo e meio, e teve um início de vida muito precário. Jamais teve forças físicas. O principal medo de minha infância era que ela também morresse. Embora ela tenha compensado em muito a fraqueza física com força moral e espiritual e não precisasse de minha proteção, eu interferia em favor dela de todas as formas compreensíveis por minha jovem mente. Eu acabei me convertendo em "mãe de minha mãe", rápida para sentir qualquer perigo ou dificuldade que cruzasse seu caminho. Uma criança assim, séria, emocionalmente envelhecida , com lembrança vívida da morte do pai e consciência do sofrimento da mãe, que tentaria entender a vida interagindo com o mundo adulto - ainda bastante nova e mais tarde *como escritora*-, era aquela que sempre estava contrariando a avó. Essa parte de mim não tinha sido estimulada.

Antes de eu sofrer o bloqueio para escrever, havia experimentado a cura da rejeição mais profunda, causada pela morte de meu pai. Aconteceu na primeira

Escola de Cuidados Pastorais (fundada por Agnes Sanford e seu marido, Reverendo Edgar Sanford) que freqüentei. O grupo que se encontrava lá era composto de pastores, religiosos (professores, freiras, frades, diáconos) e diversos profissionais das áreas médica, de saúde e da educação, todos envolvidos na oração de cura pelos enfermos. Eu estava muito envolvida nesse ministério de cura, e havia encontrado integridade e significado que somente um relacionamento feliz e consagrado a Cristo possibilita. Pela confissão de todos os pecados conhecidos ao longo de minha vida, através da reparação onde necessária e possível, através da recepção - livre e de todo coração - da graça perdoadora de Deus, e através da paciente espera em oração para ouvir o Senhor, eu recebera a cura de toda dor conhecida e até mesmo de minhas decepções.

Mas eu não estava consciente da ferida psicológica (no meu caso, rejeição) que estava por baixo de grande parte de minha necessidade de cura. Acabei tão maravilhada pelo que aconteceu numa oração pela cura de memórias quanto Mateus, sobre o conceito de "por que os antropófagos são antropófagos". Mais importante ainda, quanto ao ministério de cura, foi que o Senhor provou, além de qualquer sombra de dúvida, a importância da oração para a cura psicológica - que Ele não somente pode, como também Se deleita em mostrar e arrancar os traumas raízes, não importando a idade em que foram experimentados. Além do mais, não é algo que *nós* façamos, mas algo que permitimos que Ele faça em nós.

Barbara Shlemon, talentosa líder no ministério de cura, estava fazendo esta oração e a exprimiu cronologicamente, começando no presente e indo para trás até o nascimento e concepção. Quando, em minha vida chegou entre as idades de três anos e dezoito meses, surgiu a mais clara voz no fundo de meu coração dizendo: "Perdoe o seu pai por ter morrido!" Que ridículo, pensei, perdoar o pai porque ele morreu. Mas eu o fiz assim mesmo. O timbre de clarim dessa ordem foi algo do qual jamais me esqueci, muito menos duvidei ou neguei. O fato que as crianças tomam a morte dos pais, não importa como esta tenha ocorrido, como uma rejeição pessoal

foi o assunto que Barbara compartilhou conosco no dia seguinte - exatamente o que Deus me mostrara de modo tão claro.

Vários anos mais tarde, quando eu enfrentava o problema de bloqueio para escrever, meus sonhos revelaram que este estava arraigado, não nessa rejeição que havia sido revelada e curada, mas nas suas conseqüências (medo de ser exposta) que nunca tinham sido *admitidas*. Toda a questão de como eu via minha avó, embora não fizessem parte alguma dos sonhos, foi uma consideração que surgiu dessas duas curas. Seguiu-se então que eu deveria fazer duas perguntas: (1) Quanto da rejeição inconsciente devido à morte de meu pai eu havia projetado sobre minha avó? (2) Será que ela era incapaz de me mostrar amor e afeto porque eu me ressentia dela ter substituído meu pai? (3) As rejeições não curadas nos deixam, em variados graus, incapazes de amar. Será que eu havia sido incapaz de amar minha avó e, devido a isso, causado o abismo entre nós duas? Eu tinha de confessar meu pecado de rejeitá-la.

Quebras nos relacionamentos familiares são trágicos, e uma tragédia para nós duas, creio eu, é que nunca pudemos nesta vida resolver nosso relacionamento. Entendendo e confessando isso, porém, como acontece na cura de memórias, o que falhamos em fazer durante sua vida eu consegui depois de sua morte. Hoje entendo adequadamente a minha avó, pois sei que realmente amo aquela escocesa severa, mas, bem intencionada, que ela foi. Certamente ela está totalmente curada, pois na presença do Senhor, e agora que eu também estou curada, nada há, exceto, amor entre nós.

Os bloqueios para a compreensão da verdadeira história de nossas vidas e nossas necessidades de confissão e absolvição são justamente isso - bloqueios. Assim como o preconceito cego realmente não enxerga a realidade, os bloqueios como os que Mateus e eu tínhamos, são verdadeiras barreiras. Não podíamos vencê-los com esforços conscientes, nem simplesmente rodeá-los ou saltá-los. Esses bloqueios à nossa transformação e utilidade no Reino de Deus, apontam para a

necessidade da Igreja recuperar o conhecimento de como orar efetivamente para sua remoção - noutras palavras, para a nossa necessidade de aprender a orar efetivamente pela cura psicológica. A integridade - e resultante maturidade e liberdade do ser essencial - depende em grande parte da pessoa atingir integridade psicológica. Na verdade, nossa integridade espiritual está mesclada com a psicológica, pois não podemos confessar plenamente nossos pecados de orgulho e falta de amor a não ser que consigamos reconhecê-los.

Existe, é claro, grande virtude curadora na confissão de pecados dos quais não estamos cientes: *"Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que e são ocultas"* (Salmo 19.12). Mas a cura mais completa vem quando conseguimos enfrentar aquilo que estava escondido, confessá-lo especificamente e entregá-lo a Deus. A Sua luz perdoadora e curadora inunda, então, aquela área em nós que esteve em trevas, e nossos pecados são dispersos *"como uma neblina que se dissolve"* (Isaías 44,22). Aquilo que estava ferido e preso é curado e liberto, e encontramos-nos livres das limitações impostas sobre nós por aquele pecado. É sobre isso a cura das memórias.

Sonhos

O coração nos fala em linguagem simbólica e aquilo que está dentro dele emerge em imagens ou retratos simbólicos. No começo eu interpretei erradamente os sonhos que vieram me dizer onde estava meu bloqueio de escrever, cometendo o erro que todos somos capazes de cometer se tentarmos entender nossos sonhos sem conhecer como os sonhos falam. Eu estava tomando meus sonhos literalmente, tentando lê-los na linguagem do racional, da mente consciente. Olhava primeiro para os sonhos, antes de submetê-los ao escrutínio sábio em oração de meus bons amigos Hermann e Lillie Riffel; eu temia que eles estivessem dizendo que eu era uma exibida (como minha avó teria dito). Saltar sobre rios, dançar fazendo acrobacias, andar sobre um arame esticado no alto, como fazem aqueles artistas de circo, seria

algo muito impressionante para mim -, uma mãe e avó bastante recatada e com uma vida um tanto sedentária, devido ao tempo gasto com oração e com atividades acadêmicas.

Também, havia uma ponte muito perto de minha casa: ela foi levada pela torrente de águas quando eu era bem pequena. Ainda está clara em mim a lembrança de segurar firme a mão de minha mãe e fitar surpresa o lugar onde essa ponte estivera, vendo apenas as águas escuras e iradas rugindo e revirando tudo. Mas a ponte e o leito do córrego, traziam a imagem de algo muito diferente dos efeitos literais de uma tempestade de primavera. O sonho de Lisa - de olhar para baixo e ver um negro câncer através dos poros de sua pele - eram a representação de algo diferente do que implicaria literalmente essa figura. Os sonhos de Mateus - de envolvimento homossexual - não podiam ser recebidos como alguém dizendo "Você é homossexual". Hoje em dia, as pessoas, não se dando conta que o sonho fala em linguagem simbólica, podem interpretar perigosamente mal seus sonhos, com resultados nefastos. Mas o perigo é rapidamente vencido quando ouvimos a verdadeira interpretação, pois nosso coração, unido ao Espírito Santo, o confirmará. Por esta razão Herman Riffel pôde dizer:

"Se uma interpretação estiver correta, a pessoa que teve o sonho o saberá... pois o sonho é confirmação daquilo que já sabemos. Portanto, nunca receba uma interpretação de seu próprio sonho que seu coração não confirme."

Mais sobre Sonhos

A importância dos sonhos em ajudar a revelar e interpretar esses bloqueios foi ressaltada nos exemplos dados. As Escrituras testificam, repetidas vezes, a importância do sonho como revelador do coração do homem, como também, como arauto da mensagem com uma palavra de Deus para esse coração. Infelizmente, quando nós modernos, prestamos alguma atenção aos sonhos, geralmente

entendemos mal sua mensagem. Há uma razão para isso. Não compreendemos nossas duas mentes (o racional e nosso coração intuitivo) e suas formas diferentes de saber

"Surgem sérios problemas quando falhamos em entender e apreciar o modo de saber peculiar à chamada mente inconsciente. É a faculdade intuitiva e não o raciocínio, a sede da imaginação criativa, da memória e dos dons do Espírito Santo..."

Essa falha tem suas raízes em nossa herança do pensamento grego, especialmente de Aristóteles. A epistemologia de Aristóteles confinava o modo do homem receber o conhecimento aos dados recebidos através de sua experiência dos sentidos e da razão. Sintetizando a experiência, a razão era vista como sendo capaz de colocar o homem em contato com o real. Dessas duas formas de saber (experiência e razão), ambas pertencentes ao consciente, ele desenvolveu seu primeiro princípio de conhecimento. Descartou, assim, o terceiro caminho de Platão, que incluía os modos de inspiração divina, do poeta e do profeta, do sonho e da visão, e - mais importante de todos - o caminho do amor. Estes, é claro, são os caminhos do inconsciente: a figura, a metáfora, o símbolo, o mito e - com amor - o caminho da encarnação: o caminho que junta mito e fato. Se tivessem mantido essa forma de conhecimento, sem dúvida, nós não teríamos o termo contraditório 'mente inconsciente' no vocabulário atual, pois este na verdade não é inconsciente, mas envolve diversas formas de consciência.

À medida que a Igreja, principalmente através de São Tomás de Aquino, passou a aceitar a epistemologia aristotélica e incorporá-la em sua teologia, a compreensão judaica cristã do coração profundo (a mente consciente e seu modo de conhecer) simplesmente sumiram de vista. Não havia categorias pelas quais reconhecê-lo. Cristãos e não-cristãos igualmente passaram a valorizar exclusivamente o consciente e seu modo de conhecer como superior ao do inconsciente. Isso foi um grande impedimento para o cristianismo ocidental entender a imaginação criativa, como também, suprimiu em grande parte nossa compreensão da obra do Espírito Santo

no homem. Na verdade, o desenvolvimento e a integração do homem todo em sua relação com Deus, com outros homens e com as coisas dentro de si não têm sido plenamente compreendidos em razão de nossa falha em compreender nossas duas mentes".

O sonho, como modo intuitivo de conhecimento, é importante, portanto, como veículo de *revelação*. O que está em nosso coração pode ser revelado à mente consciente. O que está no coração de Deus pode, por meio do sonho, se tornar conhecido em nosso coração e nossa cabeça. O fator mais importante na interpretação dos sonhos, assim, em sua tentativa de compreender a linguagem simbólica do inconsciente, é a completa dependência do Espírito Santo e da Palavra de Deus, e isto, na companhia de outros que são guiados pelo Espírito.

"Cristo prometeu que o Espírito Santo *`vos ensinará toda a verdade'*. Tanto a razão quanto a imaginação do homem (suas formas inconscientes de saber), separados do Espírito Santo, têm falta de graça. Ambos precisam da infusão do Espírito Santo e ambos precisam a sabedoria e o equilíbrio que provém apenas do Corpo habitado e dotado pelo Espírito. Aqui, na comunhão do Espírito Santo, à luz das Sagradas Escrituras, estão tanto a razão quanto a imaginação a serem verificados."

Qualquer sistema de interpretação de sonhos que não pressuponha o que foi dito acima, necessariamente, estará baseado numa visão do homem e de seu inconsciente (na verdade, níveis diferentes de consciência) que difere da visão cristã. Infelizmente, ainda não foi escrito um livro texto que eu pudesse recomendar plenamente como prático e teologicamente saudável. Enquanto isso, é importante estarmos conscientes das pressuposições psicológicas e filosóficas por trás dos escritos existentes sobre o assunto. Por exemplo, sabendo que as pressuposições de Freud são naturalistas (ou seja, ele tem uma visão principalmente biológica do homem e de sua mente), não nos surpreendemos em encontrar a concentração sobre impulsos sexuais na sua interpretação dos sonhos. Também, sabendo que ele

via o inconsciente, mais ou menos, como receptáculo do material não valorizado e, portanto, reprimido da vida, não esperamos que ele o veja como sede da imaginação criativa e dos dons do Espírito Santo. As pressuposições do materialista geralmente são fáceis do conselheiro leigo cristão discernir, mas a maioria dos pesquisadores e escritores sobre sonhos que os leigos lêem não têm essa visão biológica de Freud, mas sim uma visão humanista ou até, de certo modo sobrenaturalista. A necessidade de discernimento e distinção dessas pressuposições sobre o homem e sua mente, de ponto de vista cristão é ainda maior. Isso porque, geralmente, contêm muito mais do que é útil e verdadeiro. O psicólogo Dr. C. G. Jung, por exemplo, provavelmente conhecia mais sobre o "inconsciente" do homem que qualquer outro psicólogo ou filósofo dos tempos modernos. Sabia mais sobre sonhos, tendo-os estudado como cientista a vida inteira. Diferente de Freud, seu amigo e contemporâneo, ele entendia o inconsciente como a faculdade intuitiva para a imaginação criativa, o centro de onde o conhecimento diferente daquele que se obtém pela experiência e sua síntese pode fluir. Mas por mais úteis que sejam os conhecimentos de Jung, ainda temos de manter em mente o fato de que suas pressuposições não eram cristãs - eram gnósticas. Jung se confessa abertamente gnóstico, filosófica e psicologicamente. Ele usou a ponte da alquimia medieval como um caminho para o gnosticismo que escolheu como arcabouço do seu pensamento. O cristão que introduz o pensamento jungiano sem crítica no aconselhamento cristão e na cura faz grande desserviço ao Corpo de Cristo, pois o gnosticismo é, e sempre foi, o maior inimigo do cristianismo. Isto é porque basicamente, e em última análise, é um sistema interpretativo de revelação subjetiva que nega a encarnação e acaba no antropocentrismo e uma visão errada de Deus. Separado da verdade da habitação de Cristo por meio do Espírito Santo no homem, pode acabar em uma interpretação "psíquica" de revelação inconsciente. Com uma interpretação dessas de seus próprios sonhos, Jung via Deus como sendo ao mesmo tempo bom e mau. Se conselheiros cristãos adotarem sem restrições a teoria de estrutura de personalidade de Jung, eles se encontrarão rapidamente tendendo a psicologias

antropocêntricas e humanistas do homem. Não haverá em seu aconselhamento lugar para o poder do Espírito Santo curar, e ao mesmo tempo terão deixado aberta uma porta para falsas revelações.

Oswald Chambers, falando ao cristão, diz:

"Nossa personalidade é sempre grande demais para que a entendamos. Uma ilha no meio do mar pode ser apenas o topo de uma grande montanha. A personalidade é como uma ilha. Nada conhecemos das profundezas abaixo dela, conseqüentemente, não podemos avaliar-nos. Começamos pensando que podemos, mas acabamos reconhecendo que só há um Ser que compreende, e esse é o nosso Criador.

Nosso Senhor jamais será definido em termos de individualismo e independência de um único homem, mas, em termos de personalidade. *'Eu e Meu Pai somos um'*. A personalidade se mescla, e só encontramos nossa verdadeira identidade quando estivermos unidos a outra pessoa. Quando o amor, ou seja, o Espírito de Deus, toca um homem, este se transforma, e não mais insiste em sua personalidade separada. Nosso Senhor jamais falou em termos de individualidade, da posição isolada de um homem, mas em termos da pessoalidade *'para que sejam um, como Eu e meu Pai somos um'*."

Como cristãos, a estrutura de nossa personalidade só pode ser considerada em termos da habitação do Espírito Santo. A nossa é uma visão encarnacional do homem e da realidade: Cristo em nós, a graça, operando *em e através* da natureza. O Espírito Santo, em concordância com a razão do homem, gera o intelecto santo; em concerto com a mente intuitiva do homem, a imaginação santa. Nossos modos de conhecer, consciência e inconsciente, são portanto, maravilhosamente dotados com o poder do discernimento. Podemos traçar uma linha entre a revelação que é espiritual e verdadeira, e aquilo que é apenas psíquico ou ligado a alma. Podemos distinguir a Palavra da Verdade das palavras do mundo, da carne e do diabo.

Notas

Prefácio

¹ C. S. Lewis, "Peso de Glória", em *The Weight of Glory* (Grand Rapids: Eerdmans, 1975), 14-15. (Publicado na Inglaterra sob o título *Transposition and Other Addresses*).

Capítulo 1:

A história de Lisa: memórias reprimidas

² A cura de memórias envolve ministrar os dons de cura do Espírito de Deus. Isso nem sempre tem ficado suficientemente claro em escritos sobre o assunto.

³ *Felácio* é a inserção oral do falo, ou pênis.

⁴ Nem todas as memórias que precisam ser curadas são reprimidas.

⁵ Frase de Agnes Sanford.

⁶ N.E.: Transcrito exatamente como no texto original em inglês. Provavelmente, no traço em branco, Lisa tenha registrado o nome da clínica em que estivera por seis meses, sem obter grandes resultados. A omissão do nome dessa instituição se justificaria por uma questão de ética por parte da autora.

⁷ Acidentes ou circunstâncias totalmente além do controle da mãe podem causar uma quebra assim traumática no relacionamento com seu bebê. (Por exemplo: trauma no parto; ausência da mãe devido a doença ou acidente; num momento de estresse infantil antes dos seis meses, e muitos outros casos.

⁸ Leanne Payne, *Real Presence*. • *The Glory of Christ with Us and within Us* (Grand Rapids: Baker, 1995), 59.

Capítulo 2

Causas da homossexualidade: teorias contemporâneas

⁹ Que dois médicos em uma mesma localidade fizessem o mesmo juízo, especialmente tendo em vista a idade de Lisa, é muito estranho.

¹⁰ “*Propositions on a 75th Birthday*”, New York Times, 24 de abril de 1978

" Ver de Ruth Tiffany Barnhouse, *Homosexuality: A Symbolic Confusion* (New York: The Seabury Press, 1977), recomendado não só por sua concisa e compreensiva percepção e cobertura do próprio problema da homossexualidade, como também por suas análises responsáveis de outros fatores, fora o médico e o científico, que contribuem às exigências atuais de aceitar a homossexualidade como sendo normal, e portanto, psicologicamente saudável e moral. Como pesquisadora e estudiosa responsável, ela expõe os argumentos inadequados juntamente com suas pressuposições e seus dados estatísticos defeituosos, tirando a máscara científica espúria de muito do jargão atual. Além do mais, ela coloca todo o

problema dentro de seu contexto histórico e como psiquiatra e teóloga praticante, ela reconhece quando as diversas questões estão fora do domínio correto, científico e moral. Suas recomendações de leituras adicionais, como também suas notas de rodapé, compõem uma excelente e desejável biografia dos dois lados das questões em debate.

¹² Na verdade esta é uma mensagem que continua a ser mostrada a nós. Descobrimos que estávamos quase sem capacidade de ajudar a uma geração de jovens presa pelas drogas e pelo ocultismo.

¹³ Departamento de Comunicações, Diocese Episcopal de Atlanta, 2744 Peachtree Rd N.W., Atlanta, GA 30305.

Capítulo 3

A história de Mateus: crise de identidade

¹⁴ C. S. Lewis, *Surprised by Joy*. • *The Shape of my Early Life* (New York: Harcourt, Brace and World, 1955), 71.

¹⁵ Veja de Payne, *Real Presence*, capítulo 7.

¹⁶ O ser verdadeiro ou superior é a união do ser com Deus. Participa ricamente d'Ele. Em relação a Deus, esse eu (seja de uma pessoa masculina ou de uma pessoa feminina) sempre foi compreendido como sendo feminino. "O que está acima e além das coisas é tão masculino que somos todos femininos em relação a Ele" (C. S. Lewis, em *That Hideous Strength: A Modern Fairy-Tale for Grown-ups* [New York: Collier, 1962], 316).

¹⁷ Em sonhos anteriores à compulsão homossexual, Mateus sonhara com outros moços, todos admirados por ele e pelas mesmas razões. Nesses sonhos ele se

aproximava deles e lhes dava um leve beijo na boca. Depois de sua cura e muitos anos depois, ele me contou que a fantasia fálica só veio depois, sendo esta uma "vulgarização da fantasia de beijo que surgiu quando ouvi falar mais sobre o homossexualismo".

¹⁸ Pr. Michael Scanlon, *InnerHealing*(New York: Paulist Press, 1974), 51.

¹⁹ Romano Guardini, *The Virtues*(Chicago: Regency Company, 1967),6.

²⁰ Oswald Chambers, escrevendo em *My UtmostforHisHighest* (New York:Dodd, Mead and Co., n.d J, diz "Uma das razões do descrédito na oração é que não há imaginação, nenhum poder de colocar nos deliberadamente a nós mesmos diante de Deus"(10 de fevereiro).

²¹ Mensagem gravada por Agnes Sanford sobre problemas sexuais.

²² Walter Trobisch, *Love Yourself*(Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 1976),8.

²³ Walter Trobisch, *Love Yourself*, 15.

²⁴ Ibid, 14-15.

²⁵ Frank Lake, *Clinical Theology* (London: Darton, Longman and Todd, 1966), 14, 724-28.

²⁶ É por esta razão que a Igreja e os pais, através da história, têm atacado tanto, muitas vezes com falta de sabedoria e compreensão, as brincadeiras sexuais das crianças. A curiosidade em questões sexuais pode rapidamente transformar-se em outra coisa que não mero interesse intelectual. Por exemplo, não é raro orar com alguém que seja abertamente homossexual e descobrir que a lembrança raiz (ou seja, o incidente em que começou a homossexualidade) tenha sido de curiosidade infantil ou adolescente e masturbação e/ ou masturbação em grupo com brincadeiras sexuais.

²⁷ O céu e tudo que contém, conforme Lewis, é de tamanha realidade que os não redimidos (aqueles que escolheram a si mesmos e o Inferno) nunca estarão à vontade no céu. Em *No Grande Abismo* (Editora Mundo Cristão) *The Great Divorce* (New York: Macmillan, 1971), ele retrata aqueles que recusam a redenção como sendo sem substância e até mesmo fantasmagóricos.

²⁸ Ibid, 91.

²⁹ Ver Payne, *Real Presence*, p.125-27.

Capítulo 4

A busca de identidade sexual

³⁰ N.E.: Em inglês, *objectified*.

³¹ Payne, *Real Presence*, p.67-71; 106-8; 122-30; 134, 131-44.

³² N.E.: Leanne Payne é anglicana evangélica. Como tal, ela dá muito valor aos símbolos do Cristianismo. Acredita que estão investidos de muito significado e nos comunicam a realidade espiritual daquilo que representam. Esta é a razão de ao longo do livro existirem referências sobre igrejas e formas de culto que se aproximam do catolicismo.

³³ Payne, *Real Presence*, 146-7.

³⁴ Óleo que, na comunidade Anglicana e Romana, é abençoado pelo bispo e separado especificamente para a imposição de mãos e oração para cura dos doentes de mente ou de corpo.

³⁵ 'Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará' (Tiago 4.10).

³⁶ Existem pessoas que procuram lançar propositadamente tal imagem de si mesmas,

mas sua necessidade é diferente da de José porque estão tentando cristalizar seu fracasso em diferenciar a identidade sexual da de sua mãe. São essas as pessoas que, muitas vezes, não procuram ajuda até que tenham causado grandes danos para si mesmas psicológica e fisicamente. Por exemplo, homens assim poderão procurar mudanças sexuais por meio de cirurgia e drogas hormonais, medidas irremediáveis que muitas vezes lhes são apresentadas antes que elas encontrem a cura de que precisam.

³⁷ Uma rejeição nem sempre precisa ser trazida à percepção consciente para ser curada através da oração. A pessoa conhecerá simplesmente paz e liberdade do problema anteriormente desconhecidas.

³⁸ Nos casos mais severos, conforme veremos no subtítulo "Comportamento Homossexual e lesbiano relacionados com a falha do bebê em atingir um senso adequado de ser", pode deixar a criança incapaz de receber o amor da mãe - uma posição de ser estranho em relação a ela).

³⁹ É também fácil ver como um infante assim podia desejar a morte em lugar da dor envolvida na luta por viver. Existem, por vezes, dentro de tais sofrimentos, um desejo de morte que precisa também ser enfrentado. No caso de trauma de nascimento assentado, existem curas que indicam que a criança *não deseja* nascer e resiste em sair do ventre. Em tais casos, parece haver um *conhecimento* intuitivo do que existe pela frente na plena aceitação da vocação da pessoa na vida. Isso ocorre, conforme Barbara Schlemmon e outros que, como ela, nasceram assentado, e experimentaram essa espécie de cura descrita acima em relação às circunstâncias do seu nascimento.

⁴⁰ N.E.:Esquizoidia: s. f. psiq. - Constituição mental em que se observa tendência à solidão, autismo, devaneio, má adaptação às realidades exteriores.

⁴¹ *Carta* (6 de março de 1956) *a um certo Sr. Masson*, Coleção Wade, Wheaton

College, Wheaton, Illinois.

⁴² Payne, *Real Presence*, 127.

⁴³ Barnhouse, *Homosexuality*, 26.

⁴⁴ Ibid, 2.

⁴⁵ Payne, *Real Presence*, p. 148

⁴⁶ Discurso Nobel, 1973

⁴⁷ C.S.Lewis, *Mere Christianity* (New York: Macmillan, 1964) 94-95.

⁴⁸ Chambers, *My Utmost, for His Highest*.

⁴⁹ Uma escreveu-me mais tarde que esse amor devorador tinha no cerne um "desejo de ser desejada, de ser almejada, idolatrada, adorada, possuída, notada, admirada, junto com o desejo de controlar e possuir".

⁵⁰ Em inglês, *to become*.

⁵¹ Lewis, *O Grande Abismo*, 89. Ver especialmente capítulos 10 e 11 (as personagens de Hilda e Parn).

⁵² Esse princípio perde o sentido apenas quando passamos a nos importar só pela imagem exterior. Cristo fala sobre o problema quando condena: "*Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Sepulcros caiados, bonitos por fora, mas por dentro cheio de ossos e podridão e impureza. Aparentais justos exteriormente diante dos homens, mas por dentro sois hipocrisia e iniquidade*" (Mateus 23.27-28).

⁵³ Emma Curtis Hopkins, *High Mysticism* (Del Rey, Calif.: DeVorse, 1974, citado por John Gaynor Banks, *The Master and the Disciple* (St. Paul: Macalister Park Publishing, 1954), 15.

⁵⁴ Tenho visto isso como sendo caso até de pessoas pensadoras, como professoras universitárias. Parece-me um paradoxo ver essa identidade sexualizada numa mulher cujo intelecto foi altamente desenvolvido, mas é o caso, a não ser que ocorra uma cura psicológica.

⁵⁵ Citado do ensaio de J. R. R Tolkien sobre contos de fadas.

⁵⁶ Ibid.

⁵⁷ Henri Nouwen, *Reaching Out* (New York: Doubleday, 1966), 22.

⁵⁸ Ibid.

⁵⁹ No sentido psicológico de ligar-se histericamente a outra pessoa.

⁶⁰ Termo técnico empregado por psicanalistas; em inglês, *to abreact*.

⁶¹ Ver especialmente o capítulo 4: "The Understanding and Treatment of Hysterical Personalities" e capítulo 11: "Homosexuality: The Development of an Androcentric Personality".

⁶² Ibid, 9.

⁶³ Ibid, 10.

⁶⁴ Em inglês, *schizoid position*. GS Ibid, (ref. 59), 940.

⁶⁵ Ibid, (ref. 59), 940.

⁶⁶ Tal sofredor nem sempre foge, como alguém me lembra quando escreve: "Vez após vez estendi as mãos buscando ajuda, mas ninguém parecia capaz de me ajudar. Eu completei vinte e nove anos antes de cair na armadilha de defesa de relacionar-me com outras mulheres e depois disso estive sob tratamento psiquiátrico por oito anos, em completa escuridão com a depressão".

⁶⁷ Citado por Ruth Pitter, em *Cartas a Ruth Pitter*, p. 2, Coleção Wade, Wheaton College, Wheaton, Illinois.

⁶⁸ Uma cópia dessa carta pode ser vista na Coleção Wade, Wheaton College, Wheaton, Illinois. A original está na Biblioteca Bodleian, Oxford. Apareceu também no livro de Sheldon Vanauken, *A Severe Mercy* (New York: Harper & Row, 1977), 146-47.

⁶⁹ Lake, Frank, *Clinical Theology*, 932.

⁷⁰ Ibid, 933.

⁷¹ Ibid, 401.

Capítulo 5

A crise de identidade conforme as Escrituras

⁷² Ibid, 429.

⁷³ Ver, de Payne, *Real Presence*, capítulo 7, "A Grande Dança".

⁷⁴ C. S. Lewis, *The Four Loves* (Os Quatro Amores: New York: Harcourt Brace and Co., 1960, capítulo 1).

⁷⁵ Estude a personagem de Mark Studdock em C. S. Lewis, *The Screaming Silence* (Aquela força hedionda).

Capítulo 6

Ouvir a Palavra que cura

⁷⁶ Madre Teresa de Calcutá talvez seja um dos maiores exemplos dessa verdade nos dias atuais. Ela vive conforme a imagem de Deus, fazendo o que o mundo julga impossível, e esse milagre de amor vem diretamente de sua adoração e seu

compromisso par com o seu Senhor.

⁷⁷ Uma visão que parece envolver até os poderes dos sentidos, em que os olhos físicos parecem ter, por um instante, uma percepção mais aguçada.

⁷⁸ *A oração imperativa dos primeiros cristãos.*

⁷⁹ *Lewis, The Four Loves, p. 174.*

⁸⁰ "Silence, the Portable Cell" (Silêncio, a cela portátil), *Sojourners*, julho 1980.

⁸¹ *NE.: A concordância aqui fica comprometida por tratar-se especificamente da pessoa de Deus no mistério da Trindade.*

⁸² *C. S. Lewis, Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer (New York:Harcourt, Brace and World, 1963).*

⁸³ *Lake, Clinical Theology, 40.*

⁸⁴ *Ibid.*

⁸⁵ *C. S. Lewis, Christian Reflections (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), 169.*

⁸⁶ *Este trecho apareceu primeiramente na revista Sharing, da ordem de São Lucas, a respeito de cura, agosto, 1950.*

⁸⁷ *Lewis, Mere Christianity,*

⁸⁸ *The Gulag Archipelago II, parte IV, capítulo 1, "Ascent"(New York: Harper & Row, 1975).*

⁸⁹ *C. S. Lewis, Reflections of the Soul (New York: Harcourt, Brace & World, 1958), 31-32.*

⁹⁰ *The Gulag Archipelago II, parte IV, capítulo 1.*

⁹¹ *C. S. Lewis, The Pilgrim's Regress: An Allegorical Apology for Christianity,*

Reason and Romanticism (Grand Rapids: Eerdmans, 1973).

⁹²Payne, *Real Presence*, 70.

⁹³ Nouwen, *Reaching Out*, 22

⁹⁴ Ibid.

⁹⁵ Ibid.

⁹⁶ Para um estudo da verdadeira imaginação, ver de Payne, *Real Presence*, capítulos 10 ("The Whole Imagination 1; Surprised by Joy") e 11 ("The Whole Imagination II: The Two Minds").

⁹⁷ Ibid, 131-32, citando *"the Oxford English Dictionary, edição compacta, verbete "imagination".*

⁹⁸ Ibid, 136-37.

⁹⁹ Ver C.S.Lewis, *The Problem of Pain* (New York: Macmillan, 1966), capítulo 1.

¹⁰⁰ Payne, *Real Presence*, 124.

¹⁰¹ C.S.Lewis, "Dogma and the Universe", *God in the Dock. • Essays on Theology and Ethics* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970).

¹⁰² Chambers, *My Utmost for His Highest*, Fevereiro 11.

¹⁰³ Ibid, Fevereiro 10.

¹⁰⁴ O grande romance mítico de C.S.Lewis, *Perelandra* (New York: Collier,1962) imagina a grande Dança no capítulo 17.

¹⁰⁵ Lewis, *The Problem of Pain*, 139.

¹⁰⁶ "Diz na Bíblia que todo o universo foi feito para Cristo e tudo será juntado para Ele". Lewis não sabe como isso se aplica às coisas que não o homem, mas gosta de

imaginar "que quando criaturas inteligentes entrassem em Cristo elas iriam, dessa forma, trazer todas as demais coisas juntamente com elas. Mas eu não sei, estou apenas supondo" (Mere Christianity, 170).

Apêndice

Ouvir nossos sonhos

¹⁰⁷ Um bloqueio de escritor nunca é apenas um bloqueio de escritor. Uma vez libertos, encontramos-nos também mais livres em outras áreas de nossa vida.

¹⁰⁸ A descrença e falta de confiança em Deus, é claro, eram os pecados a ser confessados, pois estavam por trás da emoção do medo.

¹⁰⁹ Não posso dizer com certeza que era este o caso, mas olhando em retrospectiva parece muito provável que sim.

¹¹⁰ N.E.: Nas Forças Armadas os comandos são dados através de toques de clarins. Esta a imagem usada aqui pela autora.

¹¹¹ Ver, de Payne, *Real Presence*, capítulos 5, 6 e 7.

¹¹² Para um estudo de sonhos no contexto de como Deus nos fala, recomendo de Herman H. Riffel: *Voice of God: The Significance of Dreams, Visions, Revelations* (Wheaton: Tyndale House, 1978).

¹¹³ Riffel, *Voice of God*, 85.

¹¹⁴ Payne, *Real Presence*, capítulo 11: "The Whole Imagination II: The Two Minds".

¹¹⁵ Ibid.

¹¹⁶ Chambers, *My Utmost, for His Highest*, 12 de dezembro. 207

ATENÇÃO

Se você precisa falar com alguém, ou quer contar com companheiros nessa jornada de transformação entre contato conosco, teremos alegria em conversar contigo.

deduda00@hotmail.com

novacriatura2008@yahoo.com.br